

PQ 9261

.C3 C78

1864



**INDIANA
UNIVERSITY
LIBRARY**

14.11

23.11.

Rats

CORAÇÃO, CABEÇA E ESTOMAGO

01
20



CORAÇÃO, CABEÇA E ESTOMAGO



LISBOA. TYPOGRAPHIA UNIVERSAL, RUA DOS CALAFATES, 110

CORAÇÃO
CABEÇA E ESTOMAGO

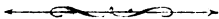
ROMANCE

POR

CAMILLO CASTELLO-BRANCO

SEGUNDA EDIÇÃO MELHORADA

(PRECEDIDA DE UMA CRITICA DO SR. A. A. TEIXEIRA DE VASCONCELLOS)



LISBOA
LIVRARIA DE A. M. PEREIRA
50, RUA AUGUSTA, 52

1864

byt

PQ 9261
.C3C 78
1864

INDIANA UNIVERSITY LIBRARY

7-24-68

DA SEGUNDA EDIÇÃO

A rapidez com que foi consummada a primeira edição d'este romance, é um dos raros exemplos, que, infelizmente para as lettras de Portugal, podemos citar.

Não se hade attribuir ao esmero do trabalho, nem aos dotes de phantasia d'este romance, a aceitação que o publico lhe deu. Muitos outros livros do mesmo auctor, reputados superiormente pela critica, esperaram muito maior espaço de tempo o triumpho— verdadeiro triumpho entre nós — da republicação. Seria, pois, a differença que vae d'este aos outros em materia de resguardo, moralisação, honestidade, e melindre? Decidam os leitores d'uns e outros, que a nós é indifferente o parecer, logo que o supremo juiz de gosto decidiu, bem ou mal, a questão.

A imprensa deu seu juizo favoravel: não sabemos, porém, se a imprensa mystica do paiz condemnou o livro: quer-nos parecer que a religiosi-

dade dos baluartes da fé não se intrometteria por estes pantanos pestilenciaes do romance. Isto é bom e deleitoso para espiritos que se não receiam de convisinhar com os abysmos. Mal vae ao leitor que se teme de ser desmoralisado pelo romance: não se deve fiar muito da sua virtude. O romance livre só tem máo sestro de estragar quem já estava mais estragado de exemplos vivos que de exemplos escriptos. A innocencia não vê a serpente debaixo das flores; o vicio o mais que póde é espantar-se e zangar-se de ver-se retratado. A sincera virtude, essa o que deseja é que o romancista não ponha o crime glorificado em exemplo de folgada vida e quieta consciencia.

D'entre os diversos juizos que sahiram a louvar este livro, o trabalho que vimos mais completo é um folhetim do sr. Antonio Augusto Teixeira de Vasconcellos. Reproduzimos-o com licença de seu auctor. E, posto que elle encerre censuras, que o auctor achou justas, os relanços censurados são ainda reimpressos, não por contumacia, ou amor proprio; mas porque o maximo numero de leitores se afeiçoaram a elles, e levariam a mal que lh'os mutilassem, sob pretexto de aperfeiçoar a obra. Um escriptor tem que respeitar a critica, sem desagradar a uma certa coisa, que ha, chamada o *sensu-publico*, entidade importantissima na popularidade d'um livro.

O EDITOR

BIBLIOGRAPHIA



CORAÇÃO, CABEÇA E ESTOMAGO

ROMANCE POR

CAMILLO CASTELLO-BRANCO



Dizia o nosso mui celebrado poeta, Nicoláu Tolentino de Almeida, escrevendo ácerca de um padre, que fôra mestre de rhetorica :

Se em rhetorico exercicio
Já soubeste as regras dar,
Eu tambem posso fallar,
Porque sou do mesmo officio.

Pois apesar da incontestavel auctoridade do grande satyrico portuguez, é raro, rarissimo, que homens do mesmo officio se louvem ou se critiquem. Vae cada qual no seu caminho, e os outros que apreciem como lhes parecer. É certo que ás vezes se encontram e se cortejam com benevolencia. Tem acontecido, mas por acaso.

Abona-se esta abstenção allegando que anda muito suspeita a sinceridade do louvor e o desinteresse da critica, quando o auctor do livro e o critico exercem egual mister. Parece valiosa a razão, e não presta. Bem servida estava a critica se tinha de esperar que houvesse um portuguez, que acreditasse na boa fé do seu semelhante ! Aqui é necessario remar contra a maré. Pois rema-se.

Ora eu sempre estive ás ordens da minha razão e mal sujeito ás opiniões alheias. Então em havendo coisa de que os outros se acautelem, já lavra em mim o desejo de a tomar como encargo, e por mais que faça, não lhe sei resistir.

Foi o que me aconteceu com o romance do sr. Camillo Castello-Branco. Nunca tinha lido este volume. Li o *Coração, Cabeça e Estomago*, de uma assentada. Gostei, peguei na penna, e resolvi escrever o que sentia a tal respeito.

Bem sei que o sr. Camillo Castello-Branco é romancista, e eu tambem. Não ignoro que publica romances no *Commercio do Porto*, e eu tambem. E vi e notei em França, que os escriptores do mesmo genero não exercem a critica escripta ácerca das obras dos seus collegas. Pois por isso mesmo. Elles apreciam de lingua em conversação particular. Eu gosto mais de o fazer por escripto, em publico, e do seguinte modo.

A obra do sr. Camillo Castello-Branco tem tres partes, como revela o titulo. A primeira diz respeito

ao *coração* de Silvestre da Silva, que não era dos piores. A segunda trata da *cabeça* do tal sujeito, que não seria de invejar. A terceira e ultima, é com o *estomago*, viscera infeliz desde a malfadada maçã do paraizo até ás alicantinas gastronomicas das respeitaveis casas de pasto, que honram a patria e o seculo.

Começa a primeira parte com a historia de sete mulheres. O numero foi bem escolhido porque, segundo as melhores estatisticas, é aquelle em que o sexo feminino excede o recenseamento universal do masculino, coisa que tem dado que pensar a meio mundo, e que rir á outra metade. Sete mulheres para cada homem, segundo a producção espontanea da natureza, santo breve da marca ! seria peor que na Turquia, onde a generosa lei do propheta apenas concede a cinco o titulo de legitimas !

Eu já agora não trato das taes sete mulheres. A pintura é fiel, mas as figuras do quadro foram delineadas pelo artista sem attenção a regras que não fossem de arte. A folha de parra está mal segura, e se lhe bulo, póde cair. N'este ponto declaro o livro perigoso, e approvo a piedosa intenção com que no Porto compraram logo mais de quinhentos exemplares, de certo para os queimarem em holocausto á moral. Ainda bem que ha gente zelosa dos costumes, senão ficava o reino envenenado !

Ha dois capitulos n'esta primeira parte, dos quaes um se intitula *A mulher que o mundo respeita*, e o outro *A mulher que o mundo despreza*. Já se vê

que o mundo respeita uma desafortadissima creatura, e despreza uma infeliz, lançada por mão alheia no abyssmo da miseria. Tem-se visto.

O mundo respeita muito o dinheiro e a grandeza. Não lhes pergunta pelo sexo. Se acertam cair em homem, viva o homem, ainda que seja o mais descarado malandro. Se incarnam em mulher, viva a mulher, ainda que seja a mais deslavada marafona. Querem saber a causa? Perguntem-a ao mundo. O sr. Camillo affiança a existencia do facto, e eu offereço-me para testemunha abonatoria.

E a virtude? Ora eu lhes conto. Era uma vez uma senhora franceza, que no fim do inverno presidia ao seu ultimo saráu antes de partir para o campo. Havia grande roda de senhoras e de homens, e cada qual gabava os prazeres da aldeia. Lembro-me que um tal mr. de Paravere, que lia a todos certa obra manuscripta ácerca das vindimas do arroz ou não sei de que outra tolice semelhante, citou *Beatus ille qui procul a negotiis* e *o sua si bona norint*.

A dona da casa, excellente pessoa e extremamente sociavel, ouvia e suspirava, até que, por entre um ai mais desafogado, exclamou: *Eu tambem adoro a solidão, mas com muita gente á roda de mim.* — J'adore la solitude avec beaucoup de monde! —

Pois assim diz o publico. Gosta da virtude, mas com muito dinheiro. Então sim. Não ha caridade de dezoito tostões que não venha na gazeta, nem bodo aos pobres que não mereça commenda.

Eu conheci um homem que empenhou o relógio para socorrer uma familia pobre, e tambem sei onde está um garoto que de um dinheiro roubado a uns orphãos dotou algumas donzellas. Este fez de santo em quantos noticiarios se imprimiram então. Da caridade do outro nem os protegidos fallam, porque não souberam nunca d'onde lhes veio o soccorro.

De tudo isto se deduz que o sr. Camillo Castello-Branco poz o dedo em uma chaga social. Fez o seu dever de romancista. Lave a mão porque o pus é sujo e venenoso, e siga no seu caminho. Nesta parte do romance ha originalidade na fórma. Na essencia não a podia haver, porque o assumpto está estafadete. O coração é a viscera mais discutida do corpo humano. Andamos todos com a mão sobre o nosso, e a outra sobre os alheios a contar-lhes as pancadas para escrevermos a respeito d'isto resmas de papel. Não repetir os outros, nem a si proprio em tal assumpto, já é um bom milagre.

E o sr. Camillo escreve com tanto chiste, com sabor tão nacional, e com tão profunda sciencia dos sentimentos portuguezes, que a idéa mais conhecida toma nos seus escriptos fórmas inteiramente originaes.

Vamos á segunda parte para não ter de me queixar de falta de espaço, que é a mais safada desculpa de redactores.

Á cabeça do sr. Silvestre da Silva faltava principalmente juizo, e por isso principiou em correspondente do *Periodico dos Pobres do Porto*, e aca-

bou na cadeia por sentença do meritissimo juiz da policia correccional.

Pois vae-se metter com a vida do sr. Anselmo Sanches, o advogado mais desavergonhadamente honrado dos auditorios do norte! Que lhe importava a elle a pureza de costumes do nosso querido doutor? Por isso malhou com os ossos na Relação, e foi muito bem feito.

Quantos Anselmos Sanches não ha por esse mundo vivendo muito desafortadamente com geral reputação de santinhos! E chovem-lhes as procurações no escriptorio, e em casa convites para jantar e para baile, á mistura com presentes ricos e recados das meninas nas cartas do pae! E os Silvestres da Silva fazem que não percebem. Por isso o doutor, quando falla d'elles, diz que são bons rapazes, e até lhes ajuda a arranjar um casamento rico com qualquer das taes meninas...! Bom serviço!!

O Silvestre do sr. Camillo exclamava que ha casos em que o silencio é um crime; pobre mancebo! Até uma vendedora de melões lhe está dando quináu quando diz: — *O calado é o melhor*. Pertence o mundo aos Anselmos Sanches. É escusado andarlh'o a disputar. E com isto não digo que não ha gente honrada. Isso ha. Mas vive muito caladinha e humilde, senão deshonram-a e apedrejam-a sem misericordia.

Quanto diz respeito á cabeça de Silvestre da Silva, é escripto com muita habilidade. Compre-

hende grande numero de assumptos, sobre cada um dos quaes o auctor ou já escreveu um livro ou ainda o ha de escrever. Quiz-me parecer assim quando li. Deus me perdoe, e o meu collega tambem, se me enganei.

O Porto leva por ali seus piparotes para ensino, e suas meiguices para que a correcção tenha caracter mais paternal. Não se queixem. Assim o querem, assim o tenham. Um escriptor em uma cidade grave e commercial, como é a minha querida patria, não vale meio guarda-livros. Não acha duzentos mil réis a credito, nem casa com a filha do proprietario do jornal, se ella tem dote. A sua maior gloria é saber que o assignante ao lêr o artigo ácerca da enfermidade das vinhas ou a respeito da abundancia da beterraba, disse bocejando: *Este pelintra não escreve mal ás vezes.*

Mas o tal rabiscador de papel, lembra-se um dia do critico, e estampa-o, por dentro e por fóra, nas paginas de um romance. Ri á custa do zote a rua inteira. Em casa a familia esconde-lhe o livro que já mandou comprar, e faz quanto póde para lhe poupar a vergonha de ver a propria caricatura e não dar por ella. É a desforra do talento. Quem for dorido, respeite-o ainda que o não aprecie.

Eu tenho pena quando vejo os meus portuenses chasqueados por algum homem de genio. Mas que hei de eu fazer a uma gente que não quiz para seu representante o Garrett? É o caso de lhes repetir :

Assim o querem, assim o tenham. Se eu tivesse autoridade para dar um conselho aos meus patricios, recommendava-lhes que não assanhassem os escriptores. Mais hoje, mais amanhã, elles prégam-lh'a na menina dos olhos, como se diz vulgarmente. A praça do commercio uiva de indignação, os paes de familia gritam, os Anselmos Sanches fungam maior numero de pitadas, e declamam contra a corrupção geral, mas as raparigas e os rapazes... o publico emfim, ri, e a coisa fica, e ás duas por tres sobe ao tablado do theatro, o que ainda é peor!

Vale mais pôr na rua dois caixeiros dos que sabem inglez e alemão do que enraivecer um redactor. Olhem que lhes fallo com o coração nas mãos.

O tal Silvestre da Silva aqui para nós tinha aduela de menos, mas os patuscos que na assembléa portuense se reuniam no palheiro tinham sem duvida... aduela de mais. Ora a experiencia mostra, que com aduela de mais ou aduela de menos, não dura muito o tonel, e ao primeiro murro de mão certa — zás — vão os tampos dentro.

Tudo isto lhes digo com amor. Cada gargalhada, que por aqui estou ouvindo á custa do Porto me aquece as orelhas, porque tambem de lá sou, mas... aqui não ha mas nem meio mas — o ridiculo é como o inferno. Quem lá caiu, ficou. *Nulla est redemptio.*

Encantou-me a terceira parte do romance, não pelo desenlace philosophico, mas pela admiravel fi-

delidade com que o sr. Camillo Castello-Branco copiou da natureza as scenas e linguagem da casa do sargento-mór de Soutêlo. Thomazia na cosinha, na eira, a cozer, á mesa, na despedida, e na volta da egreja no dia do casamento, não tem rival em nenhum romance portuguez que eu conheça. Aquelle trecho do livro parece-se com o quatuor do Rigoletto em bastar para constituir a reputação de um artista.

É mui difficil pintar bem os costumes portuguezes. A primeira difficuldade está em conhecê-los. Cumpre ir estudal-os nas terras mais afastadas do sertão, onde o chá é remedio para dores de barriga. Depois entra comnosco a duvida, se o quadro agradará aos leitores da cidade, desviados da primitiva singeleza nacional pela invasão dos usos francezes, e se a civilisação não exige que se dê aos pastores cajado de canna da India, e surrão de *moirè antique*. N'estas incertezas vamos desfigurando a verdade sem darmos por tal, e ao cabo os costumes que meditavamos fossem portuguezes, saemos francezes legitimos.

Já nem ha portuguezes. Essa gente que por ahi anda, que elege e é eleita, que faz leis no parlamento, e que as cumpre ou se insurge contra ellas, é gente estrangeira.

Pois são lá portuguezes estes senhores que dormem em camas de molas, cobertos com *édredon*, que almoçam chá *peko* e *uchon*, que *luncham paté de foie gras* e sardinhas de Nantes, que jantam sopa

à la julienne, bœuf à la mode, salmis de perdreaux aux truffes, e não sei quantas outras francezices; que aboliram a ceia domestica e que só a admittem na casa de pasto com má companhia? Onde procuraremos a nacionalidade dos que nunca leram fr. Luiz de Sousa nem Diogo Bernardes, e sabem de cór Theophilo Gautier e Alfredo de Musset? Estes portuguezes que dizem *deboche* e *assortimento*, *tomar a palavra* e *saltar aos olhos* são de Paris ou de Bordeus; de Lisboa ou do Porto de certo não, e ainda menos da Beira ou de Taz-os-Montes.

Por mais tolerancia que haja com as innovações, não se póde negar que o typo nacional se vae modificando de maneira que em breve encontraremos parisienses entre os janotas da Freixeneda e de Villa Real de Santo Antonio. Bom é que os costumes nacionaes se archivem nos escriptos contemporaneos. Bem haja o sr. Camillo em lhes dar os seus romances para Torre do Tombo.

Agora devo tambem dizer o que me não agradou no romance—*Coração, Cabeça e Estomago*. Foram algumas liberdades da primeira parte, e certas palavras desusadas, que se encontram espalhadas no livro, verdade seja com discreta parcimonia.

As taes liberdades parecem-me inuteis. Quem possue tão rica provisão de sal attico, porque hade salgar com outro? Mas d'esse é que o publico gosta. Pois deixal-o gostar. O sr. Camillo, que prima no valor e ousadia de affrontar as opiniões dos catur-

ras, despreze mais uma, e ajude a reformar o gosto voltando as costas a essa popularidade. Qualquer sandeu lhe deitará a barra adiante nas pinturas desenvoltas. Nos primores de arte não, e esta é a sua elevada missão.

Pelo que pertence ás palavras antiquadas, é certo que de algumas se póde dizer que nos seriam uteis, e que aformoseariam a boa linguagem portugueza, porém não me parece que sejam os romances os escriptos mais proprios para essa renovação. Comece nas obras academicas, appareça nos tratados de sciencia, invada os livros de historia, e mostre-se nos artigos litterarios dos periodicos. D'ahi entrará no uso commum, e então poderá o romancista servir-se do restaurado instrumento.

Obrigar uma senhora a ler um romance com os dois volumes de Moraes ao lado, é um desamor para com o bello sexo, que desdiz—*si vera est fama*—das propensões mais conhecidas do sr. Camillo Castello-Branco. E depois não sabe o illustre escriptor que sem o cuidar vae obrigando os seus numerosos imitadores a lerem do principio ao fim o Santa-Rosa de Viterbo e o Moraes para escreverem trechos de prosa que ninguem entende? D'estes se póde dizer com um poeta hespanhol:

Entendes, Fabio, o que te estou dizendo?

De certo que o entendo.

Tu mentes, Fabio!

Que eu proprio que t'ó digo, o não entendo.

Já vi, na mão de um cadete de litteratura, uma lista de termos obsoletos colhidos no dictionario para condimentar varios artigos de politica, que o bom do mancebo tencionava escrever.

Eu tenho dito e não me canço de repetir que os bons escriptores do seculo decimo sexto usavam da linguagem do seu tempo, e que n'esse discreto empenho os devemos imitar, usando da que mais geralmente é adoptada pelos contemporaneos auctorizados.

Pois se alguem póde sujeitar-se a este preceito do bom gosto, e salutar conselho meu, é o sr. Camillo Castello-Branco, cuja riqueza de estylo e de linguagem não carece de ornatos comprados nas lojas dos ferros-velhos quinhentistas. A sua natural propensão é para a dicção contemporanea mais apurada e culta. Não a contrarie, que ha de ter em breve na mão o bastão de marechal dos prosadores portuguezes. A prova está nas primeiras vinte paginas das *Memorias do Carcere*, e não sei se no resto porque ainda não tive tempo de concluir a leitura.

Á Thomazia do *Coração, Cabeça e Estomago*, devo o que li das *Memorias do Carcere*. Gostei tanto, que fui procurar outra obra do sr. Camillo, e fiquei a ler até ás 4 horas da manhã. D'ahi me resultou uma inflammação de olhos que ainda agora me afflige desde o dia 18 de outubro. Bem me dizia um portuense meu conhecido que o não ler,

nem os letreiros nas ruas, era a melhor coisa de que elle tinha noticia, tanto para a alma como para o corpo.

Já agora não tomo lingua. Se não morrer lendo, a escrever de certo morro. Muito matreira será a morte, se me pilhar sem a penna entre os dedos. Pois quando eu concluir a leitura das *Memorias do Carcere*, direi d'esses dois volumes e do seu auctor o muito que me fica por dizer agora.

O sr. Camillo Castello-Branco é o nosso primeiro romancista e hade ser por certo, se o quizer ser, um dos mais discretos prosadores portuguezes. O voto não admitte suspeição, porque é de homem do mesmo officio.

24 de Outubro de 1862.

A. A. TEIXEIRA DE VASCONCELLOS.

ADVERTENCIA DO AUCTOR

Folheando novamente os manuscriptos de Silvestre da Silva, encontrei algumas paginas que merecem ser intercaladas n'esta segunda edição de suas memorias.

A sympathia, que o meu defuncto amigo grangeou posthumamente na republica das letras e das tretas, impõe-me o dever de empurrar portas dentro da immortalidade tudo que lhe diz respeito.

O meu amigo Antonio Augusto Teixeira de Vasconcellos achou que Silvestre algumas vezes abusava do vocabulario dos euphemismos. Tambem me parece que sim. Mas já agora deixemos o defuncto com a sua responsabilidade, e tenhamos esperanças de que elle se salvará primeiro que o auctor da *Fanny*, livro tão querido das familias !

Aqui vem a ponto dizer como Lopo de Vega, na
ARTE NUEVA DE HACER COMEDIAS.

*Sustento en fin lo que escribi y conozco
Que aunque fuera mejor de otra manera,
No tuvieran el gusto que han tenido
Por que ás veces lo que és contra el justo
Por la misma razon deleita el gusto.*

O AUCTOR

PREAMBULO

— O meu amigo Faustino Xavier de Novaes conheceu perfeitamente aquelle nosso amigo Silvestre da Silva...

— Ora, se conheci!... Como está elle?

— Está bem: está enterrado ha seis mezes.

— Morreu?!

— Não morreu, meu caro Novaes. Um philosopho não deve acceitar no seu vocabulario a palavra *morte*, senão convencionalmente. Não ha morte. O que ha é metamorphose, transformação, mudança de feitio. Pergunta tu ao doutissimo poeta José Feliciano de Castilho o destino que tem a materia. Dir-te-ha a teu respeito o que disse de Ovidio, sujeito que não era mais material que tu, e que o nosso amigo Sil-

vestre da Silva. « Ovidio cadaver — pergunta o sabio — onde é que pára? Tudo isso corre fados mysteriosos, como Adão, como Noé, como Romulo, como nossos paes, como nós, como nossos filhos, rolando pelos oceanos, fluctuando nos ares, manando nas fontes, correndo nos rios, aggregado nas pedras, sumido nas minas, misturado nos solos, viçando nas hervas, rindo nas flores, rescendendo nos fructos, cantando nos bosques, rugindo nas mattas, rojando dos vulcões, *etc.* ¹ » Isto, a meu ver, é exacto, e, sobre tudo, consolador. O nosso amigo Silvestre da Silva, a esta hora, anda repartido em particulas. Aqui, faz parte da garganta d'um rouxinol; além, é pétala d'uma tulipa; acolá, está consubstanciado n'um ôlho de alface; póde ser até que eu-o esteja bebendo n'este copo d'agua, que tenho á minha beira, e que tu o encontres nos sertões da America, alguma vez, transfigurado em cobra-cascavel, disposto a comêr-te, meu Faustino.

O que te eu assevero é que elle deixou de ser Silvestre da Silva, ha seis mezes, posto que os parentes teimam em lhe ter uma lousa sobre o chão, onde o estiraram, com esta mentira: AQUI JAZ SILVESTRE DA SILVA.

Pois é verdade.

O nosso amigo começou a queixar-se, ha de haver um anno, de falta de appetite, e frialdade de es-

¹ *Grinalda de Ovidio.*

tomago, effeito das indigestões. Foi a banhos de mar á Povia de Varzim, e só tomou tres, porque perdeu o dinheiro em duas cartas da sua paixão, e voltou para casa a castigar-se do vicio, tomando banhos de chuva, e leites quinados. Foi de mal a peor. Desconfiou que passava a outra metamorphose, e deu ordem aos seus negocios da alma com a eternidade. Dos bens terrenos não fez deixação, porque lá estavam os credores, seus presumptivos herdeiros, ainda que alguns d'elles declinaram a herança a beneficio de inventario, lamentando que em Portugal não fosse lei a prisão por dividas: parece que os irritou a certeza de que o cadaver insolvente não podia ser prezo. Em outro ponto, te darei mais devida noticia desta catastrophe.

Eu fui o herdeiro dos seus « papeis ». Alguns credores quizeram disputar-m'os, cuidando que eram *papeis de credito*. Fiz-lhes entender que eram pedaços d'um romance; e elles, renunciando á posse, disseram que taes pataratices deviam chamar-se *papellada*, e não *papeis*.

Aceitei a distincção como necessaria, e retirei com a papellada, resolvido a dal-a á estampa, e com o producto d'ella ir resgatando a palavra do nosso defuncto amigo, embolsando os credores. Fiz um calculo approximado, que me anima a asseverar aos credores de Silvestre da Silva que hão de ser plenamente pagos, feita a decima edição deste romance.

Aqui tens tu uma acção, que deve ser extremamente

agradável ás moleculas circumfusas do nosso amigo. Espero que Silvestre ainda venha agradecer-me o culto que assim dou á memoria d'elle, convertido em aroma de flôr, em lympha de crystalina fonte, ou em ambrosia de vinho do Porto, metamorphose mais que muito honrosa, mas pouco admirativa n'elle, que foi deste mundo já saturado em bom vinho. É opinião minha que o nosso amigo, a esta hora, é uma folhuda parreira.

Vamos á papellada, como dizem os outros.

Tenho debaixo dos olhos, mal enxutos da saudade, tres volumes escriptos da mão de Silvestre.

O primeiro, na lauda, que serve de capa, tem a seguinte inscripção em letras maiusculas: CORAÇÃO.

O segundo, menos vo'umoso, diz: CABEÇA.

O titulo do terceiro, e maior volume, é: ESTOMAGO.

Nenhum delles designa época; mas quem tiver, como eu, particular conhecimento do individuo, pode, sem grande erro chronologico, datar os tres manuscritos.

O *Coração* reina desde 1844 até 1854. São aquelles dez annos em que nós vimos Silvestre fazer tolice brava.

Em 1855 notamos a transfiguração do nosso amigo, que durou até 1860, época em que tu já tinhas trocado o patrimonio da estima dos teus conterraneos pelas lentilhas do novo-mundo. Não viste, pois, a transição que o homem fez para o estomago, sepultura indigna das santas chimeras, que o enton-

teceram na mocidade, e consequencia funesta da má direcção que elle deu aos projectos, raciocinios, e systemas da cabeça. Podemos assignar tempo ao terceiro volume, desde 1860 até fim de 64, em que o auto-biographo se desmanchou do que era para se arranjar d'outro feitio.

Silvestre, como sabes, tinha muita lição de mãos livres. Olha se te lembras que os seus folhetins eram um viveiro de immoralidades vestidas, ou nuas, á franceza. Jornal em que elle escrevesse, morria ao fim do primeiro trimestre, depois de ter matado muitas illusões. Quem hoje desembrulha um queijo flamengo, e lê no envolucro um folhetim de Silvestre, mal pensará que tem entre mãos o passaporte de muita gente para o inferno. Não ha muito que eu, despejando uma quarta de mostarda n'um banho de pés, li o papel, que a contivera, e achei o seguinte periodo de um folhetim do meu saudoso amigo:

«Diz Petronio que fôra o medo que inventara as divindades.

«Deus é o que é. O homem é o pequenissimo bicho da terra, de que falla o Camões.

«Entre Deus e o homem, só a soberba estúpida do homem podia inventar convenções, concordatas, obrigações, e alianças.

«O sagui é muito menos estúpido, e mais modesto. Come, bebe, dá cabriolas, faz caretas ao máo tempo, coça-se ao sol, retouça-se á sombra, vive, e acaba feliz, porque se não receia de vir a ser homem.

« A estolidez do homem! Diz elle empapado de vaidade tola: — « Deus tem os olhos em mim! » — Que importancia! Deus tem os olhos n'elle! Se assim fosse, havia de ver bonitas coisas o creador do homem que mata seu irmão!

« Os olhos n'elle, para que? Para envergonhar-se a cada hora da sua obra!...

« É a blasphemia em todo o seu asco!

« Rebalsa-te em sangue, miseravel vampiro! Emperla os teus cabellos, meretriz, que deixas morrer tua mãe de fome! Mãe infame, come ahi em toallas de Flandres o preço da deshonra de tua filha! Ostentae-vos, vermes, aos olhos de Deus, que estão pasmados em vós!...»

Ainda bem que o fragmento findava n'isto, senão eu teria a imprudencia de t'o dár inteiro n'esta copia, em que senti as repugnancias do pulso. Vê tu que missionario era aquelle Silvestre! Que ceifa de almas fez o empreiteiro das trevas inferiores n'aquelles annos!

Eu de mim pude salvar-me, estudando, como sabes, a theologia a fundo. Tu tambem te salvaste, penso eu, justamente porque não sabias coisa nenhuma de theologia, e acreditavas na religião de teus paes, visto que a base fundamental da tua crença era a caridade. Acertou de ser isto n'um tempo em que tu pedias esmola para as freiras de Lorvão, e eu, tambem comtigo, pedia esmola no theatro de S. João, para o poeta Bingre.

Recorda-te, Novaes ; mas não chores. Faz como eu: ergue o peito de sobre a banca do trabalho, e sacode a lagea que te está pesando nas costas... Olha a vaidade! Teremos nós sepultura com lagea!? Conta com um cômarosinho de terra, e umas papoulas na primavera, e uma taboa preta com um numero branco. A arithmetica ha de perseguir-me além da morte!

Atemos o fio.

Os manuscriptos de Silvestre careciam de serem adulterados para merecerem a qualificação de romance. É coisa que eu não faria, se pudesse. Acho aqui em paginas correntemente numeradas successos sem ligação nem contingencia. Umás historias em principio, outras que começam pelo fim, e outras que não tem fim nem principio. Póde ser que eu, alguma vez, em notas, elucide as escuridades do texto, ou ajunte ás historias incompletas a catastrophe, que succedeu em tempo que o meu amigo se retirara da sociedade, onde deixara a viscera dos affectos.

No volume, denominado CORAÇÃO, encontro algumas poesias, que não traslado, por desmerecerem publicidade, sobre serem imprestaveis ao contexto da obra. Não designam as pessoas á quem foram dedicadas, nem me parecem coisa de grande inspiração. Silvestre, em poesia, era vulgar ; e a poesia vulgar, mormente na patria dos Junqueiras, dos Alvares de Azevedo, dos Casimiros d'Abreu, e dos Gonçalves

Dias, é um peccado publical-a. Sonego, pois, as poesias, em abono da reputação litteraria do nosso amigo ¹.

Basta de preambulo.

¹ Este prologo foi escripto designadamente para ser impresso no Rio de Janeiro.

PRIMEIRA PARTE

CORAÇÃO

Coisas ha hi, que passam sem ser cridas,
E coisas cridas ha sem ser passadas...
Mas o melhor de tudo é crer em Christo.
CAMÕES. (Soneto.)

SETE MULHERES

I

O meu noviciado de amor passei-o em Lisboa.
Amei as primeiras sete mulheres que vi, e que me
viram.

A primeira era uma orphã, que vivia da caridade
de um ourives, amigo do seu defuncto pae. Chama-
va-se Leontina. Fiz versos a Leontina, sonetos em
rima facil, e muito errados, como tive occasião de
verificar, quando os quiz dedicar a outra, dois an-
nos depois.

Leontina não tinha calligraphia nem idéas; mas
os olhos eram bonitos, e o geito de encostar a face
à mão tinha encantos.

Era minha visinha. Por desgraça tambem era meu
visinho um algibebe que morria d'amores por ella,

e, à conta d'este amor, se ia arruinando, por descuidar-se em chamar freguezia, como os seus rivaes, que saíam á rua a puxar, pelos individuos suspeitos de quererem comprar. Aristocratisara-o o amor: envergonhava-se elle de taes alicantinas, debaixo do olhar distrahido da mulher amada.

Odiava-me o algibebe. Recebi uma carta anonyma, que devia ser sua. Era laconica e summaria: « se não muda de casa, qualquer noite é assassinado. » Pouco mais dizia.

Contei a Leontina, em estylo alegre, com presumpçoso desprezo da morte, o perigo em que estava minha vida, por amor d'ella. Indiquei o algibebe como auctor da carta. A menina, que tivera o desfastio de lhe receber n'outro tempo algumas, conheceu a letra mal disfarçada. Tomou-lhe raiva, fez-lhe arremessos, e induziu a criada a atirar-lhe com uma casca de melão, que lhe sujou um collete de veludinho amarello e verde com listas encarnadas e pintas rôxas. Que collete!

Passados tempos, Leontina desapareceu com a familia; e, ao outro dia, recebi d'ella um bilhete, escripto em Almada. Dizia-me que o algibebe escrevera ao seu padrinho uma carta anonyma, denunciando o namoro commigo. O padrinho ordenou logo a saída para a quinta de Almada.

O padrinho era o ourives, sujeito de cincoenta annos, viuvo, com duas filhas mulheres, das quaes amargamente Leontina se queixava. As filhas do ouri-

ves, receiando que o pae se casasse com a orphã, que-riam-lhe mal, e folgavam de a ver nas prezas de alguma paixão, que a arrastasse ao crime, para assim se livrarem da temerosa perspectiva de tal ma-drasta.

E o certo é que o ourives pensava em casar com Leontina, logo que as filhas se arrumassem. Estas, porém, sobre serem feias, tinham contra si a repu-gnancia do pae no dotal-as em vida. Ninguem as queria para passatempo, e menos ainda para espo-sas.

Picado pelo ciume, abriu o ourives seu peito á orphã, e offereceu-lhe a mão, e uma pulseira de bri-lhantes n'ella, com a condição de me esquecer.

Leontina disse que sim, cuidando que mentia; mas passados oito dias, admirou-se de ter dito a verdade. Nunca mais soube de mim, nem eu d'ella; até que, um anno depois, a criada, que a servia, me contou que a menina casara com o padrinho, e que as enteadas, coagidas pelo pae, se tinham ido para o recolhimento do Grilo com uma pequena mezada, e a esperança de ficarem pobres. Não sei mais nada a respeito da primeira das sete mulheres que amei, em Lisboa.

NOTA

Eu sei mais alguma coisa, que merece chronica.

Leontina subjúgou o animo do marido; descobriu que elle era rico, e gosou quanto podia das regalias do mundo, ás quaes vivéra estranha até aos vinte e quatro annos. O ouri-

ves tomou o gosto aos prazeres, e esqueceu o valor do dinheiro, excepto o que dava ás filhas, que lhe sabia da secretária com pedaços de vida. Começaram pelos arlequins e pelos touros; e acabaram no theatro de S. Carlos o refinamento do gosto.

Leontina andou fallada na sua roda, como esposa fiel, e admiravel vencedora de tentações. Quasi todos os amigos particulares do marido a cortejaram, sem resultado. Deu bailes em sua casa, d'onde era frequente sairem os convidados penhorados, ás quatro horas da manhã; mas, d'uma vez, não saíram todos; ficou um escondido no quarto da criada, e lá passou o dia seguinte. O ourives ignorou muito tempo que a sua lealdade não era dignamente correspondida: porém, suspeitando um dia que a criada o roubava, fez-lhe uma visita domiciliaria ao quarto, sem prevenir a esposa, e achou lá o filho de seu primo Anselmo, dormindo sobre a cama da moça, com a segurança de quem dorme em sua casa. Estava de moiras amarellas, e vestia um chambre de lã do dono da casa! É escandalo e mangação!

Foi chamada Leontina a altos gritos. Acordou o filho de Anselmo, e foi procurar na algibeira do paletó um *revolver*. O quinquagenario viu cinco bocas de ferro, mais persuasivas que a *boca-d'oiro* de Chrysostomo, o sancto. Passou ao andar debaixo, e gritou pelo codigo criminal. Leontina tinha fugido para casa da sua amiga e visinha D. Carlota, pessoa de hypothetica probidade. O escandaloso possessor do chambre despiu-o, vestiu-se, sacudiu as moiras amarellas, sentou-se a calçar as botas, accendeu um charuto, desceu as escadas serenamente, e encontrou-se no pateo com dois cabos de policia e um municipal. D'ali foi para o administrador, que o mandou reter até ultteriores explicações.

Leontina, dias depois, foi para o convento da Encarnação, onde esteve dois annos, e d'onde sahiu a tomar caldas em Torres Vedras, por consenso do marido, que a foi lá visitar e de lá foi com ella á exposição a Londres. Da volta

da viagem, o ourives morreu hydropico, legando ás filhas umas inscripções, que rendem para ambas um cruzado diario, e á esposa uma independencia farta em titulos bancarios e em generos de ourivesaria.

Consta-me que Leontina se lembrara então de Silvestre ; mas ignorava que destino elle tivesse. Incumbiu um compadre de indagar se estava no Porto o homem ; a resposta demorou-se alguns dias, sete creio eu, e ao sexto já ella estava em indagações da vida e costumes d'um sujeito de bigode e péra, que á mesma hora de cada tarde lhe passava á porta n'um tylburi, tirado por uma orça. Facil lhe foi saber que o sujeito fôra, cinco annos antes, algibebe, tirára o premio da loteria de Hespanha, e fechára a loja. Era o mesmo algibebe que levára no collete de veludilho com a casca de melão. Que mudança de cara e de maneiras elle fizera ! O dinheiro faz estas mudanças, e outras mais espantosas ainda. Chegaram á falla, deram-se explicações, e cazaram. Eu tive occasião de os ver hontem no seu palacéte a Buenos-Ayres. Estão gordos, ricos, e muito considerados na sua rua.

II

A segunda era tambem minha vizinha. A casa, em que eu vivia, formava o cunhal d'um quarteirão, com janellas para duas ruas. Assim podia eu passear os dois corações d'uma para outra janella sem dar suspeitas da minha doblez.

Nunca pude saber o nome da dama, nem lhe vi a preceito a cara. Entreluziam-lhe os olhos nas taboinhas verdes das persianas, olhos que abonavam o restante das bellezas. Vi-a uma ou outra vez na rua ; mas o meu pudor era o mais vigilante anjo-da-guarda que ella tinha. Escrevi-lhe uma carta em

vinte paginas, e icei-lh'a n'uma cartonagem de amendoas, que ella, á meia noite, pendurou da janella. No dia seguinte não a vi. Affligi-me até á desesperação, tomando como zombaria semelhante resposta á minha carta. Desafoguei na sincera amisade de um amigo, e este consolou-me, dizendo que a mulher podia estar doente, podia estar apaixonada; e na segunda hypothese, fugia á paixão para respeitar os deveres, se os tinha.

Ao outro dia, abriu-se a janella, e a persiana baixou logo, como era d'uso. As taboinhas obedeceram ao impulso da mão divina, ficando horisontaes. Vi-lhe os olhos, vi-lhe o sorriso, vi-lhe um tregeito de gratidão, e comprehendí que me mandava ir á meia-noite debaixo da janella.

Fui com uma legião de amorinhos a volitar ao redor de mim. A patrulha viu-me atravessar a rua, e conheceu, pelo passo, que eu era um mortal ditoso. Parou, quando eu parei. Perguntou-me o que fazia eu ali quieto. Respondi-lhe que tomava a fresca; e os janisarios responderam: « Veja la que se não constipe... »

D'ahi a pouco, desceu a coifinha com um bilhete em abraço, e eu lancei na coifa uma poesia intitulada: ELLA !

Entrei no meu quarto, abri o papelucho, e li :

« Gosto muito do seu estylo. Continue, que me « entretém. Hontem não lhe appareci, porque fui a « Oeiras, e li a sua carta na presença de Neptuno. « Escreva muito, que escreve muito bem. »

Reli esta coisa, e puz a mão sobre o coração injuriado. Não podia dormir. Sahi a resfriar a cabeça para não a partir em casa. O escarneo ia atrás de mim, apupando-me. Parei na azinhaga do Arco-do-Cego, e senti-me febril. Ás cinco horas da manhã, fui a uma das barcaças, e tomei um banho no Tejo. Recolhi-me com uma catharral, e estive onze dias de cama. Quando me ergui, magro e livido, ouvi dizer á dona da casa que o gallego, aguadeiro da casa fronteira, viera duas vezes perguntar por mim, com ordem de alguém. O espinho da irrisão, o tremendo *ridiculo*, salvou a minha dignidade. Nunca mais abri aquella janella, nem vi mais a vizinha. Assim terminou o meu segundo amor.

Um acaso me fez saber quem era aquella senhora, que eu desculpo e até respeito. Fôra menina de finissima educação, natural de Beja. Apaixonou-se por um conde de Lisboa, e fugiu aos paes, cuidando que a ignominia lhe viria a dar um marido. O conde deu-lhe casa, mesada, e criados. Assim estava vivendo, quando a eu conheci. Era amarga a existencia da pobre senhora. O amante casára mezes antes, para desempenhar o vinculo deteriorado. Do patrimonio da esposa alargou a mesada á amante, que bebia, Deus sabe com que lagrimas, este segundo calix de vilipendiosa dependencia. Escrevera ella n'esse tempo ao pae, pedindo-lhe perdão e asylo. Nunca teve resposta. Quando me deram estes esclarecimentos (1854), continuava ella a viver a expen-

sas do conde, e tinha um filho de cinco annos. Não sei mais nada. Ainda ha pouco li o bilhete, recebido em 1849, e achei-lhe muitissima graça. Deus lhe perdôe a noite que me deu e os onze dias de catharro, que me estragaram os bronchios para sempre ¹!

Era a terceira uma dama quarentona, que frequentava a casa em que eu me hospedára. Tinha ella um mano, muito mal encarado, e vestido marcialmente, como *capitão da carta*, que era. A sr.^a D. Catharina bailava gentilmente, conversava com todos os pespontos de tagarella muito lida em Eugenio Sue, e conhecia todos os atalhos que conduzem á posse d'um coração noviço. Declarou-se commigo e eu, urbanamente, acudi ao seu pejo, confessando que já me tinha primeiro confessado amante com a eloquencia do silencio. Trocamos algumas cartas, e n'uma das suas me disse ella que era proprietaria de bens de raiz, que valiam seis contos de réis, e tinha, afora isso uns dez burrinhos em Cailhas, que annualmente lhe rendiam cento e cin-

¹ Chamava-se Margarida a dama. Viveu ainda até 1857, e morreu da febre amarella, e o filho tambem. Conta-se que o conde, receioso do contagio, não ousara vir a Lisboa, das Caldas da Rainha, onde estava, quando Margarida o mandou chamar para despedir-se. Morreu contemplando os paroxismos do filho. Os criados abandonaram-na no ultimo dia. Estava sósinha quando expirou. O conde está optimo de saude, e transferiu a mobilia de Margarida para os aposentos de uma criada, que a condessa expulsou de casa...

coenta mil réis. Cuidou que me seduzia com o supplemento dos burrinhos ! Respeito muito os burros; mas tanto não ! Não respondi a este artigo. Fallei-lhe do meu coração, assumpto sublime de mais para ser conspurcado no cadastro dos lucros provenientes do dote quadrupede de D. Catharina.

Uma noite, foi-me concedido ir fallar-lhe debaixo das janellas. Morava ella muito longe, em rua de raros moradores, n'uma casa de um só andar. Tinha eu de costume ir a cavallo até á entrada da rua, e ali me ficava esperando o criado. Foi a minha salvação uma noite ! O capitão da carta ergueu-se desconfiado, e entrou de espada em punho no quarto da irmã subitamente.

Era em agosto: estava aberta a janella, e nós, sem invocarmos Klopstock, como os amorosos de Goethe, miravamos as duas ursas, se eram as ursas umas grandes estrellas que Catharina chamava suas, e das quaes fazia favor de me dar uma.

Cortado este doce colloquio pelo bruto de gladio nu, saltei da janella á rua, e o ferocissimo capitão saltou nas minhas costas, tendo-lhe eu apenas a vantagem de tres passos em honrosa fuga. O homem tinha desnocado um pé no salto, e perdera a esperança de me degolar. Gritou *agarra*, e a patrulha, que, felizmente dormia longe do sitio, acordou a tempo que eu cavalgava, deixando o criado em risco de ser preso, e no maior risco de me denunciar.

No dia seguinte, escreveu-me Catharina appellando

para o meu cavalheirismo. Dava-se como perdida no conceito do mundo e do irmão, se eu não me dêsse pressa em casar com ella. Respondi com sinceridade que era muito novo para tomar um estado a que não estava *de modo nenhum* obrigado o meû cavalheirismo. Aquelle dizer « de modo nenhum » feriu tão dentro a susceptibilidade da dama, que, em vez de replica escripta, veio ella mesma pedir-me explicações com furial aspecto e tregeitos de energúmena. Tomei-lhe medo ; mas nem assim casei. Quem tinha resistido á seducção dos burrinhos, não succumbia ás ameaças da espada ferina do irmão, a qual, a meu ver, podia disputar virgindade ás vestaes romanas. Catharina, é que, já, dez annos antes de me ver, não podia competir em recato e pureza com a espada fraterna. Eu disse-lhe isto em linguagem oriental, e ella respondeu-me em termos, que depunham inexoraveis contra a innocencia de costumes, que a colerica senhora allegava.

Acabou isto assim. O bravo official portou-se bem commigo, d'ahi em diante. A senhora cahiu em si, e viu que não tinha razão. Deixou-me.

Cinco annos depois, pedi em Lisboa noticias da sr.^a D. Catharina, e soube que ella estava no Pará e seu irmão, senhores de alguns centenaes de contos, herdados de um tio. Esperavam-se então na côrte, visto que D. Catharina mandára comprar um palacio arruinado em Bemfica, e apressar a reedificação com a maxima opulencia de architectura. Perguntei

pelos burrinhos de Cacilhas, e o maganão, a quem fiz a pergunta, disse-me que procurasse uns no ministerio, e outros no parlamento. Era um destes Voltaires do «Chiado» que *fazem espirito*, mesmo á custa dos seus parentes e amigos.

III

Ninguem me hade acreditar a historia da quarta mulher. Quer creiam, quer não, ella ahi vae com pouca arte, a ver se a sua mesma desnudez a faz menos incrivel.

Fui um dia de agosto, a Porto-Brandão, onde estava a banhos um meu amigo. N'uma quinta para lá da encosta, houve uma reunião de familias de Lisboa, á qual fui convidado. O meu amigo apresentou-me a um cavalheiro, que me tomou o braço, e me apresentou a algumas senhoras, todas galantes, palreiras, e doutoras em Paulo de Kock.

Pedi miudos esclarecimentos ácerca de todas, e particularmente da mais bonita e modesta. O cavalheiro de todas disse mal, mal, porém, que eu indultei cordialmente, defeitos que são enfeites, vicios que alindam as formosas, e denigrem as feias. O crime de todas era a casquilhice, que o leitor póde, se quizer, traduzir para *coquetterie*. Amavam toda a gente, segundo o informador. Fiquei satisfeito, cuidando que o amarem ellas toda a gente, era boa probabilidade para eu ser amado. Eu não queria mais nada.

Languiram em dôce ternura meus olhos, fitos na mais amavel das quatro. Algumas vezes nossas vistas se encontraram, e disseram profundos mysterios da alma. Fugi outras vezes da sala, e fui a uma varanda, d'onde se ouvia o bramido do oceano, cazar as melodias do meu amor com as dissonancias formidolosas do estrugir das ondas. A lua prateava-me a testa, em que o sangue, aquecido no coração, subia em arquêjos d'aquella poesia, que não sae em rimas, e enlouquece, se a paixão a não desafoga em suspiros. Aquillo é que era!

Eu queria communicar a exuberancia da minha ventura; mas tive sempre para mim que a felicidade quer-se recatada para não suscitar invejas: é ella como a fina essencia das flores distilladas, que perde o aroma, destapado o crystal que a encerra. Não contei nada ao meu amigo; simulei até desapêgo das mulheres mais bellas do baile, e da preferida nem se quer fallei.

Ao romper d'alva, vi que um rancho de meninas desciam ao jardim, e colhiam flores. A minha amada ficou á janella conversando com senhoras edosas. «Tragam-me a mim uma rosa de musgo» disse ella ás amigas. E as amigas volveram sem a rosa. Desci ao jardim, colhi duas rosas aljofradas das lagrimas da aurora, pedi licença para lh'as offerecer, e disse: «Não as enxuguei, para não privar as florinhas das caricias de um anjo.»

Este meu dito foi celebrado em Porto-Brandão.

D'aqui, encetamos um colloquio, em que o meu acanhamento foi digno de lastima. Perguntei-lhe abruptamente onde morava; e ella, com a mais casta naturalidade, respondeu-me :

« Moro na rua da Rosa das Partilhas n.º 101, segundo andar. »

N'aquelle dia vim para Lisboa, visto que o meu amigo se retirava. Quinze dias seguidos fui á rua da Rosa, e vi sempre fechadas as janellas do segundo andar.

Defronte, morava uma estanqueira. Afregueizei-me para lhe captar a benevolencia: e, ao decimo sexto dia, perguntei-lhe quem morava n'aquella casa. « Ali mora um sujeito, que é empregado no contracto do tabaco » disse ella.

— E tem familia ?

— Tem, sim, senhor. Vejo lá umas duas ou tres meninas que me parecem irmãs d'elle ou coisa parecida.

— Uma d'olhos pretos e cabellos côr de azeviche, será irmã?

— A fallar-lhe a verdade, senhor, a côr, que ella tem nos olhos e no cabelo, não na sei. Ali ha uma bonitota, que é mais triste que as outras, e está sempre a ler, aos dias santos. As outras tem assim um ar de doidas, que faz rir a gente. Namoram de lenço branco, e á meia noite estão á janella a papaguear para a rua, que é mesmo um escandalo. Que eu, a fallar a verdade, metto-me cá com a minha vida, e não quero saber quem é, nem o que faz a visinhança.

—Sabe dizer-me onde estão agora?

—Estão fóra da terra; mas, onde não sei. Hontem andavam lá a lavar a casa; é que não tardam ahi.

N'esse mesmo dia, á noite, encontrei no «Marrare das sete portas» o cavalheiro, que me tinha apresentado á mulher querida, em Porto-Brandão. Fallamos muito da divertida noitada, e nas mulheres que converteram em paraíso terreal a casinha campestre. Ebrio d'amor, deixei-me ir ao sabor do coração indiscreto, e fallei na mulher, cuja imagem me não déra treguas d'uma hora ao espirito cubichoso d'ella. O sujeito destramente se insinuou na minha confiança, e conseguiu que eu lhe dissesse a morada da dama, a quem elle me apresentára.

Riu-se o individuo, e soffreu logo a expansão.

—De que ri v. s.^a? — perguntei com desgosto.

Deteve-se o homem a scismar, e respondeu:

—Rio da pouca ou nenhuma penetração da mocidade. Não se recorda de eu lhe ter dito que aquellas senhoras amavam toda a gente?

—Recordo; mas... supponha v. s.^a que eu quero ser amado como toda a gente!

—E se o senhor se apaixonar?

—Apaixonado estou eu.

—Pois peor. Supponha agora que aquella mulher o menospreza e ridiculisa!

—Suicido-me!

—Isso é asneira, sr. Silvestre! Olhe que eu já amei Clotilde.

—Chama-se Clotilde?

—Chama. Que nome! que poesia! que lyrismo! não acha?

—Acho!... Clotilde! Ha não sei què das paixões sanguentas da idade media, n'este nome!... Clotilde! Que bem fadado nome! Tem magia!... Clotilde!... Então o senhor amou-a?

—Amei.

—E depois?

—Apaixonei-me. Pedi-lhe o coração exclusivo, e ella disse-me que o exclusivo do coração só o daria com o exclusivo da mão. Entende o phraseado?

—Perfeitissimamente. Queria dizer que só amaria exclusivamente o marido.

—É isso mesmo. Eu era menor, e meu pae negava-me licença para casar. Clotilde era pobre, e eu, sem os beneficios de meu pae, era indigente: tão inutil homem era eu que fazia versos, e que versos, ó santo Deus!

—E ella ama a poesia?

—Gostava das decimas, e embirrava com as odes. Fiz-lhe muita decima: estão todas impressas no « *Ramalhete*. » Vamos ao essencial. A paixão cegou-me. Clotilde, sabedora da repugnancia de meu pae, parecia disposta a aproveitar o tempo com outro namoro. Suspeitei esta infernal resolução, e... que passo eu dei, sr. Silvestre!... que passo!...

—Que passo deu o senhor?!

—Casei com ella!

—O que?! —exclamei eu, varado de agulhas nos olhos e nos ouvidos.

—Casei com Clotilde.

—Pois Clotilde é casada?...

—Commigo; ha cinco annos, quatro mezes e nove dias!

Dito isto, o empregado publico, depois d'uma gargalhada estridente, affectou a mais comica das seriedades, e continuou:

—O senhor não vá contar isto a ninguem, senão arrisca-se a dar mote para uma farça, e lembre-se que o personagem mais ridiculo d'ella será o sr. Silvestre da Silva, com cuja candura eu sympathiso. Quer o senhor namorar uma das minhas cunhadas, se não está disposto a continuar o namoro com minha mulher? Olhe que ambas ellas tem nomes inspiradores: uma é Bertha, a outra é Laura. Escolha, que eu coadjuvo-o.

Creiam que eu estava corrido, e dei graças a Deus quando se approximaram da nossa mesa tres sujeitos conhecidos do empregado. Assim foi interrompida a conversação, em que a minha pobre vaidade estava soffrendo como em pôtro de escarneo. Ergui-me, despedi-me, apertei a mão ao marido de Clotilde, e fui rasgar as prosas e versos que escrevera n'uma brochura *ad hoc*, enfeixado tudo sob o seguinte titulo: A TI!... E mais nada, a tal respeito ¹.

¹ Aproveitei o lance de verificar a lealdade desta passa-

IV

Ainda agora me não entendo bem, se penso na frieza do meu coração ás ardentes escaramuças que a dona do hotel lhe fazia !

Era a sr.^a D. Martinha uma viuva de trinta e cinco annos, pequena, entroncada ; mas bem feita e agil. De seu tinha pouco cabello ; porém, com o abençoado capital, que empregara em marrafas, tecia um trançado tão abundante, principalmente ao domingo, que nunca a arte dos Canovas fez cabeça mais magnifica em adornos, que a da sr. D. Martinha.

Eu bem a vi desfazer-se em attenções commigo, dando-me o melhor quarto, a melhor manteiga, e o café, depois do jantar, fóra do ajuste ; mas os olhos do meu coração andavam desvairados em contemplações de mais poeticas provas de amor, e não podiam baixar ao devido apreço da boa manteiga e do café de Cabo Verde, como amorosos mimos e demonstração de ternura.

gem das memorias do meu amigo. Como em nota á margem, estava o nome do marido farçola, solicitei relacionar-me com elle ha quatro dias, e facil foi isso. Á terceira palestra que tivemos, com ar de intimidade, fallei no successo passado quatorze annos antes. O funcionario publico recordou-se, e disse : « É verdade o que o seu amigo deixou escripto. Só lhe faltou escrever o que, felizmente, não soube, e é que minha mulher o amou... » Fiquei pasmado da ingenuidade e lembraram-me dois versos francezes de não sei quem :

Quand on l'ignore, ce n'est rien ;

Quand on le sait ; c'est peu de chose

Aos domingos, a sr.^a D. Martinha honrava os hospedes ao jantar com a sua presença. Eram banquetes estes jantares, obrigados a vinho de Setubal, presente semanal d'um tio da senhora, sujeito de sessenta annos, que remoçava aos vinte, n'aquelles dias em que elle era certo à meza.

A jovial dama erguia-se sempre escarlata até às orelhas, e lançava-se a um sofá tão voluptuariamente alquebrada, que seria muito para amar-se, se a hypothese consentisse que ella tivesse dentro do seio tanto coração como vinho de Setubal. Vi-a dançar a *jotta* com requebros de escandecente despejo; não era menos lubrica no lundum chorado; e, não sei se de experiencia, se de instincto, saracoteava-se tão peneirada nas evoluções do fado, que eu estava pasmado do que via.

Convidava eu amigos a jantarem commigo aos domingos, prevenindo-os para gosarem as delicias gratuitas d'aquella dama, transfigurada em bacchante, posto que as antigas bacchantes não o eram sem a condição da virgindade, e n'este ponto, de modo algum quero ultrajal-as com a comparação. Os meus amigos, já apodrentados de coração, encaravam na desenvolta Martinha com olhos cubiçosos, e, a seu pesar, confessavam que o amado era eu, e unicamente eu. Máos conselheiros, excitaram-me a scismar nos encantos, que elles viam, e — com pejo o digo — descobri que a mulher tinha reduzido a pantano uma parte do meu coração para retouçar-se n'elle.

Amei-a; e ella, sem lh'o eu dizer, conheceu-o logo. Expoz-me ardentemente as suas raivas e ciumes, quando me via namorar as vizinhas; e confessou que tivera o satânico pensamento de envenenar Catharina, quando eu a amava, e era amado, tendo ella depositado no coração da desleal amiga o seu segredo.

Os dias corriam placidos e felizes para nós, quando D. Martinha tomou uma criada, que era mulata.

Mas que anjo das estuosas zonas onde a pelle está calcinada, como devem estar-o as fibras do coração! Que mulata! que inferno de devorante lascivia ella tinha nos olhos! Que tentação, que doídice me tomou de assalto apenas a vi em roda do meu leito, fazendo a cama! O menor tregeito era uma provocação; o fremito das saias era um choque da pilha galvanica! Ó minha virtude pudibunda! Estavas estragada por D. Martinha!

Amei a mulata, com todo o ardor do meu sangue e dos meus vinte annos! Pedi-lhe amor, como se pede a um seraphim, destes seraphins de neve erosas, a quem a gente ajoelha e ora de longe, com medo de os demanchar com o bafo. Quando a exhorava, parece que os nervos me retorciam os musculos; e os musculos se contrahiam em spasmos de luciferina delicia! Lembra-me que me ajoelhei a seus pés um dia, beijando-lhe as mãos, que perfumavam o aroma da cebola do refogado. Melhor me lembra ainda que me ergui de seus pés victorioso, e feliz

como nunca um réo perdoado se ergueu dos pés de rainha do Congo!

Perguntae ás aves do réo, e ás alimarias dos pedregaes africanos como se amam!

O meu amor tinha da ave a meiguice, e do tigre a insaciavel sofreguidão.

A mulata sabia que eu tinha amado a ama, e era ainda perseguido por ella. Disse-lhe eu que a tolerava por compaixão do seu afferrado affecto. Riu-se a mulata, e disse: « Uma vez, hei de mostrar-lhe a sr.^a D. Martinha no momento em que ella for mais digna da sua compaixão. »

Ainda lhes não tinha dito que a filha do Brazil era extremamente engraçada, esperta, e maliciosa. Aquellas poucas palavras bastam a definil-a.

Chegou o dia em que ella me havia de mostrar D. Martinha no momento em que mais digna fosse da minha compaixão.

Desceu a mulata do terceiro ao segundo andar, e disse-me: « Siga-me pé ante-pé » Segui-a, e entrei n'uma alcova, que tinha portas cortinadas para uma saleta. A conductora afastou um todo-nada da cortina, e mandou-me espreitar atravez da vidraça.

Vi D. Martinha despeitorada e reclinada sobre a ottomana. Com os joelhos no estrado estava elle a calçar-lhe as meias nas pernas abandonadas aos seus carinhos. Elle, depois, estendeu-lhe os braços seio acima, cingiu-a pelo pescoço, e apoiou a face na

porção mais placida do peito. Elle, depois... «Elle, quem?» pergunta quem isto ler.

Era o tio, que dava o vinho de Setubal aos domingos.

Quando sahi do observatorio, inclinei o ouvido á mulata, que me dizia:

—É, ou não é mais digna da sua compaixão do que nunca foi?

—E de nojo! accrescentei.

Dois dias depois, tive de retirar da hospedaria, em razão de ter dito á sr.^a D. Martinha que ella não valia as garrafas de Setubal, que lhe dava o incestuoso sexagenario.

A mulata...(agora me lembro que se chamava Tupinoyoyo — que nome tão amavel!) ficou de me ir visitar todos os domingos; mas ao terceiro, depois da promessa, contou-me o aguadeiro que um rico, vindo do Brazil, se apaixonara por ella, e a levára comsigo para o Minho.

Não mentiu o gallego. Tres annos depois a vi eu na segunda ordem do theatro de S. João do Porto, vestida ricamente, ao lado d'uma grande cabeça, que estava cotada na praça do Porto em dois milhões.

Viu-me, fitou-me; não sei se corou; o pudor n'aquella ordem de pelles não sei a côr que toma. Para ouvir a opinião publica, perguntei a differentes elegantes quem fosse a mulata, e todos, á uma, me responderam que era filha d'um titular brasileiro, e que fôra educada em Londres.

Não desmenti a opinião publica. Seria uma ingrãtidão á mulher que me ergueu dos seus pés, quando eu lhe pedia o seu amor com lagrimas. Se eu fosse opulento como o homem vindo do Brazil, talvez que ao lado d'ella, no camarote de S. João, estivesse eu, e não elle.

Falta-me fallar da setima mulher

V

Eu tinha um amigo que se namorára d'uma modista franceza, e me pedia, que fosse o interprete do seu coração, na lingua de Victor Hugo. Não me pareceu custoso fingir a lingua de Victor Hugo, sendo a similhança julgada pela modista. Parece-me que Victor Hugo não entenderia as minhas cartas escriptas no seu idioma; quero, porém, acreditar que a franceza não acharia mais poesia nem mais correcção raciniana no poeta das «Orientaes.»

As minhas cartas pertenciam ao systema, que os mestres em epistolographia amorosa determinaram para as modistas. Era o systema da precipitação dos successos e da catastrophe. Á oitava carta, convenionou-se o encontro do meu amigo com a franceza n'uma quinta em Carnide, indo ella acompanhada de uma sua amiga na carruagem, que devia esperal-as á porta oriental do Passeio Publico.

— Como hade ser isto?!— disse eu ao meu amigo; como te has de tu entender com ella?

Cibrão ficou um pouco enleado, e respondeu :

— É verdade ! ... como hei de eu entendel-a ! ...

Ha quinze dias que comprei um dictionario portuguez-francez e uma guia de conversação ; mas pouco ou nada sei...

— Como hade ser isto ? Eu acho ridicula a tua posição, se, ás primeiras palavras da franceza, tens de lhe dizer, n'uma lingua, que ella não entende, que não percebes a lingua, que ella te falla. Vocês afinal acabam por se rirem francamente um do outro, e com o ridiculo ~~matam~~ o amor.

— Vaes tu commigo ? — acudiu Cibrão, de golpe.

— Vou ; mas, ainda assim, o que faço é augmentar com a minha ida os personagens da farça. Como queres tu que a franceza me faça o lingua do seu coração, se eu supponho que a sua vontade é dizer-te coisas, que envergonham dois amantes na presença de terceira pessoa ? E calculas tu quanto seria comico estar eu entre ti e ella compondo para francez e traduzindo para portuguez a linguagem intraduzivel dos suspiros ? A final rir-nos-hiamos todos tres. A minha opinião é que não vás. Inventá um pretexto, que dê em resultado uma outra entrevista, em que se dispense um longo prefacio de palestra, e em que o silencio seja necessario como recato e cautela. Não vás a sitios em que a natureza campestre te obrigue a discorrer ácerca de flores e delicias das tardes estivas. Procura um encontro nas trevas, de modo que a tua intelligencia de linguas

fique tambem em trevas, dando-lhe tu em compensação as mais significativas provas de tua sensibilidade, sem alardo de espirito. Ás phrases, responde suspirando. O *je vous aime* virá sempre a proposito. Aprende a conjugar bem o verbo *aimer*.

— Esse já eu sei.

— Já? *Eu amo?*

— *J'aime.*

— *Eu amarei.*

— *J'aimerai.*

— Bem. *Je t'aimerai pour la vie, par toujours, éternellement.* Entendes?

— Perfeitamente.

— O mais que podesses dizer seria um pleonasmo. Cifra-te n'isto. Adão amou Eva, sabendo dizer muito menos, se me não engana o juizo que eu fôrmo da organização das linguas. Os irracionaes tambem se amam sem dialogo, se não devemos chamar dialogo ao gorgueio dos passarinhos, e aos bramidos da leôa sedenta de amor, quando o querido lhe ruje da visinha selva. Imitemos os bichos para sermos naturaes alguma vez.

— Mas a final—interrompeu Cibrão—que dizes tu? Aconselhas-me que não vá a Carnide?

— Parecia-me imprudente ...

— A boa hora me vens prégar prudencias! Hei de ir, e tu vaes commigo. Prometto dispensar os teus conhecimentos para me fazer entender. Conjugarei o verbo desde o tempo presente do modo indicativo

até ao imperativo. Eu darei o braço á franceza, e tu ficarás com a outra. A quinta está ajardinada com sombrias grutas de murtas; n'estas grutas mora o amor; o amor nos ensinará a fallar.

— Sendo assim... vamos.

E fomos.

A sege das meninas chegou pouco depois da nossa. Saltaram com buliçosa graça; e, sem biôcos de cerimonia ou pudor (pudor!... é o que faltava!), nos tomaram os braços.

« *Je vous aime,* » disse Cibrão á risonha creatura, osculando-a na base do nariz— *Je vous aimerais éternellement*—proseguiu elle, levando-a consigo a doces repellões, com a impetuosa ternura que eu imagino em Jupiter, feito boi, para arrebatrar Europa.

E eu, para tambem me parecer com Jupiter, fiquei dizendo suavissimas endeixas em prosa mellica, como aquelle famoso cysne as cantava a Leda.

O meu amigo, com a sua flexivel haste de tartanas e grinaldas artificiaes no chapéo, desapareceu nos caramancheis das murtas, onde o amor os esperava para lhes ensinar a vernacula lingua-gem.

A franceza, que me escutava as maravalhas amorosas em vasconço, era uma esbelta môça que devia de ter sido muito festejada no seu Paris, antes dos trinta annos, e viera naturalmente refflorir a estranhos climas, em paiz de tolos, como este nosso,

tolos exquisitos que, até no amor, adoram o gallicismo, ainda mesmo que, na boa linguagem franceza, elle já tenha cahido em desuso por antiquado e de máo quilate. Mademoiselle Florence Carlin era termo obsoleto lá na sua terra. Cá entre nós, andava encarecida nas palestras dos peraltas, e requestada com finezas pelos mais gentis moços da *roda* (como quem diz *engeitados da fortuna*), e com promessa de grosso cabedal por alguns velhos ricos; velhos digo ao dizer do vulgo, que em Lisboa só se sabe que fulano ou cicrano era velho, quando morre, se a lista da *mortalidade* nos diz em que cemiterio foi enterrado, e os annos que tinha. Em Lisboa, não ha velhó nenhum vivo. É frequente ouvir a gente esta pergunta feita a um moço de cincoenta annos: « Esteve em Cintra? » — Oh! — responde, annediando a estriça do bigode encapada em lucido verniz — estive em Cintra, minha senhora. — Estava muita gente no jantar da prima viscondessa? » — Sim, minha querida senhora marquezia; damas eram trinta; rapazes *eramos* vinte e sete.

Tornando á franceza, coisa a que não pôde chamar-se *vacca fria*:

Dei-lhe uma idéa da minha alma. Contei-lhe os meus sóffrimentos em demanda da mulher, que a phantazia em sonhos me vestia com as roupas candidas do anjo. Disse-lhe mais que a sua imagem, como resplendor de lua instantaneo, na horrivel cerração de noite borrascosa, *dans l'affreuse obs-*

curité d'orangeuse nuit, me tinha transluzido nas trevas do meu viver.

A franceza ouviu-me pasmada, e assim a modo de medrosa, como pomba, que se teme da garrulice d'um papagaio. A cada movimento melodramatico de minhas mãos, davam-lhe rebate os nervos, com menos alvoroço de pudor que o de Virginia nos assaltos lubricos do decemviro Appius Claudius, de deshonesta memoria.

Convencida da innocencia da minha mimica, cobrou animo a dama, e contou-me que era maenina de boa familia de Paris, e como tal se julgara digna consorte de um duque fementido, que a raptara e abandonara. Á terceira tentativa inutil contra sua vida, resolveu a victima do duque fugir de Paris para que a sua sociedade a não visse na perdição. Acaso soubera ella que uma notavel modista franceza, estabelecida em Lisboa, mandára escripturar em Paris algumas officiaes. Mademoiselle Elise de la Sallette mudou o nome, escripturou-se, e veio expiar a sua culpa na honra do trabalho. Eis aqui a historia, que eu ouvi com os olhos marejados de lagrimas.

Depois desta revelação, a minha linguagem baixou a prosa vil; mas o sentir da alma era mais intimo e nobre. Tractei-a com o respeito que impõe a desgraça, mormente se a victima cahiu do altar das adorações á ara negra do holocausto de sua sancta e virginal confiança. Ao entardecer, quando Cibrão voltava dos massiços de arbustos, pedi licença

à nobre infeliz para lhe apertar a mão, e dar-lhe o nome veneravel e venerador de amigo.

Despedimo-nos.

Cibrão convenceu-me de que o amor estava nas murtas, e sahira, ao vê-los, segredando a cada um a linguagem com que cabalmente, e *quantum satis* se perceberam. Eu vinha pasmado do que elle me contou ; e, se o não transmitto, é que não quero ter os leitores em pasmo. Ora elle tambem vinha pasmado de mim. Eu a dizer-lhe, em pungimentos de animo, a sorte infausta de mademoiselle Elise de la Sallette, e elle a rir, e clamar : «Que aráras tu engoles ! Leve o diabo a poesia que faz um homem tolo !»

Entendi que o meu amigo era um estúpido feliz, e calei-me.

Escrevi muito n'essa noite. Ainda tenho os dois primeiros capitulos d'um romance, então começado com o titulo : « Abysmos do amor. » No primeiro, descrevo Elisa *ab ovo*, quero dizer, na incubação dos anjos, que a tinham gerado. Isto orçava por parvoice ; mas era original :—merecimento raro nas parvoices que por ahi se escrevem e dizem. No segundo capitulo, deito-a em berço d'ouro, rodeio-a de boas e más fadas, de anjos fieis ao Senhor, e de anjos despenhados no inferno. Tencionava, no terceiro, dar o horóscopo da malfadada, em resultado da victoria alcançada por Lucifer sobre o anjo-custodio. Era uma coisa de muito trabalho e engenho.

Fôra meu intento publicar o romance por assignaturas, em cadernetas de 15 réis, e dedical-o deste feitio :

AO ANJO**QUE CONSERVA SUA PUREZA NA DESGRAÇA****E QUE, ANTES DE SER MARTYR****SE CHAMOU****MADemoiselle Elise de la Sallete,****E HOJE****SE CHAMA APENAS****A sancta,****CONSAGRA O AUCTOR****ESTA URNA DE SUAS LAGRIMAS**

N'aquelles primeiros dias, vi de relance a martyr, á hora da tarde em que despregava da costura. Concentrava-me, e dizia-lhe no verbo d'um suspiro: « Ó sancta do amor ! mal dirão as mulheres, que hoje pompeam nos salões com os vestidos, que lhes fizeste, quantas lagrimas verteste no estôfo, que te estava insultando e escarnecendo no infortunio ! »

Uma tarde de julho, estava eu no Passeio-publico, quando as duas francezas entraram. De longe e reverenciosamente as cortejei. Elisa respondeu-me com um gesto de immensa melancolia, como quem diz: « oh ! não reveles a esses homens de pedra a desgraçada que aqui vae ! »

Atrás de mim estava um grupo de homens, que

fallaram e riram, quando as modistas passaram. Apurei o ouvido, e escutei, com preferencia a voz, d'um sujeito, entre os dizeres zombeteiros dos outros. Dizia assim :

« ... Parece incrível! Quando eu a conheci, ha quatro annos, estava ella com um estudante brasileiro, que estudava o curso superior de lettras. Encontrei-a nas *guinguetes*, a dançar o *cancan* com admiravel mestria. Depois, o brasileiro endossou-a a um italiano; o italiano deu-a de mão beijada a um tenor; o tenor passou-a ao corifeu dos coristas; e d'ahi começou a descer, e perdi-a de vista. Eis se não quando, dou com ella no armazem da*** com a mais pudica das caras, e a mais mesurada das linguagens. Recordei-lhe em termos habeis o passado, as *guinguetes*, o *cancan*, o brasileiro, e a caterva magna das dynastias, que lhe avassallaram o coração; e ella, com a mais marmorea das caras, disse-me que eu, se não estava enganado, era um infame. Mas o melhor de tudo é ella ter-se encampado a um provinciano, que por ahí anda, conhecido do Cibrão Taveira, a título de menina seduzida por um duque, e diz chamar-se em Paris *Elise de la Sallette!* »

Riram todos, e eu puz a mão no lado esquerdo, a rebater o coração que partia as costellas, e rasgava as membranas. Fitei o homem, que fallava ainda, e disse mentalmente: « Se mentes, pagarás a infamia com a vida! »

Procurei o meu amigo Cibrão Taveira, e contei-

lhe o que ouvira. Cibrão, sem escarnecer a minha dor, respondeu com ar sisudo :

— É verdade o que esse homem disse. Não quiz desmentir as tuas presumpções, porque sabia que te fazia mal. Eu sei-o da outra, que ella tem na conta de amiga intima. Ambas são da mesma farinha. Nenhuma dellas serve para poetas, que andam no encalço dos anjos. Se te serve assim, dá louvores ao céu por ella ser quem é. Se queres mulheres para romances e prosas, péde-as a tua imaginação, e deixa o mundo real como elle está, que não póde ser melhor.

Nesse mesmo dia fui para Mafra com tenção de morrer de tédio: o sitio era azado; mas a minha robusta organisação resistiu.

Quando voltei a Lisboa, em começo de setembro, tinha chegado a companhia lyricá. Um dos figurantes escripturados era o tenor, que em Paris succedera ao pintor seu patricio. A franceza viu-o, reconheceram-se, amaram-se outra vez, e estavam de casa e pucarinho n'uma sobreloja na rua do Outeiro.

Encontrei-me uma vez com elles em casa do Matta no Caes do Sodré. Approximei-me d'ella, que comia um pastel de camarões, e disse-lhe :

— Posso ter a honra de ser apresentado ao sr. duque?

Fitaram-me ambos, e a franceza parecia corrida. Acrescentei :

— Vejo que o seductor por fim cumpriu os deve-

res de cavalheiro, sr.^a duqueza ! Bem sabe quanto me deve ser grata a sua ventura. Agora, em paga do que as suas desgraças me penalisaram, queira a sr.^a duqueza dar-me o prazer de a ver dançar o *cancan*.

O italiano ergueu-se de salto e arremêso ; eu sahi da sala devagarinho ; e elle, emquanto a mim, tornou a sentar-se. Fez bem, que eu não era para graças.

Acabou assim a historia das sete mulheres, numero cabalístico, de cuja mysteriosa influencia me ficou a alma um pouco derrancada.

A MULHER QUE O MUNDO RESPEITA

I

A minha alma olhou para o que foi, e viu que os sete amores, que a tinham derrancado passageiramente, eram ridiculos, e indignos de serem dados como explicação de um cynismo sobremaneira satânico em que eu me andava ensaiando.

Antes, porém, que eu tornasse em mim estive seis mezes a dizer ao mundo, em prosas chamadas *MEDITAÇÕES*, e em versos denominados *GRITOS D'ALMA*, que estava sceptico, e cynico, e que havia de engolphar no lôdo, em que me attascaram o coração, as virgens loiras com o seu amor ingenuo, e quantas virgens de diversas côres a minha libertinagem atrahisse ás aras da sedenta vingança. Aqui vão as copias dos principaes poemas, que então fiz...

NOTA

Defendo a paciencia do leitor dos duros golpes que lhe estão iminentes. Ainda assim, ha de levar-me a bem que eu lhe dê, á prova, uns relanços das poesias scepticas do meu amigo Silvestre. Entro pela mais philosophica:

*Hontem me riu o céu ; milhões de estrellas
Me fallaram d'amor.
Hontem flores a mil, e todas ellas,
Me davam, dos seus dons, das urnas bellas,
Aroma á alma em flor!*

*Hoje, ai ! hoje um ceo de negro, e a terra
De crepe funeral !
Hoje um peito que em si peçonha encerra ;
E a alma em fogo, que precita erra
N'um regyro infernal.*

As seguintes coisas são menos innocentes :

*Mulher ! em ancias me estorço,
Punge-me dentro o remorso
De te não calcar aos pes !
Tinha uma crença... mataste-a !
Tinha uma luz... apagaste-a !...
Mulher ! que monstro tu és !*

Esta quadra da poesia LXIX é mais raivosa :

*Hei de essa alma perversa estrinçar-te !
Hei de á frente cuspir-te a peçonha
Que verteste em meu peito, e ferrête
Hei de pôr-t'o de eterna vergonha !*

Basta isto para terror das almas, e amostra da poesia contemporanea de Silvestre.

Nestas minhas confissões hei de ser modesto, e verdadeiro, como Santo Agostinho e J. J. Rousseau; mas, ainda assim mais honesto que o sancto e que o philosopho. O pejo e a natural vaidade querem pôr-me mordação; mas eu hei de expiar as minhas parvoíces, confessando-as. Se, por miseria minha, me baralhei e confundi com tantos e tão graúdos tolos, farei agora minha distincção pondo, em letra redonda, que o era. Não me consta que algum dos meus amigos fizesse outro tanto.

Na minha qualidade de sceptico, entendi que a desordem dos cabellos devia ser a imagem da minha alma. Comecei, pois, por dar á cabeça um ar fatal, que chamasse a attenção, e aguçasse a curiosidade d'um mundo ja gasto em admirar cabeças não vulgares. A anarchia dos meus cabellos custava-me dinheiro e muito trabalho. Ia, todos os dias, ao belleireiro calamistrar os longos anneis, que me ondeavam nas espaduas; depois desfazia as spiraes, riçava-as em caprichosas ondulações, dava á fronte o maximo espaço, e sacudia a cabeça para desmanchar as torcidas deletriadas da madeixa. Como quer, porém, que a testa fosse menos escampada que o preciso para significar «desordem e genio», comecei a barbear a testa, fazendo recuar o dominio do cabello, a pouco e pouco, até que me creei uma fronte dilatada, e umas bossas frontaes, como a natureza as não dera a Shakspeare nem a Goethe.

A minha cara ageitava-se pouco á expressão d'um

vivo tormento de alma, em virtude de ser uma cara sadia, avermelhada, e bem-fornida de fibra muscúlosa. Era-me necessario remediar o infortunio de ter saude, sem atacar os órgãos essenciaes da vida, mediante o uso de beberagens. Aconselharam-me os charutos do contracto; fumei alguns dias, sem mais resultado qua uma ameaça de tubérculos, uma formal estupidez de espirito, e não sei que profundo dissabor até da farça em que eu a mim proprio me estava dando em espectáculo. A cara mantinha-se na prosa ignobil do escarlate, mais incendida ainda pelos acessos de tosse, provocados pelo fumo. Um medico da minha intima amizade receitou-me uma essencia roixa com a qual eu devia pintar o que vulgarmente se diz « olheiras. » Ao deitar-me, corria levemente algumas pinceladas sobre a cutis, que desce da palpebra inferior até ás proeminencias malleares; ao erguer-mé, tinha todo o cuidado em não lavar a porção arroxada pela tinta, e com uma machaneta de algodão em rama desbastava a pintura nos pontos em que ella estivesse demasiadamente carregada. O artistico amor com que eu fazia isto, deu em resultado uma tal perfeição no colorido, que até o proprio medico chegou a persuadir-se, de longe, que o pizado dos meus olhos era natural, e eu mesmo tambem me parece que cheguei á persuasão do medico.

Fiz, pois, de mim uma cara entre o sentimental de Antony e o trágico de Fausto. Seria, no entanto,

mais completa a minha satisfação, se á raiz do cabello, no ponto em que eu barbeava a cabeça para augmentar a testa, me não apparecesse um diadema azulado. Era a natureza a vingar-se. Cada vez que me eu via com aquelle disco na testa, experimentava a dor dó poeta de D. João contemplando o seu pé coixo, por causa do qual, e com o qual tanto pontapé deu o raivoso lord no genero humano.

Assim amanhado de aspecto, saía de casa, á hora em que o sol dardejava a prumo, ou quando as nuvens se rompiam em torrentes. O meu cavallo era negro, negro o meu trajar, tudo em mim e de mim reflectia a negridão da alma. Cheguei a enganar-me commigo mesmo, e a remirar-me a mim proprio com certo compadecimento e sympathia! Os grupos dos meus conhecidos viam-me passar abstrahido, e diziam: « Foi uma mulher que o reduziu áquillo! » Eu sabia que era corrente nos circulos da juventude a seguinte historia a meu respeito: — « Que eu tinha amado uma neta de reis, filha d'um titular, cujos avós já tinham os retratos de vinte gerações, antes de se inventar a pintura. Que, dementado pelo coração, ousára escrever á nobillissima herdeira, pedindo-lhe um suspiro em troca da vida. Que a menina, fascinada pela minha mesma temeridade, descera, na hora da sesta, ao jardim, e me lançara uma flor, chamada *ai!* na copa do chapéo. Que o jardineiro observara o acto, e o delatára ao fidalgo. Que o fidalgo chamara a filha, e, ouvida a resposta balbu-

ciente d'ella, a fizera entrar no mosteiro das Comendadeiras da Encarnação, onde se finava lentamente, e eu cá de fóra lhe andava, a horas mortas, fallando, mediante as estrellas do céu, e os murmurios mysteriosos da noite, resolvido a morrer, logo que q anjo batesse as suas azas immortaes no caminho da gloria eterna. *Amen.* »

Era isto o que se dizia ; mas a verdade é outra.

II

É certo que eu, n'um dos meus passeios desabridos, quando o ceo afuzilava relampagos, fui caminho de Cintra, e vi na balaustrada de uma varanda, com os olhos postos no occidente tempestuoso, uma mulher, que se me afigurou a pomba ãa boa-nova ao quadragesimo dia do diluvio. Retive as redeas do cavallo, soffreei a respiração, contemplei-a com petulante ternura, e ella foi-se embora.

Tornei, no dia seguinte a Bemfica, e vi a menina sentada na varanda a ler, com um papagaio pousado na espadua esquerda.

O papagaio tomou medo aos galões do meu cavallo, saltou-lhe do hombro para o regaço, sacudiu-lhe da mão o livro, o qual cahiu á estrada por entre os balaustres. Descavalguei d'um salto, apanhei o livro, e esperei que um criado o viesse receber. Entretanto, abri-o, busquei o titulo na primeira pagina, e achei que era o **HOMEM DOS TRES CALÇÕES.**

Inferi logo que a dama era uma altissima scismadora de coisas ethereas.

Dei o livro ao criado de libré cor de canella, o qual; examinando o jarrête direito do meu cavallo, achou que elle tinha duas sobre-canãs. Perguntei-lhe eu como se chamava a dona do livro, e elle respondeu que a fidalga se chamava Paula, que era morgada, que estava para casar, e dos costumes não disse nadá.

Cavalguei, retrocedi depois d'um curto passeio, e, ao passar-lhe á porta, vi Paula dando ginjas ao papagaio. Viu-me, e fez-se da côr nacarina das ginjas.

Eu carecia d'uma paixão que me sacudisse pelos cabellos, uma paixão que me levasse de inferno em inferno, que me impinasse ao apogeu da gloria, ou me despenhasse na voragem da morte. Precisava d'isto, porque não tinha que fazer, e gosava robusta saude, e alargava a testa ha cinco mezes, não sei para que destinos!

Amar uma menina herdeira; contractada para casar; galante; lida nos bons cathecismos espirituaes; creada com passarinhos e flores; rodeada dos magicos rumores das florestas: tudo isto me pareceu talhado á minha anciedade de lutar, de soffrer, de viver com gloria, ou morrer com honra. Quando scismava n'isto, e me assaltava ao mesmo tempo a cobiça de entrar n'um restaurador *á la carte*, e pedir um pastel de pombos, corria-me de vergonha da minha villôa natureza!

ti-me brutificar, pensando no que havia de dizer-lhe.

Destes apêrtos tem sabido grandes tolices, e grandes conceitos. Quer-me parecer que não fui infeliz fallando-lhe deste theor :

— A providencia dos infelizes encaminhou para aqui os meus passos. Eu não sabia que vinha aqui encontrar o anjo que fez da minha vida um supplicio. Entrei nestas salás, como Dante, na região das lagrimas, como Trophonius no seu antro, d'onde não ha mais sahir com um sorriso nos labios. V. Ex.^a calca aos pés o mais devotado coração que ainda palpitou em peito de homem. Enganei-me, quando a vi, ao relumbar dos relampagos, n'aquella tarde tempestuosa. Amei-a então, como o nauta suspiroso ama a cruz do adro da sua terra natal. Amei-a como e rouxinol a sombra da sinceiras. Amei-a como o orvalho a flor, e a aragem da tarde as azas iriadas da borboleta.»

Paula fitou-me, e coçou a testa com o leque.

N'outro intervallo da dança continuei :

— Por que não respondeu á minha carta ?

— Era impossivel. Eu já dei o meu coração. Por delicadeza lhe não devolvi a sua carta, e peço-lhe que me não escreva outra, que *me compromette* — respondeu ella.

Não me souo bem este gallicismo dos labios de Paula. Eu, em todas as situações da minha vida, quando vejo a lingua dos Barros e dos Lucenas *compromettida*, dou razão ao philosopho francez que, á

hora da morte, emendava um sollicismo da criada, protestando defender até ao ultimo respiro os foros da lingua. E com que admiração eu leio aquillo do grammatico Dumarsais que, em trances finaes de vida, exclamava: « *Hélas! je m'en vais... ou je m'en vas... car je crois toujours que l'un et l'autre se dit ou se disent* ⁴! »

Tinha-se achegado de nós o sujeito, que lhe dava o braço á entrada. No semblante de Paula, conheci o receio de ter sido ouvida pelo cavalheiro, que a fitava com desconfiança.

Nunca mais tive oportunidade de lhe fallar. Ás tres horas, sahiu Paula, e eu fui para o meu quarto devorar o restante da noite em repetir-me as palavras d'ella com tanto affecto, que o proprio gallicismo já me soava aos ouvidos como as vernaculidades do meu querido Castilho.

Eu tinha á mão a PRIMAVERA d'aquelle auctor. Abria-a ao acaso, quando os raios do sol, coados pelo transparente verde, me alumiam alegremente o quarto. Em pouco está transfigurando-se o espirito do homem. Com a luz parece que entraram as

⁴ Não suprimo este descabido incidente do philosopho e do grammatico, posto que futil e desgraçoso. Silvestre ia muitas vezes derramado nestas divagações, que denotam pouca firmeza na composição e desleixada contextura nas idéas. Honra, porém, lhe seja pelo muito que elle amou a lingua, a apuros de esfriar subitamente em paixões vulcanicas, por causa das incorrecções grammaticas das cartas, que respondiam ás suas, sempre castiças.

esperanças: era o anjo d'ellas que descera nos raios do sol. Abri á ventura a PRIMAVERA, e sahiram-me como prenuncios de maiores alegrias, estes versos:

*Sobre as aras de Amor todas off'recem :
Os ais do adorador nenhuma offendem,
Comprazem-se de ouvir que as chamam bellas...
Se nos ouvem crueis, se esquivas fogem,
É por que insana lei de atroz costume
Lhes ordena o fugir.....
A mãe universal, ou cedo ou tarde
Vence, triumphá, e no triumpho leva
O sexo encantador já manietado:
Todas oppõe sabida resistencia;
Mas cumpre não ceder: por nós combatem
Seu mesmo coração, e a natureza...*

Fui lendo os dulcissimos preceitos com que o mimoso poeta aconselha os amantes desditosos, e, n'um arraiar de alegria louca, dei n'estes versos:

*Começaremos offertando ás nimphas
Sobre altares campestres, levantados
Das arvores á sombra, ao pé das fontes,
Ou nas grutas do fresco, ou sobre outeiros,
Festões, grinaldas, passarinhos, frutos
E capellas de buzios e de conchas...*

.....

O poeta ensina, nesta passagem, a amar as nymphas; e eu, affeito á nomenclatura da eschola arcadiana, pensei que nympha era um epitheto generico para toda a mulher que se ama.

Com este errado juizo, entendi em mandar a
Paula

*Festões, grinaldas, passarinhos, fructos,
E capellas de buzios e de conchas.*

Acorçoado pelo Ovidio portuguez, comprei na praça da Figueira muita flor de que mandei tecer uma grinalda, muito de ver-se; n'um cabazinho de palha italiana dispuz seis pêcegos aveludados, de cubiçavel frescura; buzios não me foi possivel arranjal-os, nem conchas; no tocante, porém, ao preceito dos passarinhos, fui muito feliz: comprei um lindo periquito na rua do Arsenal.

Fiz mais.

Chamei á puridade uma joven e secia saloia de Bemfica, brindei-a com uma saia escarlata listrada, e um corpete de castorina amarella; enflorei-lhe os cabellos, e enramalheti-lhe o collo. Nunca vi coisa mais fresca, nem mais bucolica medianeira do amor d'um satyro urbano a uma nympha saturada da lição de maviosos idyllos, como é já notorio.

Industriei a moça no modo de apresentar á fidalga

Festões, grinaldas, passarinhos, fructos.

Devia ser á hora em que ella descia ao jardim, que uma gradaria separava da estrada. Melhor do que eu antevira, se occasionou o ensejo da entrega. D. Paula reparou na esbelta saloia, que tinha em uma das mãos o cabaz, e na outra a gaiola.

— Ai! um papagainho! — exclamou a menina — Isso é para vender?

— Não minha senhora — disse a saloia — é para dar á senhora fidalga.

— A mim?! quem me manda isto?!

— V. exc.^a verá n'umas letrinhas que vem aqui entre as flores.

— Letrinhas!? quem é que me escreve? Vossê não sabe o nome da pessoa?

— Não, minha senhora; mas o senhor, que me cá mandou, disse-me que acceitasse v. exc.^a o periquito e as flores e os pêçegos, e, se não quizesse a carta, que a rasgasse.

— Os pêçegos! — exclamou a fidalga — quem é que me manda pêçegos?!

— E' elle — tornou a saloia.

— Leve, leve, acudiu D. Paula, que não acceito nada.

— Pois eu tenho ordem de deixar ficar tudo — replicou a saloia, pousando sobre a padieira d'uma porta interposta na gradaria, o cabaz e a gaiola.

A este tempo assomou n'uma janella o pae da menina, perguntando o que vinha a ser o cesto e o passaro que estava sobre a porta. D. Paula, dominando rapidamente o sobresalto da surpresa, disse que fôra a prima Piedade que lhe mandára aquelle periquito e o cestinho das flores. O pae, que era amigo de periquitos, desceu ao jardim; e, no entanto, a filha escondeu a carta, que ia prêsa á gri-

nalda com um laço de fita encarnada. O velho, examinada a ave, passou a espreitar o cabaz; e, como visse os convidativos pècegos, que eram seis, comeu tres com sôffrega delicia, deu um á filha, e guardou dois nas algibeiras do rob-de-chambre. Paula, para ler a carta, escondeu-se n'um caramanchel. A prosa vil seria descabida em scena tão iminentemente poetica. Era, pois, em verso a minha carta, que, segundo os dictames da poetica de Aristoteles e Longino, devo chamar *epistola* e não carta. A qual epistola foi ainda o sonoro Castilho que me induziu a escrevê-la com os seguintes dictames da citada PRIMAVERA :

*Formaremos cantigas, em que aos echos
Dos campos entre a lida repitamos
As perfeições, os meritos, os nomes
Das Napeas, etc.*

E n'outra passagem :

*Depois que pouco e pouco transformado
Se houer em confiança o pejo, o susto,
Mudaremos de estylo: em nossos versos,
E só, e de contínuo a formosura
Em fogo nos porá do estro as azas.
Hão de sorrir-se e comprazer-se, e muitas
Suspendirão em seu caminho os passos.
É lei sem excepção; domina em todas
A sêde, a gloria, de chamar-se bellas.*

Não entendi á lettra o primeiro aviso, que diz :
ormaremos cantigas. Pareceu-me que eu seria es-

tranhamente recebido, se me andasse por Bemfica em serenatas, que este seculo de ferro moteja, com bazofia de illustrado, illustração ôca e esteril, que funda toda em regalos corporaes, despe o coração da sua poesia nativa, e tira ao amante o suave desfôgo de formar cantigas á mulher amada. Portanto, para me conformar ao seculo, em vez de cantigas, poetei em verso hendecasyllabo, predominando no saphico, alternando com o alexandrino, e intercallando tudo de estribilhos de redondilha menor. Era cataplasma para fazer supurar o coração mais cru !

IV

No dia immediato, fui, purpureado de candido pêjo, passar em Bemfica. Este pêjo é o meu elogio. Um verdadeiro amor é segunda innocencia. Tal maxima, que eu atiro á circulação, deve ser a defesa de muitas senhoras de certa idade e de certos costumes, que respondem com imprevistas esquivanças ás audacias de amantes, que as assediam com ares de Cezar, cuidando que chegar, ver, e vencer é tudo o mesmo. O mundo chama matreiras a essas damas ; e eu, que sei mais do coração humano que o trivial, digo e juro que é uma segunda innocencia com os adoraveis sustos do pudor, que as torna esquivas. Eu tenho encontrado muito disto em peitos antigos. Se eu pudesse transfundir em corpos tenros os corações sensiveis, que tenho con-

quistado em senhoras d'uma idade anti-canônica, a felicidade não seria a sêde de Tântalo. O meu erro tem sido procurar a alma amante e sisuda na mulher dos vinte annos, e a formosura e a graça na de cincoenta. A primeira é um mal que todos me cubiçam; a segunda é um bem que ninguem me questiona. Não me serve nenhuma, por isso.

Voltando ao conto :

D. Paula de Albuquerque viu-me atravez das vidraças, e gestilicou amorosamente com a cabeça em que eu divisei por entre as fitas algumas das flores da grinalda. Jubilei doidamente no secreto do meu coração, e comprehendí o porquê de chamarem aos poetas antigos *videntes*, que sôa como prophetas. Abendiçoei a PRIMAVERA, meu livro d'alma, e a inspirada voz do vate, que me ensinara o filtro amoroso dos

Festões, grinaldas, passarinhos, fructos.

O periquito estava na sua gaiola pendurado na mesma janella. A avesinha de Paula bem podêra prender a attenção da posteridade como o decantado passarinho da Lesbia, do poeta romano. Se eu publicasse as poesias, que dedilhei no plectro, com referencia ao periquito, o meu volume seria como um tratado ornithologico, em que os phenomenos dos amores das aves iriam desvendados discretamente aos olhos da juventude.

Estas delongas estão affligindo a curiosidade de quem me ler. Entro em materia.

Paula respondeu, agradecendo a ave querida, as flores, e a surpresa: só não mencionava os pécegos salvo se a surpresa eram os pécegos.

Ateou-se a correspondencia, e tão fervorosa de paixão, de parte a parte, que tarde voltarão a este globo degenerado duas pessoas com tanto amor e estylo, ao que parecia.

Este amor tinha assumido as dimensões honestas do matrimonio; mas similhante palavra não ousava escrevel-a o meu pulso plebeu. Tive então odio a meus avós que viveram estupidamente lavradores honrados, citando com inoffensiva soberba a consideração lhe lhes dera o senhor rei D. Diniz. Nem um habito de Christo na minha familia! Nem se quer na invasão do Junot, eu tive um parente que matasse dois francezes ao menos, e fosse depois ao Rio de Janeiro pedir um habito de Christo ao senhor D. João vi, que dava dez habitos á familia que matasse dez francezes! Meu pae tinha tido a immoralidade de dar de comer e pensar as feridas a alguns soldados de Napoleão, que lhe pediram abrigo! Nem sequer os deixou morrer!

Lembrei-me de arranjar uma commenda de Christo, por me dizerem que era isso mais facil do que descobrir quem a quizesse com os direitos de mercê. Andava eu na bem agourada solicitação d'esta graça, quando a minha desfortuna me poz á prova de novas decepções.

Se medito no máo desfecho d'este episodio da

minha vida, caio sempre na triste opinião de que D. Paula caçou commigo.

É o caso que, indo eu uma vez a Bemfica, não para vê-la, que muito alta ia a noite, mas para adorar o sanctuario em que ella, a essas horas, devia estar sonhando com a minha imagem, vi encostado á parede fronteira de sua casa um vulto rebuçado, rebuçado amargo ao meu suspeitoso coração! (comprazo-me de ter feito d'estes dois rebuçados uma elegancia de estylo, que é minha, e, se alguma idêntica apparecer, sem a minha rubrica, será tida como furto, e os falsificadores serão perseguidos na conformidade das leis).

Perpassei pelo vulto humano, e lá ao longe, descavalguei, prendi as redeas, e retrocedi subtilmente a espreitar o escandalo, se escandalo era. Se era, leitores pios!

O sino do mosteiro dominicano respirava pelos seus pulmões de bronze duas horas da manhã, quando uma janella do palacete se abriu com leve rumor, e a lua, sem velar de puro pejo a face, alumiu aos meus olhos o rosto de Paula.

O encapotado avisinou-se da gradaria, e ciciou palavras, que eu não pude ouvir, porque as minhas orelhas estavam sendo como vestibulos do inferno, que me ia lá dentro na alma.

Este incomportavel supplicio durou uma hora, ao fim da qual era eu já um assassino programma-

tico d'aquelle homem, que viera atravessar-se ao meu amor feroz de tigre.

«Oh !—exclamava eu no recondito das arcadas do peito.—Oh! para que vieste tu, desgraçado, assanhar a ira do homem, que tem sede do teu sangue e fome das tuas carnes! Que demonio te lançou ao meu caminho, se eu hei-de pôr-te um pé no peito, e sacudir-te de lá o coração á cara da perjura! Não tens velha mãe que te chore, nem pae velho, que em teus braços se ampare á borda do sepulchro? Não sabias que os teus dias estão contados, e que a aurora d'amanhã te verá a face morta, e que, na tua frente, e com teu sangue escripta, o mundo lerá a tremenda palavra: «vingança»? Oh! tu não sabias que Paula era minha, minha como tu já agora és dos vermes, como nós tres, ella, eu, e tu, todos, ai! todos seremos do inferno!»

Disse, e fui procurar o cavallo. Tinha-se desprendido, e estava a espolinar-se em regaladas cambalhotas. As cilhas do sellim estavam partidas; as redeas tambem; a cabeçada tinha apenas duas correias uteis.

Rugi de colera, e o cavallo espavorido fugiu a desapoderado galope, caminho de Lisboa.

A providencia é mestra do *ridículo*, quando quer. O meu rancor repartiu-se entre o amante de Paula, e o quadrupede fugitivo. Depois, sentei-me esbofado n'um degrau de escada, olhei para a lua, olhei para mim, olhei para o sellim que eu trouxera debaixo do braço, e ri-me.

E o meu riso era um espirro de ferocidade, uma d'estas coisas que sente o Lucifer, quando o sacode a vertigem da raiva impotente contra Deus.

Eram quatro horas da manhã, quando emergi do meu lethargo. Vi um padeiro, que me contemplava assustado: pedi-lhe que me levasse o sellim entre a carga; e eu caminhei, admirando a impassibilidade da natureza, que parecia zombar de mim, pela voz dos seus rouxinoes, dos seus cochichos, e das suas calhandras.

V

O meu cavallo, affrontando-se com a barreira, parou. Quando eu cheguei, estava elle amarrado com um cabresto ás grades da porta, e os guardas escreviam um officio ao respectivo commandante, participando a presa que haviam feito, e pedindo ordens sobre o destino do vadio.

Convenci-os de que o cavallo officiado era meu pelo testemunho convincente da sella e dos fragmentos da cabeçada; mas, como não quizessem perder o officio, obrigaram-me a esperar a resposta da auctoridade, que houve a bem julgar-me o legal proprietario da besta. Reccei que a logica da sella não persuadissem o chefe d'aquelles sujeitos.

Estas miudezas podem enfastiar os espiritos frivolos; mas para mim tenho que os menores episodios das vidas, predestinadas a grandes desti-

nos, são factos ponderaveis nos animos reflexivos.

Recolhi-me ao meu quarto, sondei as profundezas da minha alma, e deste mergulho á consciencia sahi com má cara, e idéas sinistras.

Eu tinha um par de pistolas de coldres, carregadas muitos mezes antes. Para as carregar com a certeza de levar n'ellas a morte, desfechei-as contra o saguão da casa. A detonação fez grande estrondo e causou grande susto a uma senhora gravida, que perdeu os sentidos. O marido desta matrona era cunhado do regedor, e foi queixar-se de mim, como causa d'um abalo, que podia trazer as funestas consequencias d'um movito, e a perda do menino, em que elle fiava as alegrias da sua velhice. A dona do hotel, quando tal soube, disse que eu era muito feliz em ter contra mim as queixas de um só dos paes d'aquelle menino possivel. Parece-me que esta mulher, com tal juizo sobre paternidades, ia de encontro ás idéas, que tenho sobre o phenomeno da geração.

Ora o regedor, nesse mesmo dia, fez-me intimar para ir á sua presença, e interrogou-me ; d'ali fui com um cabo e um officio ao administrador, que me mandou com um officio e um cabo ao governo civil. Aqui me foi pedida a licença de usar de pistolas ; é, como eu não a tivesse, ia ser mettido em processo, a não me valerem alguns amigos que podiam muito com a auctoridade. Vejam que trabalhos !

O menino da mulher do meu visinho vingou, se-

gundo vi, passados tempos. Na minha vida não ha sequer o pesar d'um infanticidio involuntario.

Carreguei as pistolas, e fui na noite do seguinte dia a Bemfica. A poucos passos distante do palacete de Paula apeei, e fiz retroceder o criado com o cavallo a esperar-me em determinado ponto.

Soou meia noite.

A folhagem dos alamos rumorejava nas azas das brizas. A lua, coada por entre os doceis de trepadeiras, mosqueava a relva dos pradosinhos ajardinados de Paula. Lá do interior vinha uma toada suave de fonte que mais parecia um gemer de saudade.

A intervallos, as lufadas da viração rolavam as folhas seccas, e a cigarra e o grilo pareciam calar-se para ouvil-as.

Este ouvir e sentir refrigerou-me a febre da alma. Contemplei-me em minhas ferozes intenções, no centro d'um espectaculo tão magestoso de poesia, e inspirador de pensamentos affectuosos. A razão, resgatada momentaneamente pelos bons instinctos e moralisadora educação que meus paes me deram, sopesou os impetos do coração vingativo. Desceu o anjo da paz á minha alma, e renasceu-me lá a esperança de encontrar alguma vez mulher digna de mim, cuja posse me não custasse o sangue do meu similhante.

Ergui-me no intuito de abandonar para sempre á vingança da providencia a mulher fementida, e o victorioso rival ; ao dar, porém, os primeiros pas-

sos, relanceei os olhos ao jardim, e vi um vulto vestido de branco, branco do marmore das estatuas tumulares. Estaquei, e o vulto caminhou direito á grade. «É ella, disse o meu coração em ancias— Que veio aqui fazer Paula? Enganar-se-hia ella comigo?

Retirei-me a um lado para ficar encoberto pelo muro. O vulto acelerou o passo, abriu subtilmente a grade metteu fora a cabeça e murmurou:

— Já estão a dormir todos: podes entrar. Fiz-te esperar muito tempo?

Fiquei entre o palerma e o estupefacto.

— Anda, Caetano, — tornou ella — que estou a arrefecer! Tu não te mexes? Estas amuado?

— V. m.^{co} engana-se— disse eu, quando conheci a cozinheira ao clarão da lua.

Mal proferidas estas palavras, o vulto deu um grito de surpresa, e fugiu, deixando aberta a grade.

A este tempo, ouvi passos na estrada, e sem reflectir, entrei no jardim, e sumi-me por entre a espessura dos arbustos. Pouco depois, vi entrar um vulto de homem no jardim, caminhar afoutamente, subir a um patim, e empurrar de manso uma porta, que não se abriu. Mais tarde, correu-se uma janella superior á porta, e travou-se este dialogo:

— Caetano!

— Euphemia!

— És?

— Sou. Abres?

— Não; tenho medo.

— Ora! ainda estão a pé?

— Não é isso... Estava ali á porta do jardim um homem. Cuidei que eras tu. Não o viste?

— Isso havia de ser para a fidalga: não vi ninguém.

— Não póde ser para a fidalga.

— Pois então quem era, senão o conde?

— Não era, que esse entrou ás onze horas, e está cá.

— Seja quem fôr; abre a porta.

— Hoje não: vae-te embora. Olha... tinha-te ali um franguinho assado... queres que t'o deite?

— Então é certo que não abres?

— Estou a tremer com medo. Será alguma espera para o sr. conde?

— Será...

— A fidalga é uma dodivanas... Será elle o do periquito?

— Lá se avenham... Então até ámanhã.

— E o frango, quer'-lo?

— Bota cá.

Pouco depois, o homem sahiu, e eu, com o rosto entre as mãos, fiquei o tempo que póde gastar uma alma em descer ao inferno, e voltar ao mundo com uma braza eterna nos seios.

Sahi do jardim; fitei os olhos na lua: levei a mão convulsiva á testa, e exclamei: **ANATHEMA!**

Dito isto, vim para Lisboa.

VI

Decorreram tres mezes, durante os quaes fui á provincia vender uma parte da minha legitima paterna. Cuidava minha extremosa mãe que eu, dois annos ausente d'ella, ia em fim adoçar-lhe os ultimos annos, e resgatar os empenhos a que sacrificara os bens. Não a desenganei logo por compaixão; mas o aspecto melancolico da minha aldeia, o silencio, a quietação penosa do lar domestico, e a semsaboria das praticas monotonas de quatro clerigos das partidas da minha mãe, tornaram-me as saudades de Lisboa em profundo tedio da minha terra.

Liquidada a venda de algumas propriedades, que minha boa mãe, com engenhosa compaixão de meus desatinos, fez comprar por terceira pessoa, voltei a Lisboa.

Como disse, tinham passado tres mezes sobre o meu coração. Aquella *eterna brazza* que eu, por amor da rhetorica, ha pouco disse que trouxera do inferno nos seios da alma, estava quasi apagada, como todas as brazas que a gente inflamma com assopros de estylo. Pelo modo como o homem e o amor estão feitos n'este tempo, tres mezes de ausencia correspondem áquelles dilatados annos dos amores da idade media, que traziam da Palestina á castellã saudosa o coração leal do seu cavalleiro. Peitos de ferro deviam albergar corações de ferrea tenacidade.

Agora, é mais intimo e devorante o amor, mais combustivel o coração; a chamma, batida por variados ventos, atêa-se mais enfurecida, e o elemento dos affectos volatiza-se rapidamente. A mais augmenta a versatilidade humana, quando o amor proprio sahe anavalhado destas lutas, em que é grande parte o orgulho. Assim se explica o quasi esquecimento de Paula quando voltei a Lisboa; e, se de todo não a esquecêra, fôra a curiosidade de saber a conta em que o mundo a tinha que me levava a indagar os promenores da sua vida.

O bolieiro, que já o não era da casa de Bemfica, deu-me alguns, os mais aggravantes á honra da menina; os outros communicaram-m'os as suas amigas, os seus thuribularios, os poetas que a traziam em lettra redonda nas decimas dos folhetins, e os noticiaristas que a vinham sempre acclamando rainha dos bailes.

As minhas averiguações vieram aos seguintes resultados: Paula estava promettida a um fidalgo do Alem-Tejo, seu primo segundo, e amava com quantas provas se justifica o amor, um conde. Este conde devia ser o sujeito mencionado no dialogo de Euphemia e Caetano, aquelle fino amante, que levou o frango assado, com recheio dos suspiros da cozinheira. O conde pensava que a dedicação de Paula sem reserva lhe assegurava um casamento rico; ella, porém, do sacrificio reservara o que não podia dar nem tinha para dar — o coração.

Um individuo que por nome não perca, requestou Paula, quando o conde a julgava mais avassallada e perdida de amor. Não sei se a commoveu com

Festões, grinaldas, passarinhos, fructos.

O que afoutamente certifico é que o conde foi trahido, e cahiu das nuvens quando viu escorregar por uma corda, das janellas de Bemfica, um sujeito que era um dos seus quarenta amigos intimos. O amante vilipendiado vingou-se divulgando o mais secreto da sua intimidade com Paula. A sociedade espantou-se no primeiro dia da nova, e, no segundo, esqueceu-se a ponto de redobram os adoradores em redor de Paula, e recrudescerem as invejas das damas, que ao mesmo tempo a denegriam.

Tudo isto se passou nos tres mezes da minha ausencia.

Quando me narravam miudezas destes factos, contados pela rama, estava eu em S. Carlos, e D. Paula n'uma frisa. Achei-a mais donosa. O demonio triumphava ás vezes, aformosentando o vicio. A candura nem sempre é bella. Ha rostos angelicamente innocentes que dão ares de idiotismo. Tem o crime uns resplendores do inferno que reverberam nas caras, e as alindam. Assim o pensava eu de Paula, que seduzia diabolicamente com o seu gracioso despejo.

E o mais é que me fitava com magnetica sobrançeria, e eu a ella com ignobil humidade. Todo o

homem tem suas intercadencias de parvo, de despresível, e de baixeza. A mim me quer parecer que lhe mandava outro periquito, se abro a *Primavera* do seductor Castilho n'aquella noite! Entendam lá o homem!

É certo que dormi sobresaltado, e acordei a pensar n'ella. É engraçada coisa o modo como eu me queria a mim mesmo explicar a renascença do antigo amor, para me não envergonhar da razão, que me arguia de homem sem brios. Dizia eu, entre mim, que era honorifico vingar-me da affronta e, que a vingança devia ser simulada com apparencias de amor. Planeava leval-a ao escandalo, exhibil-a á irrisão publica, e lançar pregão do meu despique; quando porém ideava estas sordicias, indignas do meu genio brando, imaginava ao mesmo tempo que, chegado o lance da vingança, a comprimiria ao seio, e me faria sacerdote da victima.

N'estes, e n'outros pensamentos, me correu o dia seguinte, e outro, até chegar a noite em que D. Paula tinha camarote. Namorei-a sem racato, sem biôcos, sem velhacaria. Odiei os rapazes que vinham segredar-me os sabidos escandalos; cheguei a defendê-la por negação, e a bem-quistar a gargalhada dos tafues, que a não contemplavam com menos arrebatamento que eu.

Ora, devo confessar que Paula encarava em mim com um sorrir tão desacostumado, e uns tregeitos tão exquisitos, que só a minha boa fé, irmã gemea

da ineptia, era capaz de aceitar-os como benignos e amovíveis. Além de que, reparei algumas vezes, que ella fallava ao ouvido da prima Piedade, e riam ambas á sucapa, sem olhar para mim, senão tres minutos depois de espirrarem a risota. Agora é que eu penso circumspectamente na passagem.

D. Maria da Piedade era uma linguareira com graça sarcástica, um folhetim de genio mordente, temida dos elegantes, a quem ella costumava crismar com epithetos truanescos. A mim sabia eu que ella me chamava *Periquito*, mettendo a riso a dadiua sentimental, que seria minha gloria aos olhos d'uma mulher sensível. Não duvido apostar que a leitora, se eu alguma vez tiver uma leitora, sympathizará com a minha memoria por ter visto a candura e lhaneza de coração com que eu offertei á ingrata a avezinha. Estas singelezas do amor são as que mais enternecem as boas almas. Dê-me a leitora uma lagrima, que eu não quero outra vingança das mulheres, que me escarneceram a poetica simplicidade, symbolisada n'aquelle periquito.

Á sahida do theatro, notei que Paula me acenara com o leque de dentro da carruagem. Rarefez-se a nuvem negra da zombaria. Recolhi-me feliz ao Gremio litterario, e fui n'essa noite eloquente em theorias de amor.

Ás duas horas do dia seguinte, quando eu estava escrevendo as commoções alegres da noite desvelada, recebi uma carta da posta-interna. Conheci a

lettra de Paula. Parou-me o sangue no peito ; tremiam-me as mãos como se as tomasse o horror de profanarem a missiva do anjo. Abri, e vi que eram versos. Versos ! O idioma primitivo do coração ! Os suspiros metrificados ! A expressão suprema do amor que se envergonha de expandir-se em prosa !... Ó jubilo intumescente !

Li :

*Ao terno cantor, que n'alma
Tem da amante o nome escripto,
Solitaria amante envia
Saudades do periquito.*

Será isto escarneo ?!—exclamei.—Respondeu-me a seguinte quadra :

*Ao meigo vate, que eu amo
Com amor casto e infinito,
Manda um dôce e ardente beijo
O saudoso periquito.*

Não tive alma para ler o terceiro insulto, que mais tarde pude vêr :

*Na rocha alpestre
Vaga Silvestre
Todo afflicto ;
Na grande testa
O vento intesta
Com rouco grito ;
E elle a gemer
E o ecco a dizer :
« O' periquito ! »*

A lettra d'estes ignominiosos versos era de Maria

da Piedade; mas, nem por isso, fica sendo menos criminosa Paula, que sobrescriptara a carta.

A dôr empedrou-me. Grande é a angustia do homem que de si proprio quer esconder seu aviltamento!

VII

Este insulto foi providencial. Foi como mão de ferro, que me apertou o coração até esvurmar d'elle as fezes do vilipendioso amor. Sahi de Lisboa, no mais agreste do inverno, e fui para Santarem, onde vi o Sancto milagre, largamente contado no livro das viagens do adoravel poeta da Joaninha do Valle.

Estava, n'aquella estação, desabrida em Santarem a natureza. Eu queria chorar sósinho em algum recanto d'aquellas frondosas encostas, e dessedentar-me da sêde de amor, dando o coração ás maravilhas da terra e do céu. Esperava eu que a soledade e a contemplação me refrigerassem a alma, e a depurassem das immundices em que a pobresinha cahira, como pomba, que, fatigada de voejar, não achou outro poisadeiro. A estas esperanças me haviam induzido alguns philosophos, que tinham o mundo em odio, e acharam no ermo conforto e bemaventurança. Neste presuposto, fui dar o primeiro lance d'olhos amoroso á natureza, subindo áquella empinada emi-nencia que lá chamam a « porta-do-sol ». Apenas assomei ao alto, fiquei commovido das blandicias da natureza, que fez favor de me tirar o chapéo da ca-

beça, o m'ô enviou para alem-Tejo nas azas d'um furacão. Retrocedi vexado da grosseria, e sentei-me a recommendar á natureza de Santarem e ao diabo os philosophos encomiastas do campo. Rompeu-se uma nuvem, e eu abri o guarda-chuva contra a bâtega do vento; uma refêga contraria apanhou-m'ô por dentro em cheio, e converteu-m'ô em roca. A fugir da trovoada desfeita, entrei por um portal. Um cão rafeiro, denominado pelos philosophos o *amigo do homem* por excellencia, arremetteu contra mim, e, covardemente, quando eu fugia, me arrancou a aba esquerda do fraque. Deste feitio, me recolhi á estalagem da sr.^a Felicia, pessoa de agradavel sombra, que se condoeu sinceramente da minha angustia muda.

Mal me tinha eu apaziguado dos phrenesis da minha irrisoria raiva contra a natureza, quando o administrador do concelho mandou perguntar-me quem eu era, e que vinha fazer a Santarem, caso não apresentasse passaporte. Respondi cathegoricamente que era viajante, e que o meu passaporte era a minha innocencia das coisas alheias ao coração, e o desprezo em que tinha as futilidades com que a republica era administrada.

A auctoridade, maravilhada de tão farfalhuda resposta, quiz conhecer pessoalmente o discipulo de Diogenes que discreteava na estalagem da sr.^a Felicia, e foi procurar-me. Corremos aos braços um do outro. Tinhamos sido condiscipulos na universi-

dade, e cinco annos amigos. Fui ser seu hospede, e resolvi demorar-me alguns mezes em Santarem.

Uma tarde, recebeu o meu amigo, da mão de um official de diligencias um officio do governador civil para immediatamente dar busca na estalagem da sr.^a Felicia, onde se presumia estar uma menina nobre, fugida de Lisboa com um seductor. Ordenava a auctoridade superior que o raptor fosse enviado á cadeia, e a menina recolhida, até novas ordens, n'um convento.

O meu amigo lêra em voz alta o officio, e mentalmente a participação do governador civil de Lisboa, contheuda no officio. Observei que elle, depois d'um tregeito de pasmo, abriu os beiços para me dizer alguma coisa, mas susteve-se, e sorriu com certa malicia.

— Queres tu vir na qualidade de aguazil acompanhar-me n'esta diligencia? — disse-me elle.

— Vou — respondi — ; mas, se tu és homem de coração, como creio, dá escapula aos infelizes, que se amam: não queiras sobre o coração a responsabilidade de dois suicidios. Não achas horrivel a prisão para elle, e um convento para a pobre menina? Que lucro tira a moral publica de redobrar o escandalo, e ajuntar á vergonha uma inutil barbaridade?!

— Mas que queres tu que eu faça?

— Que vás á estalagem, que finjas a busca, e por portas travessas deixes fugir a mulher, que a lei chama *raptada*, e o rapaz, que bem pôde ser que,

em vez de roubador, seja elle o verdadeiramente roubado. As vossas leis são assim... Uma mulher foge pela porta ou pela janella da casa paterna; manda adiante as trouxas do seu fato; amua-se contra a frieza do amante, se elle lhe faz reflexões para a conter em casa; vae ter, a final, com elle, dizendo que já não pôde esconder aos olhos da mãe o caro penhor que lhe palpita no seio. O pobre moço, obrigado pela honra, pela compaixão, e pelo amor d'ella e do caro penhor, foge tambem aos paes, e vae caminho de Santarem ou d'outra parte. Vem depois atrás d'elles a lei, e diz: esta menina foi roubada aos paes: este homem é o raptor desta innocente, que vae violentada como a Fatima de Gonçalo-Hermigues, o traga-mouros. E depois...

—Apanha as velas ao discurso, que não ha tempo —atalhou o meu amigo. — Vamos á Felicia, e lá veremos. Se tiverem ares de se amarem como nos romances, a minha misericordia administrativa velará o escandalo.

Fomos á estalagem. Eram nove horas da noite.

A sr.^a Felicia, interrogada pela auctoridade, revelou que tinha em sua casa, havia dois dias e duas noites, um sujeito e uma senhora, que se diziam casados, e nunca saíam do seu quarto. Ordenou o administrador que os fosse chamar á sala, em observancia d'uma ordem da auctoridade.

Meia hora depois, entrou na sala o sujeito e a dama. Céos! Expedi do peito involuntariamente um

ai agudissimo, levei as mãos aos olhos, e cahi n'uma cadeira, que ia cahindo commigo.

Era Paula! Oh!... Paula!

Reinou profundo silencio alguns minutos na sala. Quando me recobrei do spasma, ergui-me, e sahi, sem encarar na desgraçada.

VIII

Na desgraçada—disse eu!... Que adjectivos tão tolos tem a nossa boa fé para adaptar a certas mulheres, que trazem a desgraça e a opinião publica sovada aos pés!

O meu amigo, voltando ás onze horas da noite, achou-me febril, e assistiu-me até á madrugada com todos os recursos da medicina.

No dia seguinte, socegado o pulso, contou-me assim o seguimento da diligencia:

—Declarou Paula de Albuquerque que não era raptada, e seguira de muito sua livre vontade aquelle homem que amava, e com quem queria casar. O homem, que ella seguia, declarou ser irmão do padre-capellão da casa da menina, e mestre eschola regio nos arrabaldes de Lisboa. Ajuntou mais o raptor, vertendo prantos caudaes, que elle não queria de modo algum dar semelhante passo, mas que a fidalga fôra ter com elle, dizendo que não havia outro meio de obterem consentimento para casarem, e remediarrem o mal feito. Acrescentou o meu amigo administrador que D. Paula, ouvindo tão ignobil e co-

varde revelação do mestre-eschola, rompera em vociferações contra elle, chamando-lhe miseravel, e pedindo que, sem demora, a enviassem a seu pae para não ver mais um homem indigno do sacrificio d'ella. O mestre-eschola abundava no parecer de Paula, e cuidava já em retirar-se, quando o administrador lhe disse que fosse esperar na cadeia que a innocencia do seu passo fosse julgada. Em consequencia do que, o mestre de meninos desmaiou.

A auctoridade officiou d'ahi ao governador civil, narrando-lhe os successos. Respondeu este que, visto ser tarde para entrar no convento, pernoitasse a fugitiva na estalagem, com vigias, e sob a responsabilidade dos donos da casa, até virem de Lisboa novas ordens. O irmão do capellão foi para a cadeia, e Paula, no dizer da sr.^a Felicia, dormiu até ao dia com a serenidade dos anjos.

Tres dias depois, o mestre-eschola foi removido para Lisboa, e encarcerado no Limoeiro. D. Paula descen de Santarem ao Cartaxo, transpoz o Tejo, e foi para uma quinta de seu pae em Azeitão.

CONCLUSÃO

Quando voltei a Lisboa rara pessoa encontrei que me não contasse o successo com a hediondez natural das suas côres, e com as outras exageradas, que a maledicencia folga de carregar.

O mestre-eschola, depois de alguns mezes de prisão, foi mandado embora, sem ser julgado; mas da cadeia passou a bordo d'uma galera, que o desem-

barcou no Rio de Janeiro. É de crer que o fidalgo, para se forrar á vergonha dos debates no tribunal, perdoasse ao réo, e conseguisse que o ministerio publico não achasse provas para a querella.

Pelo mesmo tempo D. Paula casou com o primo que lhe fôra destinado desde a puericia, e tornou para o palacio de Bemfica, em companhia de seu marido, e já com um menino robusto, não obstante ter nascido tão sem tempo que ninguem pensou que vingasse. Dizia a avó de Paula que semelhante prodigio não era novo na sua familia, porque ouvira sempre dizer que os primogenitos da sua linhagem quasi todos nasciam antes dos seis mezes de incubação. Coisa notavel !

Vi Paula no theatro : no seu camarote entravam as pessoas de mais brilho na sociedade lisbonense, e cortejavam-na com reverencia igual á adoração.

Vi Paula nos bailes : os grandes do reino, os millionarios, os anciãos reputados modelos de honra e austeridade, honravam-se de lhe darem o braço, e de se curvarem a apanhar-lhe o leque do chão.

Vi o nome de Paula inscripto na lista das damas que soccorrem os afflictos, pelo amor de Deus, e se chamam, na linguagem dos localistas, as segundas providencias na terra.

Vi, finalmente, que D. Paula era a mulher que o mundo respeitava, sem embargo do conde, e dos amigos intimos do conde, e do mestre-eschola, unico bode expiatorio de tamanhas patifarias !

A MULHER QUE O MUNDO DESPREZA

I

N'aquelle tempo, li eu que Alfredo de Musset e Espronceda, poetas de altos espiritos, atordoavam as suas dores com a embriaguez, o primeiro porque amava uma litterata amphibia, o segundo porque alanceavam remorsos de ter desgraçado uma The-reza, que morrera de paixão, por isso mesmo que não era litterata.

Era então moda a vinolencia, particularmente na academia universitaria, onde os mancebos de mais poesia d'alma, e arremeços de « aspirações grandiosas » como então se dizia, protestavam contra a estreiteza do ambito, em que o seculo lhes apertava as faculdades, dilatando os ficticios horisontes da vida, até onde o vinho da Bairrada, a genebra, e o cognac permittiam.

Verdade é que nem sempre os ebrios podiam justificar a sua degradação com a necessidade de afogarem os desalentos e dissabores da existencia nas copiosas libações. Uns embriagavam-se para darem em espectaculo de admiradores a capacidade do seu estomago, e bebiam por alguidares; outros, contavam aos seus amigos uma historia tenebrosa de amor, que lhes matara a esperanza, e os infernara para sempre: a historia prefaciava de ordinario a emborcação de uma garrafeira. Os auditores do infausto môço, levavam-no depois á cama, onde elle digerira o seu vinho e a sua angustia suprema.

Eu conheci um destes infelizes, que era meu conterraneo, e passava em Coimbra por ter sido ultrajado em sua nobre alma pela mulher de cujos labios fermentidos recebera a morte. Alguns poetas cantaram-no; praguejando a infame que lhe apunhalara o coração. Da historia, que elle referia em tom cavo, a verdade núa era que elle viu a sobrinha de um abbade n'uma romaria, e offereceu-lhe cavacas, que ella não aceitou, porque o abbade lhes não tirava o olho de cima. Ajunte-se a isto que elle foi á aldeia da sr.^a Joanninha com o proposito de lhe falar em fugirem para um deserto; mas a pequena, como andasse atarefada com a matança dos sevados, não lhe deu trella. Por ultimo, o meu visinho ainda lá tornou em uma noite de esfolhadas; porém, o abbade desconfiado, como passaro bisnáu que era, deu sobre o academico com uma foice-rossa-

doira, e o academico fugiu com tanta pressa e felicidade, que algum sancto estava a pedir por elle. Em consequencia d'isto, é que o bacharel se embriagava, como Alfredo de Musset e Espronceda.

Á imitação desta, podia eu contar a historia de muitos bebados illustres da minha mocidade¹. Conheci outros, que eram poetas orientaes. Escreviam do amor das moiras, das volupias dos serralhos, das accesas paixões dos arabes. Claro é que n'um clima temperado, e com os costumes chãos e algum tanto lorpas e lerdos da nossa terra, a imaginativa carecia de espiritar-se com os boléos da embriaguez para sair-se dignamente com uma sextilha asiatica. Vinham a fazer dithyrambos, que intitulavam *Arrobos*, ou *Coriscos*.

¹ A palavra é pouco urbana e civil para livro de tanta polpa e gravidade. *Bebado* é o homem que se embebeda na taberna. Ao bebedor que se embriaga nos cafés e nas salas, a não se lhe dar nome de *espiritoso*, tambem não deve chamar-se *bebado*. Os glossarios, que conheço, carecem d'esta distincção, que se quer observada entre pessoas *que se tratam*.

NOTA

Entre as poesias de Silvestre, achamos uma, datada em 1855, que parece referir-se á epoca e aos poetas orientaes de que vem fallando nas suas memorias. D'ella trasladamos um fragmento, que vem a ponto:

.....
 A esperançosa mocidade, a pleyade
 De genios do Marrare, que é feito d'ella?
 Pullulavam em barda, enxame às nuvens
 De abélhas, que libavam mel do Hymetto,
 Disfarçado em cognac; e, então, mellifluos,
 Como diz não sei quem, que sabe a lingua,
Emmelavam a gente, isto é, *melavam!*
 E melaram os dulcisonos meninos,
 Quando n'elles se estava embellesado
 O *Tejo de crystal*, e a tua *meiga*.

Que é d'elles? Onde o ninho d'estas aves,
 Que implumavam, apenas, e já punham
 O fito na montanha bi-partida,
 E as candidas azinhas sacudindo,
 Era um gosto commum, um brio patrio,
 Um gosto nacional perdél-os d'olho
 E ouvil-os, lá do alto, em trinos d'estes:

« Doce briza,
 Que desliza,
 Pela junça
 Do paul,
 Traz perfume
 Como a aragem
 Da bafagem
 D'uma virgem
 De Stambul. »

Á compita de cantico, responde
 D'alem, d'outro poleiro, em sons mais ternos,
 Outro bardo, que tem na terra amores:

« Minha Elisa, o teu segredo

Não n'ó sei;

Nem na voz do arvoredo

Adivinhei.

Ai! querida! diz-m'ó cedo,

Diz-m'ó, querida,

Pela vida!

Se não dizes,

Morrerei! »

.....

No numero dos ebrios, que inspiram compaixão às almas flexiveis, estava eu. Quem tiver lido as minhas desventuras, e pesado, nas cordas sensiveis do seu peito, as embaçadellas (por não dizer sempre desapontamentos) que apanhei na curta primavera da minha vida, de certo me desculpa do asqueroso vicio de que me sinto assás castigado pelas inflamações de visceras que a miudo me atormentam. A imagem de Paula não me apparecia como visão amada: mas figurava-se-me ella como o demonio sarcastico do ultrage á minha dignidade. Mil vezes mais atroz visão, que a da mulher que nos abandonou enfasiada, e talvez chorasse por não poder amar-nos! Deus sabe quanto dóe á creatura, que amaldiçoamos, o tédio que as nossas meiguices, e lagrimas, e ciumes lhe causam!

Comecei por beber licor de ortelã pimenta, e acabei no absyntho estreme. A minha embriaguez era pacifica, e até certo ponto cathedratica. Eu me explico. Se o auditorio me favorecia, deixava-me ir em discursos sobre a philosophia da historia, alternados com outros discursos sobre a historia da philosophia. Estas materias, que a todo homem, em estado normal, se figuram aridas e insipidas, a mim pareciam-me deleitosas e lucidissimas; e os ouvintes, salvo a lisonja, mostravam-se egualmente admirados que instruidos. Não poderemos inferir d'aqui o facto de que as sciencias de certa transcendencia as devemos á allucinação de certas cabeças?

e que o espirito humano, sem o complemento de outros espiritos, cuja immortalidade ninguem discute, ha de sentir sempre a estreiteza dos seus limites? Não discorro agora a este respeito, por que bebo agua ha dois annos.

N'uma d'essas noites de exorbitancia intellectual, como o auditorio me abandonasse, sahi do Marrare das sete portas, e fui ver a lua que-crispava de scintillantes escamas a superficie prateada do Tejo. Eram onze horas. N'um dos bancos, que adornam o caes do Sodré, vi sentada uma mulher que trajava de escuro, e apoiava a cabeça entre as mãos, que, ao reverbero d'um candieiro, pareciam de alabastro, amarellecido de annos.

Approximei-me d'ella, parei com quanta firmeza as pernas me permittiam, e disse-lhe:

— Mulher!

E ella voltando para mim a face pallida, encarrrou-me, e não respondeu.

— Mulher! — tornei, encostando-me ao peitoril do caes para manter a dignidade e aprumo do discurso.

— Que quer? — respondeu ella.

— Que tens tu com as magnificencias da noite? Que segredos vens tu dizer ás estrellas, que o Creador fizera tuas irmãs na formosura do brilho? Se te despenhaste da tua innocencia, que queres tu deste céu que só verte o orvalho consolador no seio das creaturas affligidas sem mancha, das padecentes sem culpa, ou das infames com dinheiro?

Pouco mais ou menos foi isto o que lhe disse, que me lembre; o restante, a não ser discurso sobre a philosophia da historia, devia ser discurso sobre a historia da philosophia.

O mais que me lembra é que ás cinco horas da manhã desse dia d'agosto, a mulher do caes do Sodrê ia commigo n'uma carruagem, e respirava o ar balsamico da estrada de Cintra.

II

— Conta-me a tua historia, Marcolina, antes que eu perca a razão, para lhe dar valor. A embriaguez quando não é insultuosa, é pouco persistente nos sentimentos generosos. Faz-me compadecer de ti e darás á minha vida rumo novo, ou pelo menos uma idéa util e propria de homem que ainda tem intervallos de encontrar-se na consciencia. Tu choraste, quando viste arvores e flores; pediste-me que te deixasse morrer lá em cima entre as fragas da serra; erraste uma vista, de quem se sente morrer de desalento, pela extensão do mar. Quem és tu? d'onde cabiste até encontrar o primeiro apoio na tua queda sobre o hombro d'um homem perdido de razão, que tu recebeste como se encontrasses um teu irmão no despejo e na desgraça? Já sei o teu nome; vejo que foste bella; qué a natureza te quer ainda vestir d'umas galas que tu expelliste de ti, quando as rasgavas com pedaços do coração. Já tens outra côr;

e as lagrimas, em que te nadam os olhos, parece que te querem lavar os stigmas da face. Voarão nesta atmospheria os anjos invisiveis que te conheceram, quando tu eras pura ?

Marcolina abraçou-me sem a vehemencia convulsiva que os dramaturgos mandam nas rubricas. Foi um abraço senhoril, commedido, e honesto como nossas avós os davam no jogo dos abraços, quando os anjos da guarda entravam n'aquelles jogos, e sahiam sempre sem vergonhas do mundo.

Marcolina sentou-se em uma cadeira defronte da minha otomana, e disse :

« Nasci no dia em que meu pae morreu nas linhas de Lisboa. Tenho dezoito annos. Meu pae foi empregado na thesouraria, onde ganhava para levar a vida com abundancia. Se algum desgosto sentia, era por não ter um filho. Morreu, como lhe disse, no dia em que eu nasci.

« Minha mãe ficou muito nova, e bonita ; mas quasi pobre. As economias, que meu pae deixára, dariam escassamente a subsistencia d'um anno. Ouvi dizer que a casa estava trastejada com luxo, em que meu pae se esmerava, por ter sido creado no paço, onde meu avô era cirurgião.

« A mãe teve muito quem a pretendesse, não tanto por ser bella, como por correr fama que tinha dinheiro. Teria eu um anno, quando ella casou com um empregado publico, mais novo e mais pobre que ella.

«Lembro-me da minha infancia dos seis annos em diante, e dos meus irmãos, que já eram dois, filhos do meu padrasto; e, quando eu tinha dez annos, já eramos seis irmãos, todos meninas.

«Não tenho memoria nenhuma de viver em casa mobilada com limpeza. Minha mãe foi vendendo pouco e pouco algumas joias que tinha para ajudar ás despezas, que augmentavam, e aos vicios de seu marido, que tambem cresciam com a pobreza. O que me lembra muito bem é a indigencia, e a fome, e a nudez de minhas irmãs.

«Meu padrasto, por causa d'uma revolução, foi demittido do logar; e, obrigado pela penuria, fez um roubo, e esteve preso alguns mezes. Nunca mais o vi, e não sei ainda hoje se foi degradedado, se foi para o Brazil, como minha mãe dizia.

«Quando eu tinha doze annos, viviamos n'um ultimo andar d'uma casa na rua de S. Luiz. Minha mãe sahia á noite com tres de minhas irmãs, e recolhia-se muito tarde a fazer a ceia, que era muitas vezes o jantar. Creio que ella andava mendigando. Outras vezes fechava-nos todas na unica alcova da casa, e ella ficava na saleta: creio que este facto era mais horrivel que pedir esmola.

«Aos quatorze annos, estando eu sosinha em casa uma noite, fazendo camizas para embarque, ouvi um rangido de botas nas escadas proximas, e estremeci. A porta foi aberta de fora com a chave, e eu ergui-me espavorida, correndo á janella que se abria

sobre o telhado. Lembraram-me, n'aquelle instante palavras que a mãe me tinha dito, e julguei-me perdida.

«Quando lancei a vista á porta para me bem vencer da desgraça, vi um homem que caminhava para mim, dizendo que me não assustasse. Eu fui recuando até ao cantinho da casa, e encolhi-me a tremer e a chorar.

«Parece que o homem teve piedade de mim. Esteve a olhar-me com ar melancolico, sentou-se, e limpou o suor da testa.

«Perguntou-me quantos annos tinha; se minha mãe nada me tinha dito a respeito d'uma visita; se eu antipathisava com elle; se eu queria sair de tanta pobreza, e da companhia de minha mãe, que me vendêra e que tencionava viver do preço da minha honra.

«Eu respondi soluçando a taes perguntas. O homem, que se mostrava condoido, chegou a chamar-me para junto d'elle, offerecendo-me uma cadeira. Fui sentar-me com muito medo; mas tranquillisei-me algum tanto, quando vi que me não lançava as mãos. Uma vez que elle se inclinou para mim, deitando-me o braço á cintura, ergui-me de salto, e ajoelhei, pedindo que me deixasse. Ergueu-me com brandura, e disse-me:—« Esteja socegada, que cu não lhe faço mal » — e passados instantes, continuou:— «A sua felicidade não é eu deixal-a; porque ámanhã sua mãe a venderá a outro homem, que se não compa-

deça da sua innocencia, e lhe despreze as lagrimas. A sua posição, menina, é muito desgraçada n'esta casa. Eu vinha preparado para encontral-a bem disposta a ceder ao destino que sua mãe lhe deu; vejo que não é fingida a sua dôr. Quer, Marcolina, salvar-se das grandes vergonhas que a esperam? Saia já d'esta casa, acceite a minha amizade; venha para a minha companhia, e depois pensará no que melhor lhe convier para ser menos infeliz. Confesso-lhe que a sua belleza me encanta; mas já não serei capaz de a querer sem que o seu coração a leve a ser minha amiga.»

«Continuou a fallar n'este sentido longo tempo e a final estando já de pé para sair, lançou-me ao regaço dinheiro em oiro, e disse:—«Quando sua mãe vier, diga-lhe que está pura, peça-lhe que não a venda, e obrigue-se a sustental-a com a condição de não a vender. Esse dinheiro é o necessario para um mez; no principio do mez que vem, receberá igual quantia.»—E saiu; beijando-me na testa, e murmurando, quando me viu estremecer ao contacto da sua bocca: «Pobre menina!»

—Era novo esse sujeito? interrompi.

—Não, senhor. Teria cincoenta annos.

—Continúa. Tua mãe, quando chegou...

—Viu o oiro sobre a mesa, e fez-se escarlate de infernal alegria. Olhou para mim, e disse: «Não estás mal commigo?» Rompi n'um pranto, que me afo-gava. Quiz ella abraçar-me, chamando-me tola com

modos carinhosos, e eu fugi para a alcova onde as minhas irmãs estavam assentadas no enxergão.

— Das tuas irmãs uma já devia ter treze annos n'esse tempo.

— Essa não vivia comnosco.

— Que destino tinha tido ?

— O que minha mãe quizera dar-me. A mãe disse-me que ella estava na casa pia ; mas, alguns mezes depois, soube que ella estava na situação em que estou hoje.

— E está ainda ?

— Não, senhor. Morreu de dezeseis annos.

— No hospital ?

— Não, senhor, em minha casa.

— E as outras irmãs ?

— Logo lhe direi.

III

« Minha mãe quiz que eu lhe contasse o que se passara entré mim e o sr. barão.

— Ah! era barão o sujeito ?!

« Era barão; mas não o maldiga, que tinha boas qualidades.

— Veremos... Por em quanto, não ha razão de queixa. Ora, diz o mais.

« Contei á mãe o succedido ; menos o modo como elle me fallara d'ella. Ouviu-me com admiração, e disse-me: « Se eu soubesse que elle tinha palavra, e te dava a mezada, sabiamos d'estas aguas furta-

das, e podíamos viver regaladamente.» Acrescentou a estas pslavras um plano vergonhoso que devia enriquecer-me em poucos annos. Faz-me horror o que lhe ouvi!

«No dia seguinte minha mãe comprou-me um vestido de cassa, um mantelete em segunda mão, um chapéo de palha, e outras miudezas. Mandou-me pentear, e vestir, para darmos um passeio. Atravessamos algumas ruas, que eu via pela primeira vez, e entramos no pateo d'um palacete. «Onde vamos?» disse eu. «Aqui é que mora o sr. barão; é preciso sermos gratas.» O guarda-portão que já a conhecia, tinha subido a dar parte ao amo, e voltou, quando minha mãe me estava dizendo: «Deves mostrar-te muito agradecida ao fidalgo, e pede-lhe licença para mudares de casa, e alugares outra onde elle possa entrar sem repugnancia.»

«Fez-se uma mudança espantosa no meu espirito, quando tal ouvi. Não hesitei. Subi as escadas, e minha mãe sentou-se no banco do pateo. Entrei n'uma sala muito rica, e sentei-me á espera. Tinha o rosto banhado de lagrimas. Chegou o barão, e veio ao pé de mim, com ar muito alegre e meigo. «Quem a trouxe aqui, Marcolina?» disse elle. «Foi minha mãe com um recado; mas eu venho dizer-lhe outra coisa.»

«Faltou-me o animo para continuar; mas instada pelo barão, e com a odiosa imagem de minha mãe a instigar-me, cobrei forças, e pude dizer-lhe que me tirasse da companhia de minha mãe, e se compade-

cesse do meu infortúnio. « Agora mesmo » disse elle. E saiu da sala para entrar n'outra, onde mandou chamar minha mãe. Soube, depois, que n'essa occasião se realisou o contracto, com muita generosidade da parte d'elle no pagamento, e prompta annuencia d'ella no separarmo-n'os. N'este intervallo, chorei com saudades da minha irmãsinha mais nova, que tinha cinco annos e meio, e era linda como um anjo.

« Passados quinze dias, a minha guarda-roupa estava cheia de setins e velludos. Tinha brilhantes que faziam invejavel a minha deshonor. Tinha uma mestra, que me ensinava as attitudes senhoris nos camarotes, e recebia d'essa mesma lições para entrar na carruagem, apanhando a cauda dos vestidos com elegancia, e saltando d'ella garbosamente para o banco almofadado, que me offerecia o lacaio. N'uma das minhas primeiras idas a S. Carlos, vi minha irmã n'um camarote com mais duas senhoras. Dei um grito de surprehendida, e indiquei-a ao barão. « Não olhes para lá, disse-me elle, tua irmã, se é aquella, deve ser o que são as companheiras: são tres prostitutas que ali estão. » Baixei os olhos, como obrigados pelo peso das lagrimas e da vergonha. Vergonha e lagrimas! Que mais valia eu que minha irmã, e quem era mais digna de lagrimas que eu !

« Um dia recebi um bilhete de minha irmã, dando-me os parabens da minha felicidade, e pedindo-me que a não despresse por ter sido menos

feliz que eu, na carreira, que a mãe nos dera a ambas. Mostrei esta carta ao barão, e elle, com soberba irritação exclamou: « Não lhe respondas; prohibo-to, sob pena de ficarmos mal. »

— Começa o barão... atalhei eu.

— Começa o segundo acto da minha tragedia,— disse Marcolina.

IV

« Fui um dia ao Campo Grande: ia sosinha na carruagem. Apeei para passear entre as arvores, e vi ao longe duas senhoras correndo para mim. Conheci minha irmã, e corri para ella. Abraçamos a chorar. Contou-me em breves palavras a sua vida. Era a minha, com a differença das pompas. Vivia com um mercador de pannos, que aborrecia; mas sujeitava-se por não ver outro caminho por onde achasse mais honesto modo de vida. Praguejou contra a mãe, analysando ao mesmo tempo os meus anneis e pulseiras com olhos cubiçosos.

« Quando assim estavamos entretidas, appareceu de subito o barão; encarou-me com desabrimento, e disse-me: « Já para casa! » Não repliquei, nem mesmo olhei para minha irmã. O barão arguiu-me severamente; e, dizendo-lhe eu que a minha vida não era mais honesta que a da outra desgraçada, mostrou-se muito offendido com ser comparado ao mercador de pannos. Arrependi-me de dizer tal, porque o... insultos da sua vaidade ferida com tão pouco.

Desde esse dia, comecei a sentir os espinhos da minha posição. Cahi n'uma modorra de tristeza, mais dolorosa que a miseria. Se ia ao theatro, era violentada: se me vestia, a capricho do barão, fazia-o tão contrariada, que elle rompia em desatinos contra mim, dizendo-me que eu já o não amava... como se eu o tivesse amado algum dia! O odio a minha mãe recrescia, quanto mais eu entrava na consciencia da minha perdição, e no preço das galas com que eu insultava a virtude honesta. A minha grande desgraça, senhor, era eu não poder destruir os sentimentos da dignidade, talvez herdados de meu pae, que fôra honrado. As mulheres na minha posição, começam a ser felizes, quando se enterram de todo no charco das torpezas.

« Um dia, estava eu á janella, e vi passar minha mãe com a filha mais nova. Retirei-me, quando ella me ia acenar com a mão; mas ficaram-me os olhos na creança, e escondi-me a chorar. O barão encontrou-me a enxugar as lagrimas; contei-lhe a causa; e elle, querendo consolar-me, disse que minha mãe e irmãs estavam vivendo fartas e com decencia á minha sombra, e ajuntou que, em quanto eu me portasse bem, não lhes faltaria nada. Pedi-lhe que me deixasse ter na minha companhia a mais nova de minhas irmãs. Não quiz, nem mesmo concedeu que ella me visitasse alguma vez. Ora, isto, e muitas outras contradicções que fazem o desgosto da vida intima, conseguiram desvanecer pouco e pouco

a amizade que eu cheguei a dar-lhe, mais por amor da piedade com que me tratou na minha pobre casa, que pela opulencia com que me tinha na sua. Entrei a pensar no modo de me resgatar do captiveiro; porém, não via nenhum, que não fosse augmentar e meu infortunio.

« Lembrei-me de ir para uma terra da provincia ensinar meninas; mas eu escrevia tão mal, e lia tão pouco, que de certo me rejeitariam. De prendas de costura, apenas sabia dar um ponto, visto que minha mãe não podera nem quizera dar-me educação, nem tive mestra, senão quatro mezes, em quanto se me não romperam os vestidinhos, que me dera minha madrinha.

« Pedi ao barão que me dêsse uma mestra de escripta e de leitura, e me mandasse ensinar algumas prendas para me entreter.

« Annuiu a tudo, menos a ensinar-me a escrever, dizendo que o saber escrever era causa de muitas mulheres se perderem.

« Irritou-me muito esta objecção; mas aceitei o consentimento de aprender a marcar, bordar, e talhar vestidos de senhoras. Felizmente a mestra escrevia soffrivelmente, e ensinou-me ás escondidas, com grande aproveitamento.

« O barão tinha um guarda-livros, que raras vezes me via, e perdia a côr, se acertava de encontrar-se commigo. Era novo como eu, tinha uma physionomia agradável, e um acanhamento que me fazia

suppor que eu, na minha situação, ainda impunha respeito. Conheci então o amor, á força de pensar que sentimento seria o que elle me causava. Era eu quem já o procurava ver de longe, e me retirava, se o guarda-livros me surprehendia a observal-o d'uma janella por onde, atravez do pateo, se via o escriptorio.

« Alguem me denunciou ao barão, quando eu me julgava a resguardo da menor suspeita. O caixeiro foi despedido, e a noticia deu-m'a o barão com um riso sardonico e do máu intento. — « Já sei o fim para que tu querias saber escrever » disse elle. — « Qual era ? » acudi eu. — Não respondeu.

« Passados dias achei uma carta no livro que andava lendo, emprestado pela mestra. Era do guarda-livros. Quem trouxera esta carta ? Seria isto uma velhacaria traiçoeira do barão ? ! Não era. A mestra fôra-me dada por informação do caixeiro, e, a instancias d'elle, me trouxe a carta, que não ousara entregar directamente.

« Não me affligiu a temeridade do moço, que eu amava. Recebi e carta, agradeci-a á mestra, e respondi-lhe sem artificio, dizendo-lhe sinceramente que o amava ; maç que entre mim e elle estava uma eterna barreira, levantada pela minha vergonhosa posição. Mulher, que não amasse com toda a candura, e in-experiencia do que são verdadeiras vergonhas, não escreveria tal carta. A mulher experimentada na infamia finge sempre que não a incommoda a consciencia de que a tem, e nega aos outros o direito

de cuidarem que ella se imagina infame. Penso eu que é verdade isto, pelo que tenho aprendido de mim propria.

« O guarda-livros respondeu-me admirando-se que eu visse tal barreira entre nós, quando elle meditava em me fazer sua esposa. Desde que li esta segunda carta, senti-me doida de esperanças felizes; apaixonei-me pelo homem, que me não via as no-doas da deshonra: não era já amal-o, era adoral-o na minha imaginação.

« E ao mesmo tempo, tamanha aversão me fazia o outro de quem o meu corpo era escravo, que já mal podia dissimulal-a.

« Conseguiu Augusto que eu lhe fallasse, quando saísse a passeio. Mandei pôr os cavallos á sege, quando o barão estava fóra. Apeei-me em S. Pedro de Alcantara, e desci ao jardim, onde Augusto me esperava. Balbuciou a repetição do que me tinha escripto, sem ousar tocar-me a tremula mão, nem eu ousava offerecer-lh'a. Conheci que a minha riqueza o humilhava. Lembrei-me então que aquelle rapaz, se me visse n'uma pobre casa com modestos trajos, havia de amar-me expansivamente! Que falsos juizos forma o coração, que se não vendeu com o corpo! Que grande bem seria poder a mulher despojar-se da pureza da alma, quando se deshonra!

« O barão teve aviso de que eu me encontrara com o guarda-livros. Nada mais natural! Como cuidaria eu que os criados me não espreitassem! Cegava-me

a razão, o amor, e o desejo impetuoso da liberdade. Já se me não dava que elle o soubesse, e me expulsasse. Jurara até commigo de lhe dizer a verdade, provocando-me o barão a dizel-a.

« Foi o que succedeu. Á primeira queixa do homem assanhado pelo ciume, respondi que certissimamente amava Augusto; que queria passar do crime faustoso para a virtude na pobreza; que era muito infeliz na vida que tinha; e que só com amor se podia supportar a vergonha de ser banida da sociedade.

« Espantou-se do meu desembaraço o barão e cobriu-me de injurias; das injurias passou ás lagrimas; das lagrimas tornou aos insultos; e, quando eu menos podia esperar uma villania sem nome, deu-me uma bofetada. Levei as mãos ao rosto e quasi perdi os sentidos. Quando abri os olhos desvariados de angustia, o barão estava ajoelhado aos meus pés e dizia: « Eu não sou, ha muito, teu marido, porque não posso sê-lo porquenunca te disse que sou casado, e que tenho a mulher no Brazil. Espera que ella morra, e então serás minha mulher. A sociedade te respeitará então o titulo, a riqueza e a virtude de me teres sido fiel. »

« Não sei que mais lhe ouvi, que parecia augmentar o sentimento de abominação aggravado pelas supplicas depois do insulto. Afastei-me, e escrevi-lhe, a despedir-me. Devia de ser-lhe nova e afflictiva surpresa, quando viu a minha carta escripta com boa letra, e a rancorosa eloquencia com que

eu lhe atirava ao rosto a desestima em que o tinha, já convertida em desprezo.

« D'um arremesso, entrou no meu quarto. Trazia um par de pistolas aperradas : tive-lhe medo e horror, quando elle gritou: — « Uma para te matar, e outra para mim !— « Que mal fiz eu para morrer ?!» exclamei com a ancia de quem quer e pede a vida.

v

« Menti-lhe para me livrar das baixezas supplicantes e das ameaças. Prometti deixar Augusto, e ficar na companhia do barão. Pediu-me que escrevesse uma carta ao caixeiro, segundo elle m'a dictasse. Recusei. Ameaçou-me de novo ; vendo-me porém, resistente e já disposta a morrer, tornou ás branduras, e desistiu da carta, como coisa inutil, depois da minha promessa.

« No mesmo dia, brindou-me com um alfinete de diamantes, e mandou-me preparar para irmos viajar. O meu plano estava formado : respondi a tudo que sim.

« Quando veio a mestra, dei-lhe uma carta para Augusto, avisando-o do meu projecto de fuga, e pedindo-lhe que me recebesse assim pobre, que eu já sabia trabalhar, e nunca lhe seria pesada.

« A mestra estava já vendida ao barão, que foi logo senhor da carta. Se eu fosse esperta, adivinhára a perfidia da medianeira na alteração de rosto com que

me recebeu a carta. Estava-se accusando a vil creatura; mas eu não podia julgal-a. Parece-me que só os infames podem julgar bem os infames.

« Vi entrar o barão no meu quarto com terrivel contracção de rosto. Sem me encarar pediu-me uma a uma todas as minhas joias: dei-lh'as. Pediu-me todos os meus vestidos, todos, nomeando-os um a um pelas suas cores e estofos: dei-lh'os, e perguntei se devia despir o que tinha vestido. — « Veremos » disse elle. E, depois de atirar com os vestidos a pontapés para o interior do seu quarto e guardar as joias, accrescentou: « Agora, vá quando quizer, que vae como veio. Não vou como vim — respondi eu — Era pura quando entrei n'esta casa, sr. barão. » — Replicou-me com um insulto sem nome, e sahiu.

« Esperei que anoitecesse, e no entanto pensei para onde iria. O coração impellia-me para Augusto; mas eu ignorava a residencia d'elle. Lembrou-me ir pedir agasalho a minha irmã, e de casa d'ella indagar a morada de Augusto. Lembrou-me de relance minha mãe; mas supposto me sorrissem as minhas irmãsinhas, fechei logo os olhos a esta horrorosa visão. Prevaleceu o unico refugio, que era minha irmã, muito menos desgraçada do que eu.

« Escureceu; sahi do quarto, e desci as escadas. Ia assim como estou agora. Não levava commigo cinco réis, nem valor algum além d'um vestido de casa, que tinha no corpo. A meio das escadas, sahi-me o barão d'uma sobre-loja, travou-me pelo braço com

mais amor que força, e disse-me: « Onde vâes, desgraçada?! Pensa bem no passo que vaes dar. Contas com o caixeiro? Esse miseravel é tão pobre como tu. Desde que saiu da minha casa, já me mandou pedir um empréstimo, que eu lhe dei como esmola. Nenhuma casa commercial o aceita sem as minhas informações; e eu, a quem m'as pede, respondo que elle anniquillou a minha felicidade, e desgraçou para sempre duas familias. Serve-te assim o homem? Cuidas que o caixeiro irá pedir esmola para te sustentar? Irá; mas quem é que lh'a dá? E, quando elle, cançado de humilhações e deshonras, friamente olhar para ti, e te julgar a causa de sua desgraça, ha de aborrecer-te, odiar-te, e abandonar-te, e fugir de ti como quem foge do maior inimigo. Medita n'isto, Marcolina. Perdôo-te o mal que me fizeste, esqueço tudo, peço-te mesmo perdão do que fiz hoje, allucinado pelo amor que te tenho. Ficas, Marcolina?

« Não fico — respondi — nem vou procurar Augusto. Para desgraça basta a minha. Vou ter com minha irmã, e de lá procurarei uma casa onde sirva. »

« Lançou-se-me aos pés o barão, abraçou-me pela cintura abafado pelos soluços; disse-me até, no seu desvario, que iriamos para França, e lá casaria comigo. Causou-me riso e compaixão este desatino!... Cedi, deixei-me ir quasi nos braços d'elle até ao meu quarto. Parecia louco de alegria o pobre homem! Trouxe-me as joias, tirou do dedo um grande brilhante, que elle chamou annel de casamento, e quiz

á força que eu o pozesse entre outros, posto que podia abranger tres dos meus dedos.

— Era uma pulseira ! — interrompi eu com ambições de graça — O barão, excepto os dedos, parece-me um bom sujeito !

« Era — tornou Marcolina — era um coração como poucos. As ameaças das pistolas, os insultos, a requisição das joias e dos vestidos, tudo isto que parece villania, era n'elle uma sublime maneira de exprimir o seu muito ciume e paixão.

« Nunca mais vi a mestra, nem tive pessoa que me fallasse de Augusto. Naturalmente o fui esquecendo, o forçoso era esquecel-o em Paris e Londres para onde o barão me levou, sem me dar tempó a scismar uma hora no meu passado.

« De Londres fomos para Alemanha, e estávamos em Baden-Baden, quando o barão, no goso de robusta saude, e felicidade que a cada hora me confessava, morreu subitamente d'um ataque apopletico, quando se estava banhando.

« Não estou a moer-lhe a paciencia com os promenores das coisas succedidas depois da morte do meu extremoso amigo. Basta dizer-lhe que eu fiquei apenas possuidora dos objectos valiosos que tinha para meu uso, e sem esses mesmos ficaria, se um portuguez, que estava em Baden-Baden, me não aconselhasse a sonegal-os ás averiguações da justiça. A mulher do barão veio a Portugal, e habilitou-se herdeira unica da grande riqueza.

Deliberei voltar para Lisboa.

VI

« As minhas joias valeriam quarenta mil cruzados.

« Coadjuvada pelo serviçal portuguez, que me aconselhara, vendi em Londres as melhores peças do meu cofre, e apurei uns doze contos de réis. Cheguei a Lisboa, e aluguei uma casinha agradável em Buenos-Ayres. Procurei minha irmã, e encontrei-a com muita dificuldade, reduzida ao extremo aviltamento. Em menos d'um anno, a infeliz descera a escala da abjecção, que outras descem em muitos annos de libertinagem, com revezes de miseria e luxo. Se alguma vez passou n'umas ruas immundas da cidade alta, onde as mulheres competem em palavras obscenas com os marinheiros embriagados, já sabe onde eu encontrei a primogenita das segundas nupcias de minha mãe.

« E minha mãe onde estaria? e minhas irmãs a que destino seriam chamadas?

« Levei a desgraçada para a minha companhia. Chorei tres dias a contemplal-a; e ella não chorava. Vesti-a com decencia igual á minha; levei-a commigo a passeios ao campo; fallava-lhe em tudo, menos no seu destino; queria ella contar-me a sua queda, e eu pretextava sempre uma distracção para não lh'a ouvir.

« Passados quinze dias, conheci que minha irmã

amava o vinho, e bebia muito, e ria desentoadamente depois do jantar. Pouco tempo depois, começava a rir logo de manhã, e chegava ao jantar já completamente embriagada. Chamei o criado a perguntas, e soube que ella bebia genebra em grandes porções, e a toda a hora. Aconselhei-a primeiro brandamente, e depois, baldados os bons modos, reprehendi-a com severidade. O resultado foi querer ella sair de minha casa, e voltar ao sitio d'onde viera. Estava irremediavelmente perdida. Consenti que se embriagasse e não sabisse. Não bastou esta concessão. Um dia desapareceu-me. Fui procural-a ás paragens mais provaveis, e não pude achal-a. Só depois de um mez, com auxilio da policia, pude descobril-a... no hospital de S. José.

« Fui ao hospital. Fallei-lhe, e vi que estava de todo desfigurada. Consultei o facultativo da enfermaria, e soube que minha irmã estava mortalmente doente de tuberculos pulmonares. Fil-a transportar para minha casa, por me lembrar que, no hospital, a religião não poderia dar-lhe esperanças de melhor vida, agonizando ella entre as suas companheiras de desgraça, que continuamente vociferavam torpezas, ou praguejavam contra Deus, emphreneziadas pelas dôres.

«Ao sair do hospital, encontrei Augusto. Senti um abalo, como se visse resuscitado um amigo morto e quasi esquecido. Adiantou-se elle para mim, comprimou-me, e disse-me que andava estudando medicina, e estava no seu segundo anno, modo de vida

que abraçara, por ter parentes que o protegiam, conhecedores da malvadez com que o barão o perseguia.

« Minha irmã morreu : já não podia vencer a morte. Prestei-lhe quantos auxilios cabiam em forças da amizade e da compaixão. Os paroxismos da infeliz foram tranquillos; e, se as lagrimas valem na presença de Deus, póde ser que o seu inferno fosse o d'este mundo sómente.

VII

« Foi Augusto visitar-me.

« Fallou-me do passado, e eu contei-lhe tudo que decorrera desde a sua ultima carta.

« Não lhe occultei os haveres, que eu tinha em inscrições, compradas com o producto das joias. Respondi com amizade ás reminiscencias do seu amor. Pedi-lhe que fosse meu amigo, simplesmente meu amigo, e que não quizesse acordar um sentimento que por pouco nos não fizera a ambos desgraçados sem refugio.

« Encarreguei-o de indagar a sorte de minha mãe. Soube que ella, desde a morte do barão, estava vendendo os moveis para se sustentar, e que, em breve, na opinião dos informadores, teria as filhas em conta de moveis. Augusto industriado por mim, poude fallar ás meninas, na ausencia da mãe, e persuadiu-as a fugirem para a minha companhia ; o que ellas promptamente fizeram. Ao mesmo tempo mandei dar a

minha mãe uma mezada, com a certeza de que suas filhas estavam em companhia de Marcolina, que as faria educar e preparar para um virtuoso destino.

« Parece que o senhor ás vezes se mostra espantado d'esta linguagem na bocca da mulher que hontem encontrou ás onze horas da noite!..

— Dizes bem, Marcolina; ás vezes espanto-me. Tenho-te ouvido fallar em *virtude* não sei quantas vezes!

« Uma.

— Só uma?! será: mas tens tido raptos de eloquencia religiosa que cabiam muito bem n'um livro espiritual.

« E d'ahi que conclue? que sou hypocrita?

— Não: concludo apenas que és mulher, mysterio, enigma, absurdo, paradoxo, mescla de luz do céu e lavareda do inferno, demonio e anjo, *etc.* Continúa, que eu, emquanto te não vir desfallecida de fallar, não te lembro que devemos jantar hoje.

« Pois então jantemos, que eu não posso mais. Parte-se-me o peito com dôres; preciso descansar, porque ha seis annos que não fallo tanto, meu amigo. Estou admirada do bem que me faz o ar do campo. Ainda não tossi desde que cheguei a Cintra.

— Pois tu tens tosse?

— Tenho a tosse da tísica.

— Estás tísica?

« Parece-me que sim. . . Não fallemos em molestias. Vamos jantar, que eu tenho sincera fome. De-

pois iremos conversar debaixo das arvores: póde ser que eu chore, e o sr. Silvestre tambem. Felizes os que choram... É a unica felicidade que eu posso dar-lhe. »

Estava o jantar na mesa.

Entre-parenthesis do editor

Hade muita gente pensar que Silvestre da Silva, n'esta parte de suas memorias, anda apegado ás moletas litterarias dos modernos regeneradores das mulheres degeneradas. Arguição injusta! A *Margarida Gauthier* é muito mais nova que a Marcolina; e reparem, além d'isso, que o processo da reabilitação moral d'esta mulher é muito diverso do da outra, se é que ha aqui processo de reabilitação. Eu estou em acreditar que Marcolina, longe de exhibir a fibra pura do seu coração, pedindo que lhe aceitem a virgindade moral que lá se refugiou das paixões infames e infrenes, hade esconder os bons sentimentos com pejo de os denunciar, e fará que as fivelas da mordaça lhe apertem atrozmente os labios, quando a palavra amor lhe rebentar da abundancia do coração. A meu ver, Marcolina está dando lições de moralidade, quando muita gente cuida que ella está pedindo lagrimas, e perdão dos aggravos que fez á moral publica. Veremos.

Como quer que seja, aqui não ha *damas de camelias*, nem Armandos. Silvestre não quer que o romancéem nem dramatizem. Conta as coisas em escripto como m'as disse a mim conversando, e eu agora as dou em estampa ao universo, quaes as achei nos seus manuscritos. Da moral do conto o universo que decida, e os localistas.

VIII

Marcolina fingiu que comia, e que se alegrava. Quiz ter graça para responder á provocação das minhas facecias: mas era senhoril de mais nos chistes, que sahiam obrigados pelo desejo de fazer-me boa companhia. Tomou algumas chavenas de café, e não provou nenhuma bebida espirituosa. Á quarta ou quinta chavena, teve um accesso violento de tosse, que terminou com um golpho de sangue. Sahiu do quebranto, em que ficára, com as faces emaciadas e lividas. Pediu-me perdão do dissabor da sua doença, e promptificou-se, se eu queria, a ir contar-me o restante da sua vida, á sombra das arvores. Desisti da minha curiosidade, dispensando-a de falar n'aquelle dia em coisas que a fizessem chorar, e me commovessem a mim. Não quiz. Aceitou-me o braço, e sahimos. Á sombra da primeira arvore, distante dos grupos que a viram passar, e nos olhavam com um sorriso de escarneo ou de piedade da minha libertinagem, sentou-se Marcolina, e recommençou com as ultimas palavras, que dissera antes de jantar:

« Felizes os que choram... É a unica felicidade que eu posso dar-lhe. » E proseguiu, depois de recordar o facto, em que ficára suspensa a historia:

« Augusto, apesar das minhas instancias, pouco sinceras, fallou-me do seu amor incessantemente;

com tanto respeito, porém, o fazia, quer eu estivesse sosinha, quer com minhas irmãs, que me captivou a gratidão. Mal sabe o mundo quanto a mulher indigna de respeito sabe ser agradecida a quem teve com ella a commiseração do recato nas palavras e nos gestos!... A infeliz passa da estranheza á alegria de se ver ainda tratada com delicadeza, quando a consciencia, o seu verdugo, lhe está dizendo que não merece inspirar sentimento algum, que não seja aviltante ou deshonesto. Foi assim que me prendeu Augusto, sem me despertar o amor d'outro tempo. Sentia que o não amava, e mentia-lhe, querendo retribuir a sua generosidade cavalheirosa. O desapego de meu coração era incompreensível. Na minha vida só se tinham dado os infortunios que lhe contei. Não gastára a sensibilidade; amara-o apenas a elle; e, sem ter sido enganada pela seducção d'algum homem, sinceramente lhe digo que me inclinava a odial-os todos. Creio que me levaram a isto as desgraças de minha irmã fallecida. Cudei que todos os sentimentos de dignidade lh'os tinham matado os homens, reduzindo-a á hediondez de corpo e alma, em que a vi.

« As conversações d'Augusto tendiam todas ao casamento. Contrariei-as com simulada repugnancia; mas em minha alma antevia a felicidade de ter um marido, que nunca me havia de pedir contas do meu passado. Além d'isso, meditando nos costumes de Augusto, no seu viver, na sua applicação aos estu-

*

dos, e no plano que tinha de se retirar para uma provincia, logo que estivesse formado, achava-o mais perfeito do que eu podia merecê-lo: parecia-me que qualquer menina, sem mancha na sua reputação, e com um bom dote, se devia dar por bem-aventurada com tal marido.

« Casei.

« Acredite que eu não tive um mez de contentamento. Sou obrigada a crer que ha em mim desgraça contagiosa. Augusto transfigurou-se, se não era hypocrita; ou o demonio do meu destino lhe entrou no espirito para me atormentar sem treguas, nem fim. Eu não posso demorar-me a contar-lhe pelo miudo o desconcerto em que vivemos. Augusto era libertino, dissipador, jogador, e até embriagado o vi muitas vezes. Como se explica esta mudança, a não ser pela precisão de mudar-se tão espantosamente um homem, que devia ser o meu flagello! ? Mas porque? Em que era eu criminosa para tal castigo? Que mal fizera eu a Deus ou á sociedade? Não fui causa a que o barão deixasse a mulher, por que já a tinha abandonado, quando me levou para si. Fui boa com minha mãe e com minhas irmãs. Lembra-me agora se o meu crime era possuir alguns contos de réis das joias que me tinham sido dadas, e que eu escondi aos direitos da herdeira. Mas a minha deshonra e repulsão d'entre as pessoas virtuosas não valia alguma coisa?!

« Seriam as joias, seriam, meu amigo... É certo

que meu marido em dois annos dissipou tudo, tudo. As inscrições vendeu-as ; o resto dos braceletes, aneis, cadeias, relogios, tudo, com rasão ou sem ella, com violencia ou brandura, me levou de casa. Restavam-me os moveis, quando, depois de esperar tres dias por Augusto, recebi d'elle uma carta, em que me dizia adeus para sempre. Não sei se sahiu do paiz, se se matou. Ha tres annos que o não vi, nem os seus condiscipulos tiveram novas d'elle.

« Ficaram commigo tres irmãs, e minha mãe em sua casa, vivendo da mesada, que eu lhe dera até ao fim, já quando a furtava á bocca, e á decencia do vestir. Chamei minhas irmãs, que eram já mulheres, e disse-lhes que era necessario morrermos todas. Ouviram-me espavoridas. Disse-lhes que a morte era simples e rapida, se accendessemos dois fogareiros n'um quarto, e fechassemos portas e janellas. Lançaram-se a mim a chorar. Não queriam morrer.

« Fui vendendo a roupa, e os moveis. Perto estava já o dia da fome irremediavel, quando fui convidada a procurar em determinada casa um homem que desejava tirar-me da miseria. A encarregada d'este convite era uma mulher, que tinha estabelecimento publico de infamia. Fui?... fui... meu amigo, porque minhas irmãs tinham vendido na vespera as suas camisas, e minha mãe já tres vezes tinha vindo á minha porta pedir esmola com um ar de zombaria que me espedaçava. Apenas conheci a casa em que estava, quiz fugir ; mas fui estorvada pelo ho-

mem, que me chamára. Era um amigo do barão.

«Voltei a casa com uma peça d'ouro, e escondi de minhas irmãs a ignominia d'aquelle dinheiro. Inveneti uma historia, fiz o elogio da generosidade d'um bemfeitor, e minhas irmãs, erguendo as mãos a Deus, pediram-lhe a saude d'elle. Então ri-me... riso atroz!... creio que me ri da Providencia... e a fallar a verdade, não sei bem do que me ri...

Callou-se Marcolina obrigada pela tosse e pelo vomito de sangue. Amparei-lhe a frente nas minhas mãos; esperei que socegasse, e disse-lhe:

—E as lagrimas?... Tinhas-me dito que chorarias, infeliz!...

—Pois não vê as lagrimas no sangue?— disse ella sorrindo — os olhos já não as teem.

—Não quero ouvir mais, tornei eu.

—Nem tem mais que ouvir... O que falta é...

—A duração da desgraça com um só meio de remedial-a...

—De certo...

—Que fazias hontem no «caes do Sodré»?

—Pedia coragem ao meu demonio para me matar; mas via minhas irmãs, ou o demonio m'as mostrava, para que o meu inferno se não acabasse.

—Basta. Esta noite partiremos para Lisboa. Confias de mim o teu destino e o de tuas irmãs? — disse-lhe eu, sem calcular o cargo que me impunha, e pensando apenas na quantia que podia dispôr.

Marcolina sorriu-se, e disse:

—Que generosa alma a sua! Não sabe em que mundo está!...»

IX

Poucos dias depois da minha volta de Cintra, as tres irmãs de Marcolina entraram n'um Recolhimento, a titulo de minhas parentas.

Marcolina sahiu de Lishoa commigo, e entrou em minha casa na provincia. Era já morta minha mãe. Os meus visinhos escandalisaram-se de me verem em concubinage, e o parcho da freguezia deixou de me visitar, e o boticario prohibiu as filhas de me fallarem, e o regedor recommendou á mulher que não fizesse conhecimento com a lisboêta, que tinha cara de peccado.

A minha aldeia è penhascosa, feia, e, triste. Marcolina amava os rochedos, e as sombras das matas, e ajoelhava ás cruces, que encontrava nas veredas por onde andava sosinha, e dobrava-se rente com o chão para beber das fontes terreas em que borbulhava a agua. Retingiram-se-lhe as faces, e cessou algum tempo a tosse. Já subia commigo aos pincaros das serras, quando eu caçava; trazia ao tiracolo a saca de malha com a merenda, e por lá, n'aquelles valles, onde os medronheiros e avelanzeiras vinham a terra com fructos, era de ver as delicias com que ella comia, por egual commigo, as grosseiras iguarias, que levavamos.

Entrou o outono, e logo notei a desmedrança e abatimento de Marcolina. A decomposição parece que se via, como se os vermes lhe andassem roendo já perto de epiderme. Quiz voltar com ella a Lisboa; mas achei-a pertinaz em não sahir da aldeia. Dizia-me que fosse eu distrahir-me, e que a deixasse ali acabar os seus dias.

Poucos tinha ella já de vida, quando a mais velha das irmãs lhe escreveu, contando que o pae voltara rico d'África, e pozera annuncios nos jornaes indagando noticias de sua mulher e filhas. Dizia mais que elle fôra ao Recolhimento, e chorára d'alegria vendo-as; mas logo se enfurecera, quando ellas lhe fallaram na mãe. Accrescentava que elle, sabendo que devia á enteada, o refugio de suas irmãs, estava ancioso por vê-la, e pedia-lhe que voltasse immediatamente a Lisboa.

Esta carta deu delirios de jubilo a Marcolina. Fez por vigorisar-se para a jornada, não tanto para testemunhar a felicidade das irmãs, como para pedir ao padastro que não desamparasse sua mulher. A esperanza apagou-se subita, quando preparavamos a partida. Fui, uma tarde, á villa proxima comprar alguns aprestos para a jornada, e, quando voltei estava Marcolina nos ultimos arrancos. Agitou-se vertiginosamente, quando me viu: apertou-me anciosa contra o coração, e murmurou:

« Agora... e só agora me atrevo a dizer-te que te amei... Deixo-te a eterna lembrança da desgra-

çada, que só á hora da morte se julga digna de ti...»

Morreu.

Não posso bem dizer o que senti n'essa hora. Morrêra uma grande parte do meu ser. Senti o vacuo; era no peito que o sentia. Devia ser o coração, o que vulgarmente se diz coração, que morrêra.

É, pois, certo que eu amei aquella mulher?

Ó meu Deus, e minha consciencia! vós bem vêdes com que orgulho e saudade eu digo que sim, que amei!

Amei-a porque era mais pura, mais virgem, e mais sancta que a outra respeitada do mundo; e porque, em odio á sociedade, que a despresava, não posso vingal-a, senão amando-a com eterna saudade.

FIM DA PRIMEIRA PARTE

SEGUNDA PARTE

CABEÇA

JORNALISTA

I

**O homem não se deve somente á sua felicidade :
— primeira maxima.**

O principal egoista é aquelle que se desvela em explorar o coração alheio para opulentar o proprio com as deleitações do amor:— segunda maxima.

Como a felicidade do egoista é um paradoxo, a felicidade pelo amor é impossivel:— terceira maxima.

Quarta:— o bem particular é resulta do bem geral.

Quem quizer ser feliz ha de convencer-se de que sacrificou ao bem geral uma parte dos seus prazeres individuaes:— quinta maxima.

O amor, considerado fonte de contentamentos ideaes, é o sonho d'um doudo sublime:— sexta.

Setima.— A mulher é uma contingencia: quem quizer constituir-a essencia de sua vida, aleija-se na alma, e cahirá setenta vezes sete vezes das mulletas a que se ampare do chão mal gradado e barrancoso do seu falso caminho.

Estas sete maximas fui eu que as compuz, depois de ler a antiguidade, e alguns almanaks, que tratavam do amor.

Entrei a cogitar no modo de ser util á humanidade com a minha experiencia e intelligencia do coração humano. Offereceu-se-me logo azo de exercitar as minhas benevolas disposições. Escrevi para o *Periodico dos Pobres* do Porto uma correspondencia contra o regedor da minha freguezia, accusando-o de me prender um criado para recruta. Nesta correspondencia, discorri largamente ácerca dos direitos do homem. Examinei o que foi a liberdade em Grecia e Roma. Procurei-a no berço do christianismo, e vim com ella, atravez dos seculos, até á revolução franceza, que eu denominei o ultimo verbo da sociabilidade humana: tudo isto por causa do recruta, e contra o regedor da minha freguezia, que eu cobri de epitetos taes como *ominoso*, e *pachá de tres caudas*.

O regedor respondeu-me, e eu repliquei. Seguiu-se uma serie de correspondencias, que podiam formar um livro importante para a historia dos costumes dos regedores em Portugal no seculo XIX.

O prurido de escrever correspondencias, a respeito d'outras muitas coisas, e mormente da dotação do clero — materia que veio a ponto, quando eu tive uma questão com o meu parcho por causa da congrua e pé d'altar, — insinuou-me a persuasão de que havia em mim pronunciadas tendencias para escri-

ptor politico. Discutia-se n'aquelle tempo o sr. conde de Thomar, a quem uns chamavam Barba-rôxa, e outros marquez de Pombal. Decidi-me a favor dos segundos, que tinham incontestavel razão. Escrevi uma serie de artigos, com muito succo, em grande parte copiados do *Diccionario-politico* de *Garnier-Pagés*; e, na parte de minha lavra, havia ali uma verdura de idéas que ninguem lhe mettia dente. Por essa occasião, recebi de varios pontos do paiz diferentes cartas, umas insultadoras, capitulando-me de bêsta; outras, no mais moderado de seus encomios, prophetisavam em mim o Girardin portuguez. De Mirandella recebi a lisongeira nova de se andarem quotisando alguns amigos da ordem para me offererem uma penna. Veio a penna, passado algum tempo; mas era uma penna de gallinhola, uma zombaria que eu repelli com todas as potencias do meu desprezo.

Como as minhas doutrinas andassem encontradas com as do regedor e do parocho — affeiçãoados á revolução militar de 1844 — maquinaram elles contra mim ciladas, que me iam sendo fataes, sob pretexto de eu ser partidario do sr. Costa Cabral. As sevicias do rancor chegaram ao extremo de me matarem uma cabra, que pastava no passal do vigario, e aleijaram-me uma egoa, que, n'um impeto de castidade, escouceara um garrano do regedor. Estas prepotencias eram indicativas d'algum grande attentado contra a minha vida. Sahi, por tanto, da minha aldeia, e fui

para o Porto, expor com desassombro ao sol da civilização, os meus talentos em materia de governação publica.

Fiquei grandemente surprehendido e embaçado quando cheguei ao Porto, e dei fé que ninguem se occupava a fallar de mim! Á mesa redonda do hotel, onde me hospedei, tractou-se o assumpto da politica; e, como era essa a feliz conjuncção de eu divulgar o meu nome, encaminhei habilmente a controversia, até me declarar Silvestre da Silva, auctor dos artigos epigraphados: **OS PORTUGUEZES NA BALANÇA DO MUNDO.**

Ninguem me conheceu o nome, a não ser um litterato localista, que teve a audacia de me dizer que os meus artigos tresandavam ao montezinho, e que as minhas idéas intouriam o estomago intellectual como se fossem castanhas cozidas. D'onde elle concluia que a minha litteratura tinha a côr local dos meus alimentos, e denunciava a morosidade das minhas digestões.

Devo a este lôrpa a popularidade, que alcancei logo aos primeiros dias da minha chegada. Áquelles sarcasmos respondi com um murro de consistencia provinciana, murro que devia tambem ter a cor local da pesada digestão das castanhas. O litterato desafiou-me, e teve a bravura de me propor um duello á pistola á ponta de lenço. Responderam os meus padrinhos que eu optava pelo murro á ponta do nariz. Com esta pequena modificação á sua proposta,

o localista retirou a honra da peleja, e desafogou na secção das locaes, chamando-me onágro, e varios outros adjectivos, cujo periodo eu lhe arredondei com um puxão de orelhas na primeira occasião.

Assim, pois, inaugurei a minha entrada no Porto.

II

N'aquelle tempo, a cidade heroica estava muito mais adiantada em policiamento que hoje. Uma duzia das principaes familias abriam frequentemente os seus salões, e rivalisavam na profusão do serviço. Comia-se muito.

Posto que os dissabores fundos da minha vida passada me fizessem ver com tedio os regalos da sociedade, fui obrigado pela minha posição nas letras a comparecer nos focos da civilisação. Escrevi alguns folhetins, historiando os prazeres ficticios d'aquellas noitadas, e mediante elles grangeei a estima das donas da casa; e quer-me parecer que, se eu tivesse coração n'aquella epoca, as virtudes da cidade da virgem seriam hoje uma coisa muito equivocada.

Como detesto a fatuidade, inhiço-me de contar as demonstrações mais ou menos recatadas, que recebi de singular affecto.

Não intento desdourar as demais senhoras de Portugal, dizendo que as ha no Porto que se avantajam em formosura a quantas conheço, excepto a leitora.

A mulher do Porto, como ella era ha quinze an-

nos, estava por adelgaçar, gosava-se de cores ricas de bom sangue; era redonda e brunida em todas as suas formas; o offegar do seu peito comprimido pelas barbas do colete era como a oscillação d'uma cratera, que vae romper á superficie; dardejava com os olhos; ria francamente com os labios inteiros; deixava ver o esmalte dos dentes e o rosado das gengives; meneava os braços com toda a pujança dos seus musculos reforçados; pisava com gentil desenvoltura; dizia com toda a lisura as suas primeiras impressões; ria-se com os chistes dos galãs que tinham graça; ouvia sentimentalmente as tristezas dos scepticos; doidejava nas vertigens da walsa; bebia o seu calix do Porto; comia com angelico despejo uma dezena de *sandwichs*; tornava para as danças com redobrado ardor; e, ao repontar da manhã, quando as flores da cabeça lhe cahiam murchas, e as trancinhas da madeixa se empastavam com o suor na testa, a mulher do Porto era ainda formosa, mais formosa ainda pelo cansaço, a disputar lindeza á aurora, que nascêra para lhe disputar a belleza.

E eu, vendo-as, pensava n'isto, e sentia não ter coração para ellas!

Ai! dez annos depois, a mulher do Porto já não era assim, não!

Tinha passado por ellas o bafo pestilencial do romance. Liam e morriam para a verdade, e para a natureza legitima. Invejavam a pallidez das pallidas, e a espiritualidade das magras. Tal menina houve

que bebeu vinagre com pó de telha; e outras, mais suspirosas e avêssas ao vinagre, desvelavam as noites emaciando o rosto á claridade doentia da lua. Algumas tossiam constipadas, e queriam da sua tosse catharrosa fingir a debilidade do peito, que não pode com o coração, Muitas, á força de jejuns, desmedravam a olhos vistos, e amolgavam as costellas entre as compressas d'aço do collete.

Estas não são já as mulheres que eu vi, sadias e frescas, como se saíssem do paraizo terreal, antes que o Auctor da vida as condemnasse ás dores e á morte.

Foi o romance que degenerou as raças, porque lá de França todas as heroínas, em 8.º e a 200 réis ao franco, vem definhadas, tísicas, em jejum natural, tresnoitadas, levadas da breca. Nunca se dá que os romancistas nos digam o que ellas comem, quantas horas dormem, quantos cosimentos de quassia tomam para dessaburrar o estomago, qual genero de alimento preferem, que doutrinas de hygiene adoptaram, quantos amantes affagam para cicatrizar os golpes da perfidia com o pello do mesmo cão. Mal haja uma litteratura que transtorna fundamentalmente a digestão e o somno, estes dois poderosos esteios da saude, da graça, da formosura, e de tudo que é poesia e gôzo n'este mundo! Se alguma vez o romancista nos dá, no primeiro capitulo, uma menina bem fornida de carnes, e rosada e espanejada como as bellas dos campos, é contar que,

no terceiro capitulo, ahi a temos prostrada n'uma ottomana, com olheiras a relevar o cavado do rosto, com a cintura a desarticular-se dos seus engonços, com as mãos translucidas de magreza, os braços em osso nú e os olhos apagados nas orbitas, orvalhadas de lagrimas.

Pouca gente alcança os limites do desarranjo que estes envenenadores impunes causam nos costumes, e na transmissão da especie.

Estas mulheres desasisadas, que se immolam aos caprichos d'uma litteratura, por não terem coisa séria em que empreguem a immensa energia do seu espirito, quando tornam em si, e se correm da sua ineptia, tarde vem o arrependimento, que, nos melhores annos, deram cabo das melhores forças. Obrigadas a viverem nos limites da razão, casam-se, e curam de reconstruir o edificio desconjunctado da saude, comendo e bebendo e dormindo regularmente; mas as molas digestivas já tem então perdido as suas forças; os globulos cruóricos do sangue não se retingem jámais; as pulsações batem frouxas; o ar filtra ao pulmão por canaes obstruidos; e não ha contrapor á segunda natureza, formada por molestos artificios, cuidados medicinaes, que vinguem a antiga compleição deteriorada. Que fructos quereis que desentranhem estas arvores meladas e desmeduladas? Fructos pêccos e outoniços, filhos enervados, e como flores mimosas fenecidas ao ardor do sol, que lhes cae a prumo em plena vida.

Estas meninas de quinze annos, que eu hoje conheço no Porto, são as filhas das robustas donzelas, que me enchiam de satisfação os olhos na minha mocidade. Que degeneração ! Vêl-as n'uma sala, é ver as virgens lagrimosas e lividas, que se pintam nas cryptas dos mosteiros gothicos. Que tristeza de olhar, e que dengoso fastio no fallar ! Quando se reclinam nas almofadas d'um sophá, parece que desmaiam narcotizadas ; quando polkam, e se deixam ir arrebatadas nos braços dos parceiros, affigura-se-me que de sua parte não ha mais acção nem movimento que o das azas, do ar que lhe agita a orla do vestido, volatil e vaporoso como éther. Que degeneração !

Oh mulheres do Porto, oh virgens saudosas da minha mocidade, oh santas da natureza como Deus as fizera, que é feito de vós, que fizeram de vós os romances, e o vinagre, e a lua, e o pó de telha, e as barbas do collete, e os jejuns, e a ausencia completa do boi cosido, que vossas mães antepozeram ás mais legitimas e respeitaveis inclinações do coração !?

III

N'aquelle tempo, as minhas cogitações eram todas dirigidas por calculos e raciocinios. O meu alvo mais remoto era ser ministro da corôa. Estavam as minhas faculdades regidas pela cabeça. As cabeças de alguns ministros, quando não tivessem outro prestimo, nem provassem outra coisa, muito poderam,

convencendo-me da minha aptidão para os cargos superiores da republica. Eu conhecia na intimidade uns homens de intelligencia espalmada e cabeça escura como o cano d'uma bota; homens sem sciencia nem consciencia; rebotalhos da humanidade, arremessados á margem pela torrente caudal das transformações sociaes; espiritos tolhidos de gota, sem saudades, sem crenças, nem aspirações; entulhos de má morte, que atravancavam todo o progresso, e escarneciam com gosmento sorriso as expansões atrevidas da geração nova que a cada passo queria arvorar um marco de adiantamento. Conheci estes homens, e conheci-os ministros da corôa, sopesando debaixo dos pés chumbados á terra, que ameaçava engulil-os, a explosão das idéas, e o peito da mocidade que se affrontava com o possante athleta da rotina.

Comecei a publicar uma serie de artigos contra os velhos, e disse mesmo que era necessario matal-os, como na India os filhos faziam aos paes invalidos para o trabalho. Estes artigos crearam os meus creditos de estadista, e muitas sympathias. Escrevi o panegyrico da geração nova, se bem que a geração nova não tinha feito coisa nenhuma. Disse que a mocidade estava a rebentar de commettimentos grandiosos em serviço dos interesses materiaes do paiz. Todos os meus artigos fallavam em commettimentos grandiosos, e interesses materiaes do paiz.

N'este tempo, fui convidado a alistar-me na marconaria, e depois de prestar os juramentos terriveis

sobre uma bainha de espada, unico objecto do ritual que então appareceu, fui proposto para orador da loja, e ahí fiz os meus ensaios de eloquencia sanguinaria, pedindo differentes cabeças, como quem pede confeitos pela semana sancta. Os meus irmãos ouvintes, que tinham todos uns nomes de guerra medonhos, taes como Atila, Gengiskan, e Alarico, tomaram-me tamanho medo, que me foram denunciar á policia como demagogo, e me exautoram das funcções da palavra.

Assanhado pelos estorvos, que me embargavam o passo, escrevi contra a estupidez da geração nova, que não valia mais que a velha, e chamei os povos ás armas. O ministerio publico deu querella por abuso de liberdade de imprensa contra o jornal, cujo redactor principal eu era. O jornal foi condemnado, e os assignantes não pagaram no fim do seguinte trimestre.

Empenhei a minha casa para sustentar a gazeta, que tres vezes foi condemnada na multa e custas. A final, quando me vi exaurido de recursos, e cansado de lutar com a indifferença publica, achei em mim terrivel analogia de destino com todos os redemptores intempestivos da humanidade, e bebi o meu calix até ás fezes, as quaes fezes eram pagar á fabrica do papel as ultimas cincoenta resmas, que eu fizera gratuitamente distribuir por esta raça de ingratos portuguezes que, de tres em tres mezes, mandavam vender o jornal ás tendas.

Cómpetirei-me da estolidez das minhas aspirações a desencharcar da lama um povo aviltado, e cego de sua estupidez. Foi uma terrível decepção esta que me deu á cabeça os tractos, que as mulheres de Lisboa me tinham infligido ao coração. Vi que o homem grande, n'este paiz, no mesmo ponto em que hastea o estandarte da redempção, ahi, de força, hade amargurar as torturas do seu Golgotha. Achei-me extemporaneo n'este seculo, e cobri com as mãos o rosto envergonhado, como os martyres da liberdade romana, que velavam com a tunica o rosto, e diziam aos pretorianos: « matae, escravos ! »

Após alguns mezes de devorantes cogitações sobre o futuro d'esta terra, fui á minha aldeia vender uma tapada, e o milho de tres colheitas, e tornei para o Porto, elaborando projectos que já não tinham que ver com o bem da sociedade. O egoismo da cabeça, mil vezes mais odioso que o do coração, esporeava-me a falsificar os mais sagrados sentimentos, mascarando-os de modo que a sociedade me dêsse a desforra das agonias com que remunerára a minha dedicação, e o costeamento do jornal, um anno e tantos mezes.

O meu pensamento era casar-me rico, e fechar os olhos temporariamente ao horisonte onde o desejo via uma pasta de ministro, e onde a realidade me mostrava aquella terrível *coisissima nenhuma* do sr. Julio Gomes da Silva Sanches, admiravel em seus dizeres.

PAGINAS SERIAS DA MINHA VIDA

I

Vi no baile do barão de Bouças as tres herdeira. mais ricas da sociedade portuense. Das tres a mais velha e rica era viuva, e regularmente feia. A mais nova tinha uns longes seductores: mas, examinada ao pé, era uma cara sem vida, coisa muito parecida com a alvura de leite, encarnada nas maçãs do rosto, como as bonecas d'olhos de vidro, e beiços purpurinos de malaguêta. A terceira era uma verdadeira mulher, trigueira como as predilectas de Salomão, e gentil e desenvolta como as predilectas de toda a gente.

Consultei a minha cabeça, e a cabeça me disse que requestasse a viuva. Senti que o coração punha embargos; mas a velleidade foi de momentos. Ca-

hiu-lhe em cima a cabeça com todo o peso da razão; e o pobresinho, que já me não servia para mais que centro das funcções sanguineas, gemeu, contorceu-se, e amouu.

Á roda da viuva giravam os mais graúdos paraltas do Porto, sujeitos que andavam sempre de esporas, e que se frizavam todas as manhãs para irem passar as tardes em casa do seu alfaiate, discutindo as bellezas de uma lapella de fraque e a lista mais ou menos enflorada das pantalonas.

Eram estes os terriveis açabarcadores das almas das senhoras do Porto; mas com as almas se contentavam, como convinha a pessoas puramente espirituaes.

Pedi que me apresentassem á viuva. O elegante de quem solicitei este favor, antes de me apresentar, disse-me :

—Falla-lhe de mim, a ver o que ella te diz.

—Vê-se que a amas...—atalhei eu.

—Amo devéras; mas não lhe amo a fortuna.

—A *fortuna* é gallicismo—interrompi com aze-dume.—Diz antes os haveres. Morra o homem de paixão, sendo necessario, mas salve-se a lingua dos Lucenas, dos Sousas, e dos Bernardes.

Este meu amigo incorrecto foi depois dizer a outro que eu era tolo. A ignorancia é muito atrevida!

Fallei com D. Justina Mendes, e para logo adivinhei que dentro d'aquelle peito não havia senão membrannas, tecidos adiposos, e ossos com as res-

pectivas cartilagens. Fez-me doer a cabeça com tres palermas respostas que me deu. Perguntando-lhe eu se tinha saudades do seu tempo de casada, respondeu-me :

— O boi solto lambe-se todo.

Devia dizer vacca, se gostava do anexim.

Perguntei-lhe se amava os bailes. Resposta :

— Bons bailes é cada um em sua casa.

A terceira pergunta :

— Que juizo faz v. ex.^a do cavalheiro a quem eu devo o favor de lhe ser apresentado ?

— Não é feio ; mas eu não gosto — respondeu.

— Então de quem gosta, minha senhora ?

— De ninguem : tomára eu que me deixem.

— V. ex.^a hade necessariamente gostar de caldo de repólho com feijão branco — repliquei.

Esta facecia de máo gosto foi ouvida, repetida, e lançada á circulação por duas senhoras, que nos ouviam attentas.

D. Justina envesgou-me os olhos, e murmurou :

— Não acho graça nenhuma ao seu atrevimento— e voltando a cara, sentou-se de esguélha.

Tornando ao apresentante, disse-lhe que a viuva o achava bonito.

Pedi que me apresentassem á mulher trigueira, e logo me disseram que não gastasse o meu tempo com um coração rendido aos encantos de Josino.

Este Josino, esta creatura que eu cantei em oitava rima, era um homem de *biscuit*, engelhado de

refêgos na cara como a frontaria da Batalha, velho dengoso, que tinha amado as mães solteiras das meninas cazadoiras que requestava. Mas que terrível homem!... Era amado, e casou com ella.

NOTA

Diz Silvestre que cantara Josino em oitava rima. O leitor de certo me agradece a reprodução do poema, que passou despresentido e sem assignatura n'um jornal litterario d'aquelle tempo. Foi elle escripto na vespera do matrimonio de Josino com a formosa trigueirinha. Não louvo similhante dosafôgo de despeito, nem encareço o quilate da poesia. Resa assim a coisa, depois de ter resumido em estiradas oitavas o epitome da sua vida, e à resolução de se casar:

.....
 Josino, amigo meu, velho incontrito,
 Ha trinta annos conheço em cata d'uma,
 Que tenha coração, e algum saquito
 D'aquillo com que a vida mais se arruma.
 É velho o meu Josino; mas bonito,
 E bem conservadinho; inda se apruma,
 Quando vê na janella da visinha
 A travêssa criada da cozinha.

Nos bailes, faz-me inveja o seu meneio,
 E os tregeitos, que faz co'a perna fina,
 E o garbo, que lhe empresta o bom recheio
 Do tumido algodão com que fascina.
 Do cume de gravata, em doce enleio,
 Contempla as graças da gentil menina,
 Já neta d'uma avó, que foi deveras
 Namoro de Josino em priscas eras.

Já tem um pouco os olhos desvidrados ;
Porém, não sei que graça tem, se os pisca
Eu, se fosse mulher... ai ! meus peccados !
Cahia n'este anzol de antiga isca.
Ha homens tão fataes e endiabrados,
Que mal sabe a mulher ao que se arrisca,
Se palestra lhes dá ! Ai ! pobresinha !
É a historia do sapo e da doninha !

Mas que importa o poder que tens no peito
Das candidas donzellas, velho audaz !
Tu consegues fazer com manha e geito
O que a natureza perfida desfaz.
Já consta por ahi que tu és feito
De prodigo algodão, mumia fallaz !
Suspeita-se tambem ser de algodão
A coisa a que tu chamas coração.

Josino, ainda assim, já mais fraqueia ;
Ousa dar-se o valor d'uma antigalha,
Camapheu de Herculanium ou de Pompeia,
Que no mundo não tem mulher que o valha.
Isto diz muita vez, á bocca cheia,
Á criada Jacintha, quando ralha,
Porque a pobre, mulher de sã lizura,
Se ri, quando elle encaixa a dentadura.

Josino tem caleche e tem cavallo,
Que aos triumphos d'amor lhe presta ajuda.
Quando silva da pita o agudo estalo
Donzellinha não ha que não sacuda
A ceroula do pae, para espreital-o,
Tingida do pudor, que o gesto muda ;
Em quanto elle lhe mostra o dente amante,
Que outr'ora adorno foi d'um elephante.

Nestes mezes de inverno, o rheumatismo
 Costuma apoquental-o; e elle affecta
 Que está n'uma sação de scepticismo,
 E rebate do amor a doce setta.
 Diz que o seu coração é fundo abysmo,
 Onde enthesoura imagem predilecta
 De mulher que hade vir; e, á vista d'isto,
 Presume-se que vem c'o anti-Christo.

Mas, apenas repinta a primavera
 Espargindo matiz de lindas flores,
 Josino sae da cama, onde gemêra,
 E remoça nutrindo outros amores.
 Ludibriô miserando da chimera,
 Que o mangára no leito d'agras dores,
 Eil-o, de novo, em coração repouisa
 De menina, que peze alguma coisa.

Não cuida que perdeu do seu quilate
 Em quanto pôde as rugas rebocar.
 Diz sempre que lá dentro inda lhe bate
 O quer que seja, que precisa amar.
 Assim, como quem diz um disparate,
 Pergunta se será nescio em casar:
 Conta os lôgros, que fez, nunca sabidos,
 E teme a providencia dos maridos.

Sem embargo, porém, deste palpite
 Josino vae pedir a mão de esposa
 A formosa menina, das do *elite*,
 Que a detracção abocanhar não ousa.
 Assente o pai ao digno convite,
 Que é passaro bisnau, velha rapôsa,
 E vira um vulto de homem presumivel
 Sahir do quarto d'ella (ó vista horrivel!) ¹

¹ Estamos auctorisados a declarar que este verso, sobre

Josino, alfim, casou, e partiu logo
 (Ah! que não sei de nojo como o conte!)
 Todo ancia, paixão, ardor, e fôgo,
 Com ella para o bom Jesus do Monte.
 Ai! que lua de mel, que desafôgo
 De candente paixão ao pé da fonte,
 Que trépida repete em mago anhelos
 As fallas que murmura o *Esganarello* ¹.

Esganarello... sim!... (Se saber quer
 Alguem, que o não conhece, aquelle heroe,
 Procure-o, que ha de achal-o em Molière,
 Ou lá na visinhança.) O caso foi
 Que, extincta a lua incasta do prazer,
 A esposa diz que já n'alma lhe doe
 Saudades do theatro italiano,
 E do primo doutor... grande magano ²

.....

ser máo, é calumnioso. No manuscripto do auctor, leio á margem desta oitava as seguintes palavras: *Menti por amor da rima: as mentiras em prosa é que não são perdoaveis, salvo quando é preciso arredondar o periodo, se a verdade se não presta.*

¹ Outra calumnia por amor da rima.

² A existencia deste primo bacharel é que não é ficção; se o fosse, acudiria eu logo pela honestidade da familia, cuja honratenho em mais venefação que as aleivosias d'um verso hendecasyllabo. Este primo era pessoa de costumes derrancados, e poeta, sem a delicadeza que pelo ordinario é inherente e congenial da verdadeira poesia. D'ahi vinha mofar elle da dentadura do marido de sua prima, e jogar a pella com as almofadinhas de algodão, se Josino, extremamente fiado em si, o deixava a sós com ella. Ora, posto que a desgostosa senhora andasse mui duvidosa de suas forças, emuito se temesse de fraquear em luta com as tentações, o primo

II

Acabo de demonstrar que é difficil, se não impossivel, armar romance com as meninas do Porto. Póde ser que este aranzel de coisas nunca faça gemer os prelos do meu paiz; porém, quem me diz a mim que eu não tenha o posthumo regalo de ser impresso e lido? Nesta hypothese, com que a minha vaidade se incha, quizera eu vestir a nudez dos meus contos, enfeitá-los com as joias do estylo, que dão realce aos assumptos frivolos, e recompor mais litterariamente com embelecocos de imaginação as securas da verdade, dura de engolir n'este tempo, se o engenho não a arrebica de pechisbeques, e desvarios da natureza.

A viuva, bem aproveitada, podia dar alguns capitulos. Tolice tinha ella de mais para saciar o espirito publico, sempre faminto de ver em letra redonda as tolices proprias ás costas alheias. Se eu tivesse sido mais moderado na minha linguagem, a creatura dava um livro; mas a minha razão, incon-

conseguiu tornar-se-lhe odioso, porque nenhuma mulher perdoa á irrisão com que os ineptos pensam aviltar o marido aos olhos d'ella. Foi isto que a salvou. Salva ainda a vaidade, quando a dignidade fallece! Muito é que o amor proprio pondere mais no animo da mulher, que o temor da diffamação! Admiravel em sua sabedoria foi a providencia que dotou a mulher de indoles contradictorias, que nós chamamos defeitos, em razão de nos deixarmos induzir pelos mil absurdos em que se firma o chamado senso-publico.

ciliavel com as parvoçadas da millionaria, sahiu com aquella pergunta do caldo de repólho, mais para castigar os seus admiradores que para chasquear a tola. Bem póde ser que esta senhora, se fosse pobre, tivesse o siso commum, que o dinheiro produz milagres de variados feitios: a certas pessoas pule-as, espiritalisa-as, dá-lhes estylo sentencioso, e inspiração para fallarem de tudo com publico applauso; a outras pessoas despoetiza-as, materializa-as, e embrutece-as. Conheço exemplos de tudo, e o leitor tambem.

A viuva, segundo me consta, antes de casar, era uma menina como são todas as meninas. Tinha os seus namôros a quem respondia com bonita lêtra, e pensamentos, se não engenhosos, pudibundos. Casou com um riquissimo velho por escôlha de seus pais e condescendencia sua. Fez as delicias do esposo, e as proprias, comendo e dormindo para ter sempre as facultades do coração em torpor. Enviuvou ao setimo anno de casada, quando de sua primeira natureza já não tinha vislumbres. Soube então que era riquissima, e requerida pelos homens notaveis da terra, e continuou a comer e a dormir. Porém, como os pés lhe inchassem por falta de exercicio, e os medicos a mandassem passear e agitar-se, a viuva appareceu de repente nos passeios, nos bailes, e nos theatros, onde adormecia do segundo acto em diante. Dispararam-lhe á queima roupa as mais incendiarias declarações, e ella ouviu-as a dormir,

em quanto a não incommodaram. Depois, como a pozessem em cêrco, e não a deixassem tomar fôlego, a mulher despeçou em despropositos e rusticarias, que a tornaram mais amavel aos concorrentes. Aqui está o que era a viuva.

Assestei o fito á terceira, á menina que tinha aspecto de seraphim de tribuna de igreja. Disseram-me logo que o doutor Anselmo Sanches a requestava traiçoeiramente. Ora, o doutor Anselmo Sanches era um *homem honesto*.

Convem saber que em toda a parte do mundo sub-lunar a *honestidade* é synônimo de «decoro, compostura, pejo e decencia.» No Porto, a palavra *honestidade* sôa como *hypocrisia velhaca*.

O homem honesto d'ali é o que logra embair a opinião publica; recatar a impudencia com o exterior sisudo da catadura; accentuar a expressão no tom sentencioso do preceito; contar com a mobilidade do glôbo visual para o revirar ao céu, quando o animo affecta confrangir-se com a noticia d'um escandalo; franzir os beiços e avincar a testa, se è forçoso chancellor com voto comminativo a pena de alguma immoralidade a retalho.

Conheci alguns *homens honestos* no Porto. Custou-me muito. Venci, para vêl-os ao pé, estorvos desanimadores. Fez-se mister iniciar-me nos arcanos da deshonestidade para entrar no segredo de certas existencias que, d'antes, me pareciam bem fadadas da virtude, ou dotadas de compleição refractaria ao

vicio. Quando me avistei com elles na mesma zona, senti-me corrompido, escorria-me do coração o pus tábido das chagas; dei como impossivel o regenerar-me diante do meu proprio senso intimo; estava ou devia estar perdido, porque julguei necessaria á vida a hypocrisia cynica.

É que, sem ter descido as escaleiras todas da protervia e do opprobrio, não se devassa o latibulo em que se encovam os *homens honestos*.

A corrupção periodica das almas, empestadas pelo exemplo, ou impellidas pelo instincto, não tem que ver com a corrupção por grosso, que o acaso ou o ardil vos depára no secreto viver d'essa cabilda de beduinos, salteadores da honra alheia, e nojentissimos farcistas da sua ¹.

¹ Aqui está uma amostra das desordenadas imprecações de Silvestre contra a sociedade. Escreveu-as provavelmente durante a passagem da cabeça ao estomago. A trovoadas taes de estylo é que andavam sacrificados todos os jornaes em que elle escrevia. Era impossivel que o assignante, no fim do trimestre, não recebesse o cobrador do jornal como a ultima palavra do insulto. Por minha vontade, podava muito d'estas paginas; mas, sobre ser deslealdade á memoria do auctor, seria suppor que os homens sinceramente honestos do Porto se offendem dasatyra que verbéra os velhacos. O que eu quizera concertar é o desmancho de ideas deste capitulo; não posso, nem sei o que elle pensava, nem porque estava assim assanhado contra a sociedade portuense. Devia de ser escripta esta objurgatoria no fim de algum trimestre, quando o proprietario do jornal lhe intimou silencio.

O mundo é pessimo ; ha, porém, providencia n'esta pessima organização.

A hora certa, d'entre as flores da vida, cultivadas por mão illesa de espinhos, salta a vibora, que a morde.

Não ha felicidade completa para a verdadeira honra : menos a haverá para a falsa.

A virtude, com quanto escudada por si propria, é vulneravel, porque se doe aos golpes da injustiça.

Ora, a hypocrisia, estribada na manha e na fraudulencia, ha de, em desaire da justiça de Deus, rebater os tiros da indignação? É impossivel. Embora o lâtego não fira uma fibra sensivel nas espaldas do phariseu abroquellado pela impostura ; embora a satyra recue espavorida dessas almas impermeaveis á vergonha, é preciso que se escreva um livro, ou se delinêem os traços desse livro, o unico, o urgente, o possivel, o capitalissimo para o Porto.

Cancei-me de ouvir dizer que a segunda cidade de Portugal é um enxame de moedeiros falsos, de contrabandistas, de mercadores de negros, de exportadores de escravos, e de magistrados de alquiaria. Venalidade, crueza, e latrocinio são os tres eixos capitaes sobre que roda, no entender da critica mordente, o machinismo social de cem mil almas.

A minha analyse aprofunda mais o espirito vital do Porto.

Ali, o viver intimo tem faces desconhecidas ao olho da policia, e da economia social. Conhecem-se

as librés dos chatins de negros ; discrimina-se pelo brasão o fabricante de notas falsas, do outro seu collega heraldico, opulentado em roubos ao fisco ; ignora-se, todavia, o mais observavel e ponderoso da biographia d'esses vultos, que a fortuna estúpida collocou á frente dos destinos e da civilisação do Porto.

Ó cidade dos livres, que é da liberdade dos teus escriptores ?

Se ahí ha homem d'alma, que sacode os sapatos na testeira da riqueza bruta, que testemunho nos dá da sua independencia ?

O jornalismo do Porto está acorrentado ás ucharias dos ricos. O jornalista por via de regra é um pobre homem, que vive do estipendio cobrado com franciscana humildade á porta do assignante. Para os festins do fidalgo de raça era chamado e versista com as consoantes previas do soneto na algibeira, onde não havia outra coisa. Nos tumultentos jantares do fidalgo de industria, ha talher para o gazeteiro, que já deixou na estante dos caixotins a local sumarenta, inspirada pelo ante-gosto das viandas, que lhe arrastam na torrente a alma para o estomago¹.

NOTA

¹ Perdõe-me a memoria de Silvestre. A calumnia, com quanto escripta em palavras cultas e penteadas é sempre calumnia. Elegancias da linguagem, por mais que valham na rethorica, valem nada para o desconceito de quem injustamente diffamam. O jornalismo do Porto teve e tem admiraveis e valentes mantenedores da honra contra classes pode-

rosas pela infamia nobilitada. Á conta de muitos poderia escrever-se o que o finado Silvestre disse de um, nestes termos, que trasladamos dos seus manuscriptos:

« Havia ahi uma forte alma e audaciosa intelligencia, que levou a mão á mascara de alguns para lhes estampar o ferrete na testa.

« O jornal brioso, que a tanto ousára, expirou á mingua de subscriptores, porque os affrontados por elle iam, de porta em porta, mandar uns, e pedir a outros que retirassem as moedas de cobre á receita do escriptor, que as não queria para si.

« O heroico moço, rodeado de inimigos, e até ameaçado na vida, cruzou os braços descorçoado, e disse: É impossivel! eu dei que teria por mim os incorruptos; mas a peste não respeitou consciencia alguma.

« N'um paiz em que o governo atalaiasse os interesses do estado, e o renome honrado da cidade, aquelle jornal seria sustentado a expensas do thesouro; aquelle jornalista seria accrescentado em bens e honras; aquelles reprobos, indigitados pelo orgão da voz publica—que é sempre a voz dos fracos e dos inermes—seriam por seu mesmo decoro e dos poderes que os nobilitaram, obrigados a refutarem a detracção, ou a despirem nas praças os arminhos, com que escondem o pescoço á corda de esparto.

« Doces e nobres chimeras!

« O jornalista austero será sempre um ente malsinado e odioso para todos os governos. Hão de expulsal-o sempre do sacrario pulluto das mercês, onde reina o ladrão laureado, que tem o segredo de abater ministros erguidos, e exaltar ministros despenhados. »

E accrescenta Silvestre da Silva :

« Que outro homem ha ahi que se aventure a entrar na trilha d'aquelle, que esmoreceu, afinal, diante das *conveniencias sociaes*? Serei eu... »

Fez bem ! Partiu o braço, querendo parar o movimento

da roda. Desbaratou a melhor parte do seu patrimonio em publicações pamphletarias, que não rasgaram sulco algum para as searas do futuro progresso da humanidade. Creou inimigos, que nem sequer lhe tinham lido as diatribes, nem lhe podiam perdoar pelas graças do estylo—inimigos, que não sabiam ler, os peiores de quantos ha. É o que elle fez!

III

Tornando ao doutor Anselmo Sanches.

Dois mezes depois que fui ao baile, planeando casar-me com uma das tres representantes de acções bancarias no valor de trezentos contos para cima, vi uma senhora, que devia ter sido formosa, encostada ao braço de seu marido.

Trinta e quatro annos teria ou menos; mas os precoces vincos da velhice denunciavam quarenta annos ou mais. Lá estava o fulgor dos olhos para desmentir a denuncia das rugas, fulgor embaciado de lagrimas, mas ainda vivido como clarão crepuscular quando uma barra de purpura e ouro tinge a orla do ceo. De feito, era aquella uma vida em crepusculo da tarde; já tudo para alem tumulo era escuridade e pavor para a triste senhora.

Chamava-se Rita, e era brazileira, pura carioca, linda como todas as cariocas que não tem mais de dezoito annos.

Francisco José de Sousa, marido d'ella, era um portuguez que enriquecêra no Brazil. Tinham viajado longo tempo; e, como Francisco José de Sousa

tivesse ido do Minho, e as saudades da patria o não deixassem nunca, escolhera o Porto para residencia.

O fino tracto, alliado á opulencia, estimulou invejas, caprichos, competencias, e odios mesmo na sociedade portuense. De todas estas más paixões surdiu um bom resultado : augmentou o numero dos bailes, entraram em emulação as equipagens, enriqueceram as modistas, acudiram os jornalistas a fazer acta, qual d'ellas mais encomiastica, dos bailes profusos e luxuosos ; o Porto, em fim poliu-se mais em dois annos que nos nove seculos de vida que a mythologia, vulgarmente chamada historia portugueza, lhe dá.

Estava designada a noite d'um baile em casa de Rita Emilia, quando os convidados recebemos aviso da subita doença de Francisco José de Sousa.

Correram amigos e indifferentes a visitar o enfermo. Fui entre os segundos : achei-o prostrado, e taciturno ; e não vi a esposa ao pé do leito, nem na ante-camara. Perguntavam por ella as pessoas mais familiares ; mas a brazileira não recebia sequer as amigas intimas.

Grande mysterio, grande borborinho, a curiosidade em ancias, a maledicencia espionando, a calunnia imaginosa a segredar por praças, e salas, e botequins desaforadas conjecturas. Andou, pois a difamação explicando ás cegas, por varios modos, a enfermidade moral de Francisco de Sousa, e a mysteriosa ausencia de D. Rita.

Quinze dias depois, fecharam-se as portas e janelas da casa do brasileiro, e os criados, quasi todos despedidos, disseram que os amos tinham ido viajar.

Aqui é que a curiosidade ia dando um estouro. Houve ahi bisbilhoteria illustre, que se encanzinou de raiva por não poder esquadrinhar o segredo d'esta saída, a qual, de força, devia ter um escandalo por causa, escandalo que a hypocrisia podera abafar arditosamente.

Havia n'esta casa uma menina de dezesseis annos, orphã, muito rica, pupilla do brasileiro, e filha d'outro, que morrera no Brazil, quando andava em liquidação.

Marianna acompanhara-os na mysteriosa saída do Porto: soube-se, porém, que ao passarem em Braga, a orphã entrara nas Ursulinas, mosteiro de educação.

Esta menina era a terceira mulher rica do baile.

Sabido isto, respirou um pouco a maledicencia. Já os arpeus da hypothese achavam duro onde morder. Accordaram, por tanto, em conciliabulo, algumas familias honestas que Marianna fôra encontrada em flagrante desprezo do seu pudor, e, por isso, inclauzurada no mosteiro bracarense.

Toda a gente se ia ter com o doutor Anselmo Sanches para evidenciar a conjectura.

IV

Era o doutor amigo intimo da familia, pertencia ao conselho tutelar da orphã, curava dos negocios li-

tigiosos do brasileiro, e podia muito na casa dominando a vontade do dono, que se fiava d'elle, mais seguro que em si proprio. Trinta e oito annos teria Anselmo. Em conta o haviam de homem exemplar em todas as qualidades boas, excepto na jurisprudencia em que era ignorante mais que o ordinario. Isso, porém, não lhe damnificava o bom nome. Os seus muitos apologistas, se duvidavam dar-lhe procuração para os representar no fôro, sobejamente o indemnizavam, confiando-lhes mulheres, filhas, e — o que mais è no Porto — o dinheiro.

Tinha o doutor Sanches uma cara mais que feliz para se fazer bemquisto. Nunca fechava a bocca. O queixo inferior, pendido sempre, servia-o às maravilhas, quando parecia escutar com dor os escandalos, que os oradores encartados da *Assembléa-Portuense*¹ espectavam do peito sujo, onde a asthma senil desafogava pela detracção injuriosa. Se a vi-

¹ Ao tempo que Silvestre da Silva escrevia esta impertinencia contra a *Assembléa Portuense*, tinha esta sociedade uma sala privativa de alguns individuos, que se divertiam, contando passagens da vida alheia, em linguagem accommodada aos assumptos. Os socios desta congregação, chamada *Palheiro*, eram pessoas respeitaveis, maiores de cincoenta annos, qualificadas na jerarchia ecclesiastica, no commercio nobilitado, e na magistratura, sendo o principal elemento do *Palheiro* negociantes aposentados, vindos do Brazil. A razão de chamar-se *Palheiro* áquella reunião, não a sei. Conjecturalmente diziam alguns etymologistas que *palheiro* derivava de *palha*, querendo concluir que o pensa-

ctima era senhora casada, o doutor abanava um pouco a cabeça, punha os olhos no tecto, e dizia : *Vão-se*

mento de quem dera o nome á coisa fôra significar o alimento natural dos socios reunidos n'aquelle ponto do edificio. Acho muito violenta e sobremaneira desattenciosa a hypothese. Os cavalheiros, offendidos com tal interpretação, eram pessoas que tinham boas lembranças, propositos salgados, e instrucção variada para enfeitar as desgraciosidades da maledicencia. Estas qualidades intellectivas não se nutrem com palha, penso eu.

Com quanto não fosse extremamente agradável ouvir um sexagenario a discorrer em termos lubricos acerca das suas libertinagens de rapaz, eu tenho mais que muito para mim que o sal attico dos euphemismos havia de encobrir a impudicicia da idéa.

O que havia de menos louvavel nas sessões d'aquelles cavalheiros era a obrigação que reciprocamente se impunham de esmiuçarem os promenores das deshonras meio-veladas para os contarem de modo que a diffamação pudesse d'ali sahir a desenrolar o sudario das chagas sociaes á luz do sol. Quando os relatores não tinham que expender, era permitida a calunnia para gastar o tempo: quer-me parecer que este artigo dos estatutos do *Palheiro* não merece louvores. Homens a escorregarem á sepultura, uns entrajados com as severas vestes da religião de Christo, outros com o peito honrado por cruces e crachás, outros com numerosa posteridade de filhos e netos, não davam de si boa prova indo para alli afiar a linguagem do impudor, decretar a publicidade de desgraças, que não precisavam da infamia publica para o serem, e inventar escandalos para aligeirar os tedios da noite.

O que tinham de mais humanos aquelles sujeitos era comerem muito biscoito de Vallongo, e forragearem nos ta-

os costumes... Se o escandalo recitava as gargalhadas gosmentas do auditorio, Anselmo sorria por complacencia, e murmurava. — *É remarcavel o deboche em que está o grande mundo!* (O scelerado conspurcava a lingua patria!) Não consentia elle que se erguesse voz a desculpar immoralidades, se raro succedia algum confrade, por sestro de contradicção, indulgenciar fraquezas ordinarias, em verdura de annos, ou obrigadas por circumstancias especiaes.

Era para ver como o inexoravel Sanches se enfuriava em invectidas contra Pedro que passava diariamente duas vezes em tal rua, para inquietar a môça incauta! Chegava a chorar no apuro do sentimental, que prodigamente consumia, descrevendo os funestos resultados da seducção. Menos perdoaria a Martinho que, impudico e sacrilego, ousava ir aos domingos, á missa do meio dia aos Congregados ou Clerigos para ver pelas costas a mulher do seu visinho Januario, depois de ter sujado a fama da mulher do seu visinho Timotheo! E, em seguida, punha em miudos a historia do descredito d'aquellas senhoras, casadas com os seus amigos, e havia

boleiros ás mãos cheias para levarem á familia. Isto, que não parece bonito, era a coisa de mais sainéte e folia que os velinhos faziam na assembléa.

O tempo foi matando uns, e espalhando os outros, de modo que o Palheiro, á falta de concorrentes dignos, ficou de voluto, á espera que a geração nova passe da torpeza millitante para as pacificas recordações de suas façanhas.

risadas á conta dos maridos, e ficavam todos sabendo o que até então ignoravam. Momentos depois, se lhe pediam novidades, o doutor respondia que não só se abstinha de indagar a vida alheia, mas até quizera, se pudesse, cerrar ouvidos ás historias torpes que todos os dias germinavam da corrupção do corpo social.

Francisco José de Sousa presava no doutor o que muitos chamavam sobejidão de escrupulos. Parecia-lhe, a elle brasileiro, villã e torpe a incessante detracção em que entretinham os sarãos algumas dezenas de velhos, de cuja lingua a palavra licenciosa dos bordeis sahia mais nojenta do que é em si. Anselmo para não cair no desagrado do seu amo, dizia que o mal não era a satyra; mas sim o estragamento dos costumes que a auctorisava. Escusando os velhos accrescentava que as cans eram um pouco intolerantes; porém, inoffensivas.

Sympathise o leitor com o doutor Anselmo, para que se não diga que a virtude é mal vista como a verdade nua.

V

No espaço de tres mezes, a contar da violenta introducção de Marianna, nas Ursulinas de Braga, sahio a lume o tenebroso mysterio; mas sem estrondo, porque andava muita gente apostada a encobrir Anselmo Sanches para não ter de proclamar a infamia do apostolico varão, que tinham sanctificado.

Eu heide abreviar em poucas paginas o que sei. Não me posso ver muito tempo encharcado n'esta lama, onde me atirou um dos empurrões da sorte. Lama por toda a parte onde me impelliu o coração e a cabeça! Toda a gente se gosa d'algumas paragens risonhas; a todo o peregrino da vida é dado assomar de barrancos resvaladiços ás chans pittorescas, e descansar, e esforçar-se ahi para se affronter de novo com as fadigas da jornada. Eu, de mim, não tive o que tem todos. Onde quer que parei, resvalei n'um atascadeiro. Quando os acicates do amor me arremeçavam ás aventuras do coração, ia-me esbarrar com tolas ou devassas, ou desgraçadas taes como Marcolina. Se era a razão que me induzia com os seus calculos egoistas a tomar o meu quinhão d'aquillo que o vulgo chama senso-commum, já sabem que consequencias eu vou tirando das minhas racionaes primicias. Vi tres mulheres á luz serena do raciocinio. Sahiu-me parva a primeira, a ponto de me obrigar, sendo eu em extremo delicado, a perguntar-lhe se gostava de caldo de repolho. A segunda para me humilhar e abater o orgulho deu-me em Josino um rival preferido. Esta terceira, a Marianna dos olhos doces, e geitos de innocencia lôrpa, vão agora saber no que deu.

VI

Grandes considerações!

Entendem cordatos physiologistas que o amor, em certos casos, é uma depravação do nervo optico. A imagem objectiva, que fere o órgão visual no estado pathologico, adquire attributos ficticios. A alma recebe a impressão chimerica tal como o sensorio lh'a transmite, e com ella se identifica a ponto de revesti-la de qualidades e excellencias que a mais esmerada natureza denega ás suas creaturas dilectas. Os *certos casos* em que acima se modifica a generalidade da definação, vem a ser aquelles em que o bom senso não pôde atinar com o porquê d'algumas sympathias exquisitas, extravagantes, e estupidas, que nos encham de espanto, quando nos não fazem estostrar de inveja.

E tanto mais se prova a referida depravação do nervo que presidé ás funcções da vista, quanto a alma da pessoa enferma, victima de sua illusão, nos parece propensa ao bello, talhada para o sublime, e opulentada de dons e meritos, que o mais digno homem requestaria com orgulho.

Se me desarmam d'este convencimento, cimentado em doze annos de experiencia e observações, não sei como hei de explicar o amor de D. Rita Emilia ao doutor Anselmo Sanches.

Defendo-a d'esta vergonha como defenderia o réo d'um crime extremamente execravel. A allucinação, a doença dos nervos, a demencia, emfim, explicam o crime, e deviam no maximo das vezes absolver a mãe que mata seu filho, o filho que mata seu pae,

e a mulher que se dá em alma e corpo aos Anselmos Sanches.

Posto isto, dispensam a historia das repugnantes conjecturas, que então fiz, sobre o innarravel mysterio dos amores de Rita e Anselmo. Indulte-se a infeliz em nome da depravação do nervo optico, em nome da physica e da pathologia, em nome da caridade evangelica, em nome de tudo que move á lastima, á piedade, e ao perdão.

Rita amava Sanches: acceitem o facto consummado. Ora, Francisco José de Sousa, illeso da enfermidade visual de sua mulher, via o doutor, qual a natureza o fabricára, feio, canhestro, mazorrado, abrutado, refractario aos dardos do deus de Gnido. Em balde se cançaria a malquerença insinuando ao brasileiro com cartas anonymas — expediente em voga, e creio mesmo que inventado no Porto — a suspeita de que sua mulher encarava no doutor com olhos menos ajuisados que os d'elle marido.

E a suspeita era já de si tão absurda que não houve no Porto alma de sobra damnada que denegrisse, até rebentar o escandalo, a virtude conjugal de Rita.

D. Margarida Carvalhosa disse-me um dia ¹:

— Vou contar-lhe uma enjoativa novidade, sr. Silvestre. Prepare-se para rebater um ataque de inveja.

¹ Esta D. Margarida e outros personagens mencionados em seguida pôde o leitor conhecêl-os em diferentes romances do editor.

— De inveja, minha querida senhora? Vae v. ex.^a dizer-me que mimoseou o mais feliz dos mortaes com o seu coração?... Invejo, realmente invejo...

— Cale-se. Não se tracta de mim: é um escandalo.

— Ah!... dissesse-me v. ex.^a logo que era um escandalo: ser-me-hia impossivel associar o nome de v. ex.^a a um escandalo. Tracta-se de Guilherme do Amaral? do barão de Bouças? de Cecilia? de João José Dias?

— Não, senhor. Tracta-se d'aquella Rita brasileira de quem o senhor Silvestre disse que andavam enamorados os anjos.

— E os demonios, minha senhora! Diga, diga, que eu interesse-me em aspirar todos os aromas que rescendem das essencias angelicas.

Margarida Carvalhosa descompoz-se a rir, e continuou:

— Pois o aroma da tal essencia angelica está sendo um aroma d'arruda, meu caro poeta.

— Arruda, minha senhora?! Queira explicar-se.

— Rita deixou de ser a cara metade de seu marido, e passou inteira para o doutor Anselmo Sanches.

— Calumnia torpe! — exclamei com sincero espanto.

Margarida Carvalhosa tange a campainha, sorrindo com ironica piedade da minha boa fé.

— Venha cá, Josepha — disse ella á criada que en-

trava. — Repare se a mamã está por aqui perto...

A criada disse que a senhora baroneza estava no jardim.

— Conte — proseguiu Margarida — diante d'este senhor, sem acanhamento nem receio, o que me contou a respeito da brasileira.

E, voltando-se para mim, ajuntou :

— Esta criada sahiu de casa, quando os brasileiros sahiram para Braga. Escute-a.

A criada hesitava ; mas, animada pela ama, disse com visivel repugnancia :

— A brasileira... Então que quer v. ex.^a que eu conte ?

— Como se chamava o amante da sua ama ? — disse Margarida.

— Era o senhor doutor Anselmo.

— Como soube você que ella amava o doutor Anselmo ?

— Como soube ? soube-o porque eu era a criada do quarto da senhora.

— Aquillo é muito significativo, senhor Silvestre — disse sorrindo com gentil malicia a filha do barão e accrescentou voltada para a môça : — E como tem você a certeza ?

— Ora essa ! a senhora não sabe ? ! Eu sabia tudo. De mim só se escondia elle. Até ella, quando o doutor começava a querer seduzir a pupila do senhor Sousa, chorava muito e desabafava só comigo.

— Conte lá essa historia da seducção da pupila. Como era isso?—disse eu.

—O senhor doutor sabia que a senhora D. Mariannasinha era rica, e disse á senhora D. Rita que o melhor modo de continuarem a viver de perto sem que o mundo botasse fel, era elle fazer com que o marido consentisse no casamento d'ella com a menina. Depois, a minha ama deu-lhe um desmaio, e esteve ás portas da morte. Quando melhorou, abraçou-se á menina, e perguntou-lhe se o doutor já lhe tinha dito alguma palavra a respeito de casar com ella. A menina pegou a chorar, e não disse uma nem duas. Isto mais apoquentava a minha ama, e desesperava-se que mettia mêdo. Tanto fez que a menina confessou que o doutor a perseguira quatro mezes todas as vezes que a senhora não estivesse ao pé, e que vindo uma vez com ella de Guimarães, onde a menina tinha ido visitar umas parentas...

A criada, n'este ponto levou o avental ao rosto para encobrir que não córava; e no entanto, Margarida, relanceando os olhos d'ella para mim, e de mim para ella, com um brilho de alegria só comprehensivel ás mulheres despenhadas, que folgam a cada victima abysmada com ellas, disse com imperio:

—Acabe a historia, Josepha.

—A historia está acabada, senhora D. Margarida —disse eu.

—Faltam os commentarios, que tanta gente faz por sua conta. Esta D. Rita, senhor Silvestre, quando

me estendia a mão e os labios n'uma sala, fazia-o com um ar de soberania, que me incommodava. Ouvi-lhe muitas vezes, fallando de Cecilia, dizer com virtuosas carêtas: « Vergonha das mulheres ! » Rejeitou convites para casa de certas senhoras que não aspiravam a santas. A mim me disse com pedantesco ar maternal: « Menina, as exterioridades, por muito francas e innocentes que sejam, bastam para condemnar. Cohiba-se de todas as acções que possam dar pasto á maledicencia. Olhe que a honestidade não está sómente no coração: um olhar e uma palavra irreflectida bastam a depôr contra as mais sisudas intenções. »

E continuou com rancorosa satisfação :

— De Marianna só lhe direi que ainda ha quinze dias, a vi com o seu ar virginal voltar-se á brasileira, que estava ao pé de mim na missa dos Clerigos, e murmurar a meu respeito, palavras que eu não pude comprehender. Esta criada, que estava ao pé d' ellas, ouviu-as : « Aquella Margarida Carvalhosa tem modos tão desenvoltos, e improprios de menina solteira ! » Ora isto dito por quem oito dias antes, vindo de Guimarães, acceitara uma catastrophe tão impropria de menina solteira, não me parece critica muito frizante aos meus costumes. (Eu ri-me por dentro, quando ella disse *meus costumes...*)

— Em quanto ao doutor Anselmo Sanches — continuou D. Margarida, cortando as palavras com frouxos de riso — esse deixo eu á perspicacia do senhor

Silvestre avalial-o... Retire-se Josepha, que vem ahi a mamã.

VII

A policia correccional

Escrevi um artigo contra Anselmo Sanches, cuidando que assim vingava o genero humano. Saíu o artigo na secção dos *communiquados*: o proprietario do jornal declinou a responsabilidade moral e legal da offensa ao doutor. Rompeu-me assim das entranhas o odio que as queimava:

« *Sr redactor*. Ha casos em que o silencio é um crime! Á vista de infamias que sobre-excedem e transbordam a paciencia humana, não ha ahi peito de ferro que se contenha!

.....*Nam quis iniquæ
Tam patiens urbis, tam ferreus, ut teneat se...?*

« Aqui é o caso de dizer como o cantor de Camões :

« Ergo-me a delatar tamanho crime
« E eterna a voz me gela nos labios. »

« Vinde a mim, hypocritas!

« Vinde ao sévo do escandalo, scelerados que andaes nas encrusilhadas assalteando a honra dos infelizes descautelosos!

« Aqui tendes charco para vos rebaçardes, cerdos!

« Aqui está um dos vossos, que apunhalou a alma

d'um marido, crucificou uma esposa ao madeiro de eterno opprobrio, e sovou aos pés uma corôa virginal. »

Isto era o exordio, que os meus inimigos chamaram *farfalhada*. Seguia-se depois a exposição chã da protervia de Anselmo Sanches, arranjada em tres capitulos, cada um com uma epigraphe. A primeira era: *Qousque tandem, Catilina?*... Achou toda a gente litterata muita novidade n'esta passagem de Cicero a proposito de Anselmo. A segunda epigraphe era *Proh pudor, proh dolor!* — tambem nova. O terceiro capitulo rompia com o *Me, me adsum qui feci, in me convertite ferrum*. O todo era broslado de passagens latinas que tornavam o meu artigo um parto de indignação, e outro parto de sapiencia.

Guardava eu as justas conveniencias em embuçar os nomes das duas mulheres, que figuravam no quadro infesto á dignidade humana; mas absteve-me de ceremonias com o doutor.

O meu artigo levantou contra mim celeuma de *peessoas honestas*, e até jornaes honestos me saíram de revez, acoimando-me de indiscreto, licencioso, e causa occasional do escandalo. É boa tollice esta! Uma gazeta sisuda, maravilhando-se de que eu fizesse queixumes, não sendo sequer marido da dama, applicou-me os sabidos versos de Nicolau Tolentino:

*Apostolo impertinente,
P'ra que has de tu suar,
Se não sua o padecente?*

Anselmo, como visse que a imprensa e a opinião publica estavam com elle, deu querella contra o jornal, por abuso. O responsavel declinou sobre mim, e eu fui sentar-me no banco dos réos em policia correccional.

O advogado da accusação era um jurisperito de grande nomeada e uma gravidade de collarinhos assustadora. O meu patrono foi nomeado *ex-officio*: era um bacharel verde em annos, e sorvado em intelligencia.

A accusação fez o panegyrico dos seculos aureos em que não havia imprensa, nem as vidas das familias estavam expostas aos enxovalhos de escrevinhadores devassos.

«Senhor doutor juiz de direito! — exclama elle — o sanctuario da familia não pôde continuar á mercê d'estes esfoladores de reputações! A mulher casada treme no pedestal da sua virtude; o esposo honrado, n'um paiz de imprensa livre, anda como ovos em peneira; a virgem honesta é estrangulada no seu decoro, quando se embala no innocente berço das suas affectuosas aspirações aos sacratissimos direitos da maternidade. (*Neste ponto, o escrivão do processo limpou as lagrimas ao lenço vermelho do tabaco.*) Senhor doutor juiz de direito! — prosegue o Demosthenes, com os braços em arco, e o semblante em lavaredas de transporte. — Todos temos mulher e filhas, filhas estremecidas e esposas ternas. Que importa a inviolabilidade d'estas sanctas affeições, se a

penna do folliculario, estilando o negro fel da calumnia, nos verte no coração a peçonha da desordem domestica, e nos expõe ás vaias publicas?! Um marido vive em boa paz com sua mulher: vem um refalsado escriptor, e diz-lhe: tua mulher é desleal! tua mulher roubou-te os doces mimos! Horrivel, sr. doutor juiz de direito! horrivel! — Desde este momento a paz da familia é como se não tivesse sido *fuissem quasi non essem*, como diz Job; o esposo, tornou-se a fabula do povo; e a esposa, maculada sem macula, ahí fica infamada em si e na sua posteridade, por todos os seculos dos seculos! O cidadão probo e laborioso, se cuida que a honradez de sua vida o ha de escoar dos tiros da calumnia, engana-se.

« Aqui está o exemplo palpitante da actualidade. O doutor Anselmo Sanches alcançou o quadragésimo anno de sua existencia, sem que o odio ou a inveja lh'o denegrisse com a baba pestilente da aleivosia. Todas as familias se honraram de o terem na sua confiança. Em todas as casas honestas elle tem tido accesso como amigo, como irmão, e como brasão das virtudes familiares em que elle é conselheiro, e baluarte, sem rebuço o digo, e baluarte — perdôae-me a modestia do meu honrosissimo cliente — hei de chamar-lhe sem lisonja baluarte, paladium *sancta sanctorum*, das virtudes das familias suas relacionadas. Pois eil-o aqui, pedindo ás leis que o justifiquem perante o mundo, e impondo ao fel cuspidor por in-

famadora bocca que volte ao negro peito d'onde saiu !... »

Esqueceu-me o restante do discurso, que não precisava deter-se mais para ganhar o bom exito. Os espectadores, os escrivães, o juiz, os esbirros, as testemunhas da accusação todos estavam commovidos, quando o meu advogado tomou a palavra e disse que eu escrevera um romance sem intenção de offender designadamente pessoa nenhuma. Anselmo Sanches é um nome—argumentava o causidico—que eu inventára, sem talvez saber que elle já estivesse inventado, e tanto assim era que o seu cliente ficara pasmado de se ver citado aos tribunaes para responder pelos involuntarios devaneios da sua imaginação opulenta, e já provada n'outros muitos contos de que ninguem se queixara. ●

Isto fez sensação.

O doutor pediu licença para dizer que, se era verdade eu não o querer offender, declarasse que todas as allusões, julgadas pela opinião publica em descredito d'elle auctor, eram um mero composto de phantasia.

O juiz voltou-se para mim e disse :

— Declara, pois, o sr. Silvestre da Silva que é romance o seu artigo ?

— Nada, não declaro.

— Como ?! tornou o juiz.

— O meu Anselmo Sanches é aquelle—redargui apontando a grão-besta.

Este gesto, se fosse visto por gente fina, devia de produzir a commoção, que faz nos espectadores o « Ninguém ! » de *D. João de Portugal* apontando o seu retrato, na tragedia de Garrett.

— Pois o sr. Silvestre insiste em calumniar o cavalheiro que generosamente lhe perdôa ?!

— Rejeito o perdão de quem o deve pedir a Deus, e á sociedade, e ao seu amigo que traiçoou, á mulher do seu amigo que cobriu de ignominia, á pupila do seu amigo, que debalde quer lavar nas lagrimas a nodoa eterna.

— Mas que testemunhas dá o senhor da verdade das suas accusações ?

— Tres — respondi.

— Quaes ?! Do processo não consta alguma, nem o senhor adduziu alguma em sua defesa.

— As minhas testemunhas depõem em silencio.

— Isso é absurdo.

— Pois, sr. juiz, creia v. s.^a no absurdo, como Tertulliano : « *quod absurdum, credo.* »

— Não tenho que ver com Tertulliano; provas da arguição é do que a lei conhece aqui. Quem são as tres testemunhas ?

— E' um marido que está prostrado de vergonha e de afflicção n'um leito. E' a mulher d'este marido que está douda. E' uma orphã, recolhida nas Ursulinas de Braga, que está... prostituida. São estas as tres testemunhas.

Anselmo Sanches poz os olhos no tecto, e exclamou :

— Ó ceus !

— É a repetição da calúnia, que o sr. Silvestre nos está dando? — interpellou o juiz.

O juiz recolheu-se ao santuario da sua consciencia. Reinou profundo socego de meia hora ; finda a qual, os autos passaram á mão do escrivão, que leu a sentença.

Fui condemnado em cincoenta mil réis de multa, tres mezes de prizão, e custas do processo.

Bati, como Galileu, o chão com o pé, e disse: « seja como fôr, o sr. Sanches é um infame. »

Paguei a multa e custas, e remi o tempo de prisão a dinheiro.

Anselmo Sanches recebeu os emboras dos seus numerosos amigos.

A mim deram-me o epitheto de calumniador convicto. Os jornaes acharam cordata a sentença, e lamentaram que as aberrações do bom senso compromettessem a imprensa em similhantes derrotas, desprestigiando-a, e armando contra ella os inimigos.

Olhei em deredor de mim, procurando amigos, que me roborassem a consciencia da minha justiça, esmagada a coices de seus sacerdotes. Fugiam das minhas declamações os que me haviam excitado a verberar o doutor.

Tive, então, nojo mortal da sociedade, e de mim, que Deus fizera d'um barro menos vil, mas amassado no fel e vinagre do que se chama força d'alma, e desprezo do martyrio.

Entendi que devia corrigir a obra do Creador. A minha primeira operação de reforma foi renunciar para sempre ás manifestações da intelligencia, e jurei commigo de nunca mais dar na estampa escripto que não abonasse uma conscienciosa parvoice, talisman de tantos que ahi correm, e á conta dos quaes muitos meus collegas na imprensa se afortunaram e bemquistaram com o mundo.

Acabou, pois, aqui, a minha vida intellectual.

Nem já coração, nem cabeça. Principia agora o meu auspicioso reinado do estomago.

NOTA

O auctor remata aqui o periodo da sua vida de escriptor, omittindo phases importantes e subsidios preciosos para a historia litteraria das provincias do norte. Em romance dispensam-se bem certas miudezas, que não deleitam, nem fazem chorar nem rir ; é porém minha opinião que as menores coisas, na vida d'um homem estremado do vulgo, são factos significativos.

Silvestre estudou conscienciosamente o viver intimo da cidade heroica, e enfeixou as suas observações sob o titulo : o MUNDO-PATARATA, que, no seu modo de sentir, era synonymo de *mundo-elegante*.

No vigesimo oitavo caderno dos seus manuscriptos, li as seguintes paginas, que merecem entrar no templo da immortal memoria com seu auctor :

Se o mundo-elegante no Porto scrá o mundo patarata de toda a parte ?

« O mundo-elegante é a sociedade polida, lustrada, invernisada no corpo e no pensamento, na acção e na palavra, na intenção e na obra.

Patarata quer dizer *ostentação vã*.

Elegancia quer dizer *escolha*.

Poderão as duas coisas imparceirar-se n'um mesmo individuo, n'uma mesma classe?

É onde bate o ponto.

Demonstrado que ostentação vã é a maxima pataratice, o mundo-elegante geme sob a pressão racionalissima da logica.

Por outro lado, evidenciada a urgencia da patarata na vida real, como as visualidades na illusão theatral, a pataratice é incremento da civilisação.

É o luxo o estimulo das artes e da circulação do numerario — dizem os economistas infalliveis. A pataratice é a arte amestrada pelo aguilhão do luxo. Ora, se o mundo-elegante é o consumidor das especies, que constituem o luxo, e o fomentador da prosperidade das artes, segue-se que o mundo-elegante é o mundo-patarata.

Cré n'isto toda a pessoa, que já ouviu dizer que ha uma coisa chamada logica pela qual se prova que o mundo cabe n'um cesto, se o cesto for maior que o mundo.

A *elegancia* tambem é synonymo de belleza.

A sociedade elegante não póde ser substancial e formalmente a sociedade bella.

A tomarmol-a assim, fumigariamos com incenso derrancado olfactos modestos que espierrariam contra a lisonja.

A lisonja é a assafetida das boas almas, das almas escolhidas, ou elegantes.

Na sociedade escolhida, ha pessoas que tem a consciencias de serem feias.

Ahi se comprehendem todas as caras possiveis desde a malaia até á georgiana;

Todas as intelligencias imaginaveis;

Todas as progenies admissiveis na ordem da propagação;

Todas as virtudes, ainda as mais hypotheticas.

Ha uma sociedade, que não tem obrigaçào de ser outra coisa, logo que é *elegante*.

A sua missão é andar á tona do mar revolto da vida como as alforrecas.

O passaro é um animal volátil, o peixe é um animal nadador, o reptil é um animal rasteiro, o *elegante* é um animal... elegante.

Diz A. Karr que Deus fizera a *femea*, e o homem fizera a *mulher*.

Ora, a mulher não se limitou a fazer do *macho* um *homem*: fez uma brochura dependente do engenho do encadernador.

O espirito subiu da glandula pineal para o frizado; o entendimento desceu a reluzir no polimento das botas; o coração intumescido enfunou os bofes da camisa; as aspirações grandiosas acolchetaram-se á abotoadura dos diamantes; os apertos d'alma attribulada passaram para o atezamento da luva.

A alma, com quanto seja um ser imponderavel, veste tafetás e lemistes, calça verniz, enluva-se de pellica, bambôa-se em coxins; e, se exercita algumas operações intellectuaes e philosophicas, é quando se mette no estomago, como Diogenes na cuba.

Do mundo-elegante são excluidas as pessoas de todos os sexos possiveis as quaes não provarem que dispendem como se tivessem para mais de doze mil cruzados de renda.

Se os tem ou não, essa averiguação incumbe aos lançadores da decima, impostos annexos, e quinto para a amortisação das notas.

Cá, o essencial e condicional é parecer que os tem; por quanto:

A benigna lei economica da circulação monetaria acceita como factos legitimamente consumados todos os factos do dinheiro;

Porque a modista, o alfaiate, sapateiro, luveiro, boleeiro, camaroteiro, e os demais satellites do orbe elegante, são entes de indole tão sincera, que nem por pensamento sus-

peitam da má natureza dos mananciaes, d'onde a moeda deriva pelos meandros da sociedade escolhida.

Como quer que seja, a sociedade honesta não fica desairada encazando-se no mundo-elegante. A pataratice de alguns *raios* postiços da boa *roda*, não tem que ver com o eixo — a parte sã e legitimamente escolhida da *alta-sociedade*.

O mundo-elegante, na segunda cidade de Portugal, denota civilização muito adiantada.

Aqui é tudo asiatico, menos o espirito que se ala quasi nada ás idealisações do oriente.

Regalias materiaes, fausto, cortezania, gentileza, puritanismo de raça, bizzarria, donaire, feitiço de gestos e maneiras, é um pasmal o que por ahi vae d'isso!

Não se explica a celeridade com que as camadas se desbastaram n'estes ultimos vinte annos. A que estava então no tôpo da jerarchia social, ficou fazendo as mezuras solemnes das velhas açafatas, por se não mesclar com o gracioso despejo da sociedade media. Esta, porém, com toda a pujança de um sangue novo, surgiu de salto, feita, e composta, como se o bom-tom lhe fosse herança de seculos.

É pasmoso!

As damas portuenses são muito mais illuminadas que os homens portuenses.

Entra-se n'um sallão, e admira-se o desembaraço das senhoras, e o encolhimento canhestro dos galans. O mais audaz encosta-se ao batente da porta, e não ousa transpor o limiar sem que a rebecada do côro, nuncia da primeira contradança, auctorise a entrada em gorgolões, como a dos rapazes pela eschola dentro.

Este acanhamento, porém, é de bom agouro.

Homens de talento e espirito são os que mais se acovardam diante de senhoras. No Porto ha muito talento e espirito por força.

Os patetas, os lorpas, os atiradiços são por via de regra os mais festeiros e festejados na sociedade, umas vezes com

a christã virtude da indulgencia, outras com o riso zombeteiro da ironia.

Ha por cá de tudo, Deus louvado!

E bom é que haja para que os tedios da uniformidade não volvam o mundo-elegante ás formulas dorminhocas da sociedade velha, em que o casquilho tomava a quinta chavena de chá, a pedido da dona da casa, e torcia um tendão a dançar o minuete, em quanto a menina fazia tossir ao cravo notas roufenhas, com grande applauso, e grandes abriamentos de boca, de seis velhas entendidas em cravo. » *Etc.*

Não é menos valioso elemento, para quem se der a escrever a phisiologia do Porto, um artigo de Silvestre, que trasladamos d'um jornal coevo. Dedicamos elle o seu escripto

ÁS PESSOAS MELANCOLICAS

Eureka!

ARCHIMEDES.

Pela primeira vez, em minha vida, sinto a legitima vaidade de ser util á humanidade padecente.

Por imprevisto acaso, entrei no gremio dos « humanitarios » como agora se diz.

Offerece-se mais uma cabeça ás benções da humanidade por entre as cabeças do Hollowe dos unguentos, do inventor da Revalenta, do inspirado manipulador da pilula de familia, do mirifico engenho que espremeu do figado do bacalhau o oleo restaurador dos pulmões.

Declaro desde já que não inventei o remedio para a epizootia, nem os pós insecticidas, nem a cura do mormo real.

Os meus estudos pathologicos actuam todos sobre a raça humana, posto que as enfermidades do gado vacum e suino chamem de preferencia a attenção do homem, animal carnívoro, que come o boi, porque o boi se não emancipou ainda, e está dois seculos mais atrazado que o jumento, cuja emancipação é hoje indisputavel.

Do passagem direi que me espanta e indigna o disvelo que os governos empregam no exame das molestias, que dizem os animaes prestantes para a cosinha.

É uma questão de estomago e não ha abi questão de estomago que não avulte as proporções d'uma questão nacional.

Se acontece grassar uma febre que devora centenaes de pessoas, os conselhos de saude descuram de averiguar os symptomas do andaço, não delegam visitadores ás pharmacias homicidas de provincia, nem alvitram os melhoramentos hygienicos de que depende a salubridade publica.

Adoece, porém, o boi, e para logo surgem os Hyppoocrates bovinos escrevendo aphorismos, e as corporações medicalizantes instauram congressos de sanidade, e destacam membros scientificos a vencerem tanto por dia.

Não se cura tão pressurosamente de valer ao homem, porque o homem não é comestivel. Pois individuos ha que comem o boi, e são por isso mais antropóphagos que se comessem o homem.

Fecha-se a digestão impertinente.

No que eu trazia ha muito empenhadas as minhas vigalias era no descobrimento d'um antidoto contra a melancolia.

A medicina conhece uma doença moral chamada «hypochondria.» Os symptomas d'esta enfermidade são as desordens digestivas, as flatulencias, os spasmos, a exaltação da sensibilidade, os terrores panicos, a impermanencia dos sentimentos moraes, etc. Os individuos mais intelligentes e mais imaginativos, quando irritados pelas paixões, ou fatigados pelo trabalho de espirito, são mais sujeitos a estes successos incuraveis, quando as influencias moraes os não curam.

Não era esta enfermidade, de origem corporea, a que me preocupava. A melancolia, sem flatulencias nem perturbações estomacaeas, a que tanto ataca os intelligentes como os idiotas, era esse o meu fito.

Horas e dias terriveis passam por nós como periodos negros da existencia.

Cae-nos a frente para o seio, onde o coração nos dóe premido por mão de ferro. Não ha lembrança feliz que possa estrellar-nos o chãos da imaginação: não ha raio de sol que faça abrir flôr de esperança em nossa alma arada pelo desconforto.

Esta situação é commum a muitas pessoas: só não a conhecem aquellas que travaram alliança offensiva e defensiva com a estúpida alegria, contra as intermittencias dolorosas do espirito.

O amador ditoso tem horas de melancolia terna: essas são as melhores da sua vida. Ai d'elle quando o murmuro do regato, e a cruz do ermo, e a lua espelhada nas aguas lhe não humedecer os olhos de dulcissimas lagrimas!

O amante infeliz tem sezões afflictivas que o excruciam e desesperam. Para esses dois, tão differentes no padecer, ha uma só panacea: é o coração da mulher, essa divina botica de todos os balsamos para todas as feridas, abertas na refrega das paixões nobres.

Mas afora a melancolia do amor, ha uma outra sem causa, sem preexistencia dolorosa, sem antecedentes que possam indicar ao medico da alma os meios therapeuticos.

Sentem-na aquelles mesmos que a fortuna acaricia com todos os mimos d'este mundo.

É a que mata os ricaços da Gran-Bretanha, e a que tortura os ricos ociosos de todas as nações, onde ha sol e lua, onde o ceo é azul e a athmosphera diaphana.

Não é costume nosso matarmo-nos quando o aborrecimento da vida nos enoja.

Em paiz algum seria maior a estatistica dos suicidios, do que em Portugal, se o tedio nos vencesse.

E no Porto?

Deus nos livre d'isso!

O vestibulo do theatro lyrico seria em cada noite um cemiterio; nos bailes, a cada instante, se ouviria a detonação d'um tiro; as senhoras levariam crystaes de acido prussico

para se matarem ao cabo da tediosa parolice do par dançante; do jardim de S. Lazaro, aos domingos, iria o parcho levantar algumas dezenas de cadaveres; os proprios templos onde ha organistas seriam borrifados de sangue suicida.

Aqui no theatro não se morre de tédio; mas abre-se a bôca, e buzina-se um vagido somnolento

No baile ninguem se mata; mas devoram-se gelados para apagar o vulcão da idéa suicida, ou abarrota-se o estomago de sandwichts para que a alma bruta predomine sobre a outra, ou tresfega-se a garrafeira do dono da casa para allucinar e entreter o espirito, como coisa exotica, do ar artificial de uma estufa.

Mas estes remedios não passam de paliativos. A reacção, depois, é peor. Fallecida a vida de emprestimo, o espirito fica lethargico, marasmado, e até inhabil para exercer a funções da presidencia de uma camara municipal.

Depois do artigo de fundo, a coisa que mais brutalisa a alma é a melancolia.

O poeta, que vos incampa as suas amarguras em redondilha-maior, escreveu as trovas, com animo folgado, no intervallo de duas orgias.

A melancolia é sorna e esteril. Camões escreveu a sua epopéa nos dias da esperança.

Quando a tristeza desanimadora o entrou, já não pôde escrever para o fidalgo, que lh'a pedia, uma paraphrase dos psalmos.

Uma intelligencia em quietismo não damnifica os interesses materiaes de um paiz, e até certo ponto pôde considerar-se providencial o pousio; mas um cidadão analfabeto, embrutecido pela melancolia, se a sua qualidade civil é importante como deve ser, pôde prejudicar gravemente os interesses da cidade.

Ainda bem que a melancolia raro se atreve a perturbar o functionalismo intellectivo de certas cabeças, cuja organização é maravilha. D'ahi provém a traça methodica e aus-

piciosa com que o homem supinamente ignorante regula os seus negocios. Ha n'essa cabeça a perenne claridade d'um fundo de garrafa de crystal. As idéas impendem-lhe congeladas da abobada craniana como os stalactites d'uma caverna. D'essa immobilidade imperturbavel de cerebro resulta a fixidez da mira posta n'um alvo, a pertinacia das emprezas, e o conseguimento dos bons effeitos.

Ainda não vi tão cabal e logicamente explicado o fortunoso exito de algumas riquezas grangeadas pela inepcia.

Não obstante, o numero dos bastardos da fortuna è muito maior. O leitor é de certo um dos que tem em cada dia uma hora de enojo, de quebranto, de melancolia, de concentração dolorosa, de desapêgo da vida, de misantropia, e de dialogo terrivel com o phantasma da aniquilação.

É para esse que eu vim, á hora decretada pela providencia dos descobrimentos, com o coração a trasbordar de philantropico jubilo, annunciar o antidoto contra a melancolia.

Bem podéra eu, á imitação de famigerados varões, apresentar, como de engenho meu, o invento da receita, que um obscuro chimico deixou como legado de penosas lucubrações. Quem elle fosse não posso eu dizel-o, porque o modesto inventor julgou-se um átomo da humanidade, e, doando-lhe o seu obolo de talento, não quiz glorificar-se de um thesouro que não era mais que transitorio deposito em suas mãos.

Eis aqui a receita :

Junco cheiroso..... onça e meia.

Iris de Florença..... uma onça.

Páo sandalo... } onça e meia.

Páo de roseira }

Casca de laranja e limão.. » »

Cravo da India..... uma oitava.

Vinagre rosado..... quatro onças.

Estes ingredientes lançam-se n'uma vasilha, que se col-

loca ao fogo. A pessoa melancolica aspira-lhe o perfume por alguns segundos. A primeira sensação é deliciosa para o olfacto. Segue-se um geral sentimento de bem-estar physico, de desoppressão cerebral, de transporte e contentamento de espirito.

Resta fazer uma reflexão toda pessoal que intende com o desinteresse do signatario do artigo. Não vão pensar que se tem d'olho uma d'aquellas medalhas com que a Real Sociedade Humanitaria galardôa os que soccorrem o proximo em afflicção. Por em quanto o instituto d'esta munificentissima sociedade não premeia os soccorros prestados á alma : a caridade d'estes bons tempos de maxima illustração verte os seus balsamos sómente sobre o corpo. Quando, porém, retrogradarmos ao ponto de se considerarem benemeritos da Real Sociedade Humanitaria os propagadores de receitas contra a melancolia, hypocondria e outras enfermidades espirituaes, então, não só as medalhas humanitarias, mas até os habitos de Christo que a munificencia regia dá aos pianistas, virão galardoar os obreiros do espirito que se dedicam a melhorar a alma do seu semelhante.

FIM DA SEGUNDA PARTE

TERCEIRA PARTE

ESTOMAGO

DE COMO ME CAZEI

I

Procurei o refugio dos penates, o lar em que derivaram bem-aventuradas as gerações dos meus passados. Saboriei-me nas delicias do repouso, posto que em volta de mim só visse as imagens da numerosa familia que descançava no pavimento da pequenina egreja. Lá estavam todos, como operarios, que findaram sua geira, e, ao entardecer, encostaram a face ao pedestal da cruz, e adormeceram.

Meditei no suave viver de meus paes, e comparei-o às dores, umas lastimaveis e outras ridiculas, que me tinham delido o coração, e desconcertado o aparelho de pensamento. Viver segundo a razão, alvitre que os philosophos pregôam, é bom de dizer-se e desejar-se; mas emquanto os philosophos não derem uma razão a cada homem, e essa razão equal

à de todos os homens, o apostolado é de todo inutil.

Melhor avisados andam os moralistas religiosos, subordinando a humanidade aos dictames de uma mesma fê; todavia, — e sem menoscabo dos preceitos evangelicos que altamente venero, parece-me que o homem, sincero crente, e devotado christão, no meio d'estes mouros, que vivem á luz do seculo, e meneam os negocios temporaes a seu sabor, tal homem, se pedir a seu bom juiso religioso a norma dos deveres a respeitar, e dós direitos a reclamar, ganha creditos de parvo, e morre sequestrado dos prazeres da vida, se quizer poupar-se ao desgosto de ser apupado, procurando-os.

Como sabem, eu nunca andei em boas-avenças com a religião de meus paes; e por isso me absteinho de lhe imputar a responsabilidade das minhas quedas, seja dos pinaculos aerios onde o coração me alçou, seja do razo da razão, onde as quedas, bem que baixas, são mais ignominiosas. Eu comparo o cair das alturas do coração à queda que se dá d'um garboso cavallo: quem nos vê cair, póde ser que nos deplore; mas de certo nos não acha ridiculos. Ora, o cair da baixeza dos calculos racionaes é coisa que faz riso aos outros, e por isso muito comparavel ao tombo que damos d'um ignobil burro. O cavallo despenha-nos, e, com as crinas eriçadas, resfolga e arquêa-se com gentis corcovos. O burro, depois que nos sacode pelas orelhas, não é raro escoucear-nos. É o mesmo, se a comparação vos quadra, nas que-

das do amor, e nas quedas do raciocínio. Das primeiras erguemo-nos sacudindo as folhas seccas de umas illusões emquanto outros gomos vem já desabrolhando na alma para mais tarde refluírem. Das segundas, não ha senão lama a sacudir, e muita pisadura a curar com o balsamo do tempo e d'uma vida brutalmente desapegada de tudo que ultrapassa o momento da sensação.

A este viver assim de convalescença é que eu, por não sei que sympathia com a viscera essencial das nobilissimas funcções animaes e espirituaes, denominei o estomago.

Não cuidem, porém, que eu hei de consummir o restante da minha individualidade em comer. Ha faculdades que não se obliteram immolando-as a uma unica manifestação da vida organica: o mais que póde fazer o espirito é impulsional-as, central-as e convergil-as todas para um ponto. De maneira que, todas as minhas faculdades de ora em diante em volta do estomago se movem, o estomago as rege, e não ha de alguma idéa preoccupar-me sem sair elaborada nas mesmas cinco horas que os physiologistas assignam ás funcções digestivas.

II

Logo que me aposentei para largo tempo na minha casa, curei de remover e prevenir todos os impêços ao socego das minhas digestões.

Quando esta providencia falta, nenhum calculo vingá. Nenhuma semente vos desabrocha bem prosperada, se descuraes o amanho da terra. Antes sair com as mãos feridas do arróteamento de carrascaes e silvédos, que ver abafados os renovos entre o matto. Notem já que a minha linguagem vaé adquirindo um corpo e côr, e uma certa consistencia que não tinha. Os entendidos hão de achar que esta gravidade sentenciosa só pode dal-a uma intelligencia algum tanto espalmada pela pressão do estomago. E assim é que se explicam os adiposos bacamartes do frade, cujo intellecto se nutria e inflava na roscas do cachaço, pedestal digno d'aquellas grandes e repletas cabeças. A sciencia do frade, pois, era a sciencia das funcções alimenticias. Todo o estomago, bem regulado, produz um genio.

Convinha-me, pois, bassoirar da minha testada uma influencia odiosa: era o regedor da freguezia, que nunca me havia perdoado os artigos em que lhe excruciei a estúpida ferocidade contra recrutas. A segunda victima, destinada ao sacrificio da minha pachorrenta paz, era o vigario.

Emquanto ao regedor, as difficuldades deviam ser enormes, visto que todos os governos tinham achado n'elle um galopim, que vingava trezentos e vinte suffragios.

Era preciso contaminar-lhe os creditos com a broca da rethorica. Acerquei-me de tres lavradores influentes da freguezia, expuz-lhes a decadencia do

paiz, e a inevitavel perda da independencia nacional, se continuassemos a dar o nosso voto irracionalmente a deputados da confiança do regedor.

Dei em minha casa prelecções de direito constitucional a estes e outros lavradores levados pelos primeiros. Feri faiscas n'aquellas cabeças tapadas como pedreiras de marmore negro, e posso afoutamente asseverar que nunca a eloquencia fez maiores milagres. Fallei-lhes em nome do estomago, como Menenio Aggripa, no monte sagrado, aos romanos fugidiços de Roma. Comprehenderam o apologo melhor que eu mesmo, e pediam-me com entusiasmo a repetição da historia. O meu fito, remedando o meu illustre predecessor no doutrinamento da plebe, mirava a convencêl-a de que o regedor da freguezia era o cancro do estomago social. Facto admiravel do instincto! Quando eu disse isto, levaram todos a mão á barriga. E assim se prova que o orgão mais sensivel á eloquencia é ella, e que a humanidade soffredora é um estomago desconcertado, e bem assim se prova que todos os regedores facciosos podem ser banidos da confiança popular mediante o argumento do cancro, que eu offereço a todas as opposições.

Acertou de estar proxima a luta eleitoral. O regedor bateu ás portas dos eleitores com o massête das listas, e encontrou em cada lavrador um doutrinario, um cidadão que fallava da liberdade do suffragio com muito menos parvoçadas que a maior

parte dos jornalistas. Enraivecido contra as minhas sugestões, o funcionario officiou ao governador civil pedindo-lhe auctorisação para me prender. O governador civil deu a ordem pedida, mandando ao secretario que a lavrasse, e citou a lei do codigo eleitoral, que me applicava a captura. Ora, como quer que o secretario folheasse o codigo, e não encontrasse o artigo, a auctoridade superior do districto officiou ao regedor lamentando com elle a impossibilidade da minha prisão.

Seguiu-se perder o governo às eleições, e o regedor adoeceu de maleitas.

Passados mezes, cahiu o ministerio, cahiram as auctoridades, e eu fui nomeado regedor.

Eis-aqui o meu primeiro pulo na carreira politica.

O meu velho inimigo, quando recebeu o officio da demissão, tremia como Marino Faliero ouvindo as fataes badaladas de S. Marcos. Um meu criado — para nada faltar á comparação com o desastre do infausto doge — foi ao campanario da igreja, e repinicou o sino. Ao mesmo tempo, o meu visinho Joaquim do Quinchôso atirou aos astros dois foguetes de lagrimas, que tinha sizado ao mordomo da festa do orago. Na aldeia proxima sahio á rua o tio Manuel da Bouça com o bombo, e o meu compadre João da Fonte, que fôra musico das milicias de Mirandella, acordou os eccos das serras com o seu trompão.

O ex-regedor, escorrendo o suor glacial da morte, ergueu-se sobre os joelhos no seu catre, inteiriçou os braços descarnados ; e quando ia morrer nos braços do vigario, comeu uma perna de gallinha, e salvou-se.

Mais um argumento da capacidade do estomago para afogar em si as decepções da politica !

Como a camara electiva fosse dissolvida, decretou o poder executivo novas eleições. Deram-se contra mim os pés o vigario e o ex-regedor. A influencia do primeiro era temivel. Para contrariar-lh'a nas vespervas do suffragio, industriei o meu fiel criado a prender a consciencia politica do padre com o cabresto do garrano do mesmo. O leitor acha dura de entender esta methaphora. Foi assim : o meu criado entrou n'um bouça, onde pastava o garrano ; tirou-o para o monte ; desceu com elle a garganta de duas montanhas, e foi prendel-on'um reconcavo de matagal onde o vigario só podesse enconral-o com tardias informações d'algum pastor desgarrado por aquellas brenhas. Cumpre, porém, dizer em pró da minha equidade, que o garrano indigno de ser castigado com o amo, recebia todas as noites porção de fêno, e bebia do arroio limpido que lhe banhava os pés.

O vigario, azoadado com a perda, e tolhido de ir arengar aos parochianos das aldeias visinhas, sentiu-se baldo de entusiasmo e patriotismo, e deixou o seu correligionario em campo.

Venci as eleições por espantosa maioria. Disse-o o sino a reboar por aquellas quebradas ; disseram-no

as violas e zabumbas de sete aldeias ; o ar incendiou-se de foguetes de tres estalos, e eu fiz subir ás nuvens um balão, feito de jornaes, em que eu fôra redactor.

O garrano voltou, n'esse mesmo dia, á porta do vigario, que o estreitou ao peito em fervoroso amplexo, e exclamou :

— Fizeste-me perder a eleição ; mas para outra vez a ganharemos ! Vem filho prodigo !

III

Dois mezes depois, recebi o habito de Christo, solicitado pelo governador civil.

Seguiu-se a romaria de S. João, e eu levei o habito. O ex-regedor, quando me viu a cruz e a fitinha escarlate, estava encostado a uma pipa bebendo o seu quartilho, e discorrendo ácerca do real d'agua, e quinto para a amortisação das notas, que elle chamava uma ladroeira. De repente dá de cara commigo. Cae-lhe da mão convulsa o copo, encosta a fronte pallida ao hombro da taverneira, que tinha boas espadas para supportar aquella esphera de granito, e ia desmaiar, quando, ao chegarem-lhe aos beiços uma caneca d'agua elle disse que o mais acertado era chegarem-lhe vinho. E bebendo, recobrou-se de côres, ganhou o aprumo, e, para disfarce, deu um piparote no nariz da moça.

Deixal-o lá com as suas foscas, o infeliz ! Come-lhe

as entranhas o rancôr politico. Um dia virá em que elle, descoroçoado de apanhar a regedoria, veja a patria pelos olhos de Bruto, e, com *b* pequeno, se deixe morrer d'uma fartadela de rujões de porco, sem alguma esperança de renome entre as victimas do patriotismo. Não! pobre tolo que tinhas em ti uma alma tal e qual, *ceteris paribus*, como a dos grandes estadistas, que se hão de rir de tuas agonias: não, meu emulo desditoso, a posteridade fallará de ti, as gerações provindouras lerão n'esta pagina, mais duravel que o bronze das estatuas, o teu infortunio e a minha generosidade. *Være perennius victis!*

O habito de Christo foi causa a episodios não despeciendos nestas memorias.

No arraial de S. João andava o sargento-mór de Soutêlo com sua filha unica, Thomazia.

Thomazia era mulher de carne e osso mais que o ordinario. Vestia de amazona: mas ficava um pouco aquem dos limites da elegancia, porque era mais larga na cintura que nos hombros; — visivel defeito do vestido. Tinha uns longes de cara admiraveis: figurava-se-me uma flor de magnolia entre duas rocas de cerejas.

O sargento-mór, que tambem era cavalleiro de Christo, desde 1842, pensava desde muito casar Thomazia com cavalleiro da mesma ordem. Conhecia-me elle de nome, e formava de mim opinião desvantajosa: não assim a moça que me tinha visto annos antes, n'um festa de endoenças, e gostára de

me ver com a opa vêrde de irmão das almas, funcionando nas ceremonias da egreja.

A casa do sargento-mór rendia quinhentas medidas de centeio, meia pipa de azeite, e vinte carros de castanha; sustentava tres juntas de bois, e quatro irmãos padres.

O leitor ignora, talvez, a jerarchia d'um sargento-mór. Pensa que é uma patente destas que enchem a cobiça do coração de uma costureira ou criada de sala, a quem o sargento offerece sua alma e oito vintens diarios de pret?

O sargento-mór das antigas milicias era um potentado, immediato na jerarchia ao capitão-mór, com quem por egual se repartiam os lombos e os respeitos sociaes. O baque da monarchia absoluta, esmagando com os privilegios o acatamento que os privilegiados incutiam, respeitou o sargento-mór de Soutêlo. Os povos reverenciavam-n'o ao theor antigo, e testemunhavam seu acatamento presenteando-o com os lombos dos cevados, tal e qual como nas ominosas eras em que o sargento e o capitão mores representavam, no aparelho gastrico do absolutismo, um dos intestinos mais importantes — o recto, se quizerem.

Thomazia era uma rapariga desempenada, e com olhares derretidos. De entendimento era escura, como quem não sabia ler, nem tivera, alguma hora, desgosto de sua ignorancia. Tinha vinte e seis annos, e nunca estivera doente. Nunca tomára chá nem

café. Almoçava caldo d'ovos com talhadas de choi-riço. O sol ao nascer, nunca a surprehendeu em jejum. Trabalhava de portas a dentro com as criadas : fazia as barrellas, fabricava o pão, administrava a salgadeira, e vendia os cereaes e as castanhas. Regularmente calçava sóquinhos debruadas de escarlate e sarapintadas de verde. As meias eram de lã ou algodão azues ; mas não usava ligas, de geito que as meias cahiam em refêgos á roda do tornozelo— o que não era feio. Nas romarias, calçava sapato de fitas, e trazia chapéo desabado com plumas brancas. Os pulsos eram d'uma cana só, como lá dizem para exprimirem a força. Cada palma de mão parecia uma lixa ; e elogiar-lhe o cuidado das unhas seria adulação indigna da minha sinceridade. Dentes nunca os vi mais ricos de esmalte. Limpava-os com uma herva do monte, que lá chamam mentrasto ; e as pomadas das suas opulentas tranças louras eram a agua crystalina do tanque em que ella mergulhava a cabeça todas as manhãs. Sentava-se depois á sombra d'um castanheiro, nos dias festivos, a pentear-se, e era bello vê-la então coberta de seus cabellos até á cintura, que moira mais linda a não sonharam poetas, em orvalhadas de S. João, alisando as madeixas com pente de ouro.

Assim foi que eu a vi, quando cheguei á janella do quarto em que pernoitara na casa do sargento-mór, descendo eu d'uma feira onde fôra vender um macho, e comprar bezerros para criação.

IV

O pae de Thomazia, erguida a toalha da mesa, onde almoçamos, ás sete horas da manhã, sôpa d'ovos, salpicão, batatas ensopadas com toicinho, e toicinho cozido com batatas, disse-me que sua filha estava cazadeira, e elle disposto a cazal-a commigo, se eu quizesse. Antes que eu respondesse, inventariou os seus cabedaes, o valor do patrimonio dos seus quatro irmãos padres, os quaes estavam presentes, e unanimemente disseram que tudo deixavam por escriptura a sua sobrinha.

Pedi espera de alguns dias para responder ; e a instancias de todos, passei aquelle dia em Soutêlo.

Thomazia, que tinha almoçado na cozinha, segundo o seu costume, quando havia hospedes em casa, appareceu-me, meia hora depois do almoço, perguntando-me se queria comer uma tigella de requeijão e beber um pichel de vinho verde.

- Gostei desta patriarchal franqueza, e desci á cozinha, onde encontrei sobre a mesa do escabello, adorno da lareira, uma tigella vermelha vidrada com requeijão, e um pichel reluzente de estanho a trasbordar de espumoso vinhoverde. Thomazia sentou-se do outro lado, e comeu e bebeu como a filha de Labão com Jacob.

Conversamos nestes termos tambem patriarchaes:

— Quantos annos tem a senhora Thomazia ? —
perguntei.

— Vinte seis, feitos pela santa Luzia.

— Muito bem empregados. Admiro que vm.^{co} não esteja ainda casada !

— Ainda não é tarde.

— Tambem digo : mas quem é tão bonita como a sr.^a Thomazia onde quer acha um noivo.

— Sou sã e escorreita, Deus louvado. Se lhe parece bonita, isso é dos seus olhos. Coma uma colher de requeijão, e bêba, que o vinho está muito fresco.

— Está excellente, mas eu não posso mais.

— Então fraco homem é !

— Almocei contra o meu costume. Estou affeito a almoços leves de café ou chá.

— Credo ! vm.^{co} bebe chá por almoço ? !

— Pois então !

— Ora essa ! Cá em casa ha chá, que o compra meu tio padre João, mas é para as dores de barriga. Á minha bocca nunca elle foi, em boa hora o diga !

— As comidas fortes dão-se bem com o seu estomago ?

— Ora se dão ! Nunca estive doente dois dias a fio.

— Costuma ceiar ?

— Pudéra não ! Almoço, janto, merendo e ceio : é o costume cá de casa ; e vm.^{co} ?

— Eu começo agora, desde que vim para a aldeia, a comer melhor ; mas não pude ainda habituar-me a ceiar.

— Pois quem não ceia, toda a noite rabeia : é ditado dos velhos. Então não come mais ?

— Mais nada.

— Pois se quer vir d'ahi até á casa da eira, eu vou lá ver o que fazem os moços. Isto de servos, se a gente lhe tira os olhos de cima, pegam a mandriar que não fazem nada. Quer vir ?

— Com muito gosto.

Thomazia encheu um grande cabaz de fructa, e uma cabaça de vinho.

— Levo isto aos moços — disse ella — porque elles, quando eu chego á sua beira, estão sempre a olhar-me para as mãos.

— Se quer, eu levo o cabaz e o vinho — disse eu.

— Não é preciso : eu posso bem com isto.

— Ao menos deixe-me levar uma das coisas.

— Então leve a cabaça, que peza menos.

Caminhamos hombro a hombro para a casa da eira.

Thomazia parou muitas vezes a saudar os velhos e velhas que ia encontrando.

Os velhos diziam-lhe :

— Deus te guarde, flôr,

E as velhas já de longe vinham dizendo :

— Ah! vem o anjinho do céu, a mãe da pobreza.

E ella ia tirando do cabaz alguns punhados de fructa para dar ás que não a tinham de sua casa.

Passámos no adro da igreja.

Em frente da porta principal, Thomazia depoz o

cesto sobre o baixo muro do adro, fitou os olhos no santo, que tinha o seu nicho sobre a padieira da porta, fez curta oração, benzeu-se, e tomou o cabaz.

Ao assomarmos ao beirado da eira, os criados, que andavam a limpar o centeio com pás e peneiras, redobraram de canceira.

— Assim que nos lorigaram, disse Thomazia, olhe como elles labutam ! São uns calaceiros d'aquella casta !

E levantando a voz, disse :

— Venham á fructa, a ver se refrescam. O serviço, que vossês todos seis tem feito, fazia-o eu sósinha com uma perna ás costas. Sempre estão umas rabaças, vossês !

Em quanto os criados comiam sofregamente as cerejas, as pêras, os malapios e os gelemendes, Thomazia, ora com a pá, ora com a peneira, limpou uma rima de centeio, procurando a eminencia mais ventilada da eira. O vento sacudia-lhe levemente a fimbria da saia de chita curta de grandes rofêgos na cintura. Como erguia os braços ao alto, as largas mangas da camisa arregaçavam até aos hombros, e os folhos alvissimos do peitilho, soprados pela viração, descobriam-lhe o seio, até onde o vento pôde descobrir sem desairar o pudor.

Pareceu-me bonita assim, muito mais que vestida de amazona, calçada de duraque, e implumada, qual a vi na romagem do S. João.

Voltaram os servos para o trabalho, e Thomazia

veio sentar-se ao pé de mim debaixo d'um coberto de côlmo.

— Está fatigada? — disse-lhe eu.

— Ágora estou! Vim para aqui fazer-lhe um mi-galho de companhia, e depois torno lá. Hoje o pão hade ficar nas tulhas, custe o custar.

— E deixa-me sosinho aqui!?

— Vm.^{ce}, em se aborrecendo, vá para a casa que lá está o pae e os tios. Vá jogar a bisca com os pa-dres, que elles gostam muito. Sempre são!... Eu se tivesse filhos, padre, Deus me perdôe, que não ha-via de ser nenhum!

— Porque? tem zanga aos padres?

— Ágora tenho; os padres são a imagem de Deus; mas não fazem nada n'uma casa; dizem a sua missa, vão aos enterros e ás festas, mas coisa de botarem a mão a uma sachola para tapar uma poça, ou cor-tar um agueiro, isso não é capaz! Olhe vm.^{ce} ali em minha casa quatro padres d'uma assentada sem fa-zerem nada, a olharem uns p'ros outros, e a lerem a gazeta de Lisboa... Elles ahí vem... é milagre sabi-rem de casa a esta hora! Vem cá p'r'amor do sr. Sil-vestre.

Chegaram os quatro clérigos, e um d'elles vinha com a *Nação* em punho, explicando aos outros um relanço difficil do artigo de fundo.

Fui consultado ácerca da passagem obscura, e o meu parecer esclareceu as duvidas. Thomazia, em quanto eu fallava uma linguagem para ella inaper-

cebida, estava com os olhos postos em mim. Os padres louvaram a minha esperteza, e o mais velho, oráculo dos outros, disse :

— Ora o senhor, com esse talento que Deus lhe deu, devia ser realista !... É uma ingratitude não defender a religião de nossos paes, quem tanto deve á Providencia.

Redargui que respeitava a religião de nossos paes, e que a politica era uma coisa incidental na vida das nações, de todo o ponto estranha á religião.

Discutimos mansamente uma hora.

Thomazia fatigou-se logo de nos ouvir, e foi trabalhar.

V

Á hora da sesta, fui sentar-me n'um escuro souto de castanheiros, e meditei.

Estava o estomago no mais activo de sua chilificação. Havia uma insolita claridade no meu espirito. Nenhum devaneio dos que arrobam poetas em ermos e sombras me perturbava o cosimento das pingues substancias em que abundára o jantar. As minhas meditações eram pachorrentas, terra a terra, sem enlévos que me deslocassem dá felicidade do momento para me transportarem ao passado, onde estava a saudade, ou ao futuro d'onde me podia estar mentindo a esperança.

Que a saudade, para além dos trinta annos, é uma enchente de lagrimas que desborda o peito d'aquel-

les mesmos que se não sentem viver no coração.

E a esperança é uma virgem de encantos doidos, a qual vos não deixa gosar os encantos d'outra virgem, que vos alinda os bens presentes.

E a meditar assim, adormeci, reclinado sobre uma moita de mal-me-queres e boninas.

Quando acordei, tinha sobre a face um lenço de linho, branco de neve.

Enxuguei o suor, relanceei em derredor os olhos, e vi, a distancia de cem passos, Thomazia, sentada á beira d'um tanque, coberto de ramagens de parra, costurando, e cantando a meia-voz.

— Boas tardes, sr. Silvestre ! — disse ella, risinha. — Ande lá que se regalou de dormir ; e se não sou eu, as moscas e os mosquitos chupavam-lhe o sangue.

— Muito obrigado, menina.

— *Menina !* tornou ella. Eu sou mulher, não sou menina.

Ergui-me, e fui lavar a cara na bica do tanque. Thomazia tirou o seu avental de linho para eu me limpar. Sentei-me, depois, á sua beira, e vi que ella estava remendando uma camisa.

— Remenda o teu panno, e chegar-te-ha ao anno ; torna-o a remendar, e tornará a chegar — disse ella.

Estivemos silenciosos alguns segundos. Cortou Thomazia o silencio, perguntando :

— Vae-se embora amanhã ?

— Vou.

— Não gosta de estar connosco ?

— Gosto ; mas cada um de nós tem a sua casa.

— Isso é verdade... disse ella, com a mão da agulha suspensa, e os olhos fitos em qualquer coisa distante.

— É feliz, não é, sr.^a Thomazia ?

— Feliz é quem está no céu. Diz meu tio padre João que n'este mundo ninguém é contente da sorte que tem. *

— Que lhe falta a si ? Não tem tudo o que deseja ?

— Eu desejo pouco...

— Então que mais quer para ser feliz ?

— Queria que o sr. Silvestre se deixasse estar mais alguns dias por aqui ; mas, se tem que fazer na sua casa, vá. Lembra-se quando estivemos, faz dez annos para a semana sancta, nas endoenças de Sancto Amaro ?

— Lembro.

— Pois olhe que nunca mais me esqueceu ! V. m.^{co} lembra-se de me vêr ?

— Mal me recordo...

— Lá me parecia...

— Porque ? Tem razão para suppôr que eu não a devia lembrar ?

— É um modo de dizer... Nem se lembra que eu lhe dei duas cavacas em casa do sr. vigario ?

— Ah ! agora me lembro... que me deu duas cavacas a *Magdalena*.

— Pois era eu que ia de *Santa Maria Magdalena* na procissão do enterro...

— Ora, se lembrou!... levava os cabellos loiros com laços de fita, não levava?

— E vestido vermelho de setim.

— Tal e qual. Que linda ia! Fiquei a pensar em si muitos dias...

— Mas esqueceu-se, e nem me conheceu agora. Uma rapariga em dez annos muda de cara; estou já velha...

— Não está sequer mudada, menina.

— E elle a dar-lhe!... não gosto que me chame *menina*. Chame-me Thomazia.

N'este momento, chegou o sargento-môr, e disse com muito affavel gesto:

— Ó rapariga, olha que teus tios já lá estão perguntando se tu fugiste com o sr. Silvestre.

— Estamos a tratar d'isso, meu pae; quer v. m.^{co} fugir tambem conosco?—respondeu ella com muita graça e desembaraço.

— Pois vamos lá com Deus.

E o velho, approximando-se mais, reparou na costura de Thomazia, e disse:

— Não tens vergonha de estar a remendar camisas, diante d'este senhor?

— Agora tenho! Pois isto é vergonha? vergonha é trazer-as rotas. Ó sr. Silvestre, ainda que eu seja confiada, diga-me: quem lhe arranja a sua roupa?

— A minha roupa está sempre desarranjada; quando se rompe, compro outra.

— É bom governo esse! — tornou ella — assim é que hade ir para diante a sua casa!... Se eu morasse mais perto de si, dizia-lhe que mandasse a roupa para cá... Ri-se? Talvez cuide que eu não sei engommar! Veja o collarinho da camisa de meu pae como está rijo!

— Pois o melhor de tudo — atalhou o velho — é que o sr. Silvestre venha cá para casa de vez, e então lhe tratarás da roupa.

Thomazia comprehendeu o figurado do dizer, e pôz os olhos na costura.

Chegavam os padres, discutindo outro ponto do artigo de fundo da *Nação*, e caminhamos todos polemizando, até chegarmos a um campo marginal do rio, onde o sargento-mór tinha uma pequena casa com adega.

Entramos na adega, cuja frescura consolava. Pouco depois, chegou uma rapariga com o cêsto da merenda. Era uma travessa de barro vermelho cogulada de trutas fritas.

Thomazia foi a uma pôça colher celgas e agriões de que fez salada, depois de esfregar as mãos com areia da margem do rio.

Rodeamos uma dorna de fundo ao alto, sobre a qual se collocou a travessa das trutas, e o alguidar da salada, d'onde nos servimos todos com garfos de ferro mui lustrosos.

Thomazia tirou uma truta para cima d'uma fatia de pão, e sentou-se no socalco da pipa, d'onde tirava o vinho, que resaltava espumando pelo batoque. Bebiamos todos do mesmo pichel de estanho; e o pichel, quando caía na mão d'um padre, voltava vasio á torneira.

— Dão-me que fazer os tios !... disse Thomazia a rir.

— Anda lá, rapariga — acudiu o padre João — que tu tambem gostas de ver o fundo á caneca... Essas côres não se criam com agua.

— Bebe, bebe, cachopa — disse o sargento-mór — que o vinho é meia mantença.

Quando o pichel passou da minha mão á de Thomazia, reparei que ella assentou os labios no rebordo molhado por onde eu tinha bebido. E, como visse que eu dera fê, córou.

Ao entardecer, voltamos a casa.

VI

Depois de ceia, Thomazia saiu a uma varanda de cantaria, que dominava dilatadas varzeas, orladas de arvoredo.

Os padres, o sargento-mór, e eu ficamos praticando em systemas de governo, e discutindo as vantagens da representação nacional sobre o alvitre d'um só homem. Os ardores da polemica eram refrigera-

dos com beijos no pichel, beijos longos, longos, e absorventes como beijos de amantes.

O sargento-mór, como já não entendesse as theorias absolutistas dos irmãos, nem as minhas de emancipação social, adormeceu encostado ao espaldar d'uma cadeira de coiro.

A questão foi esmorecendo consoante as forças intellectuaes iam convergindo para o lavor da digestão. A ceia tinha sido pouco menos chorumenta que o jantar. Afóra duas gallinhas, amarellas de gordas, com o seu prestito de salpicões, no centro da mesa, estava o alguidar do anho assado, que loirejava estirado sobre um vasto plano de arroz, atauxiado de rodellas de linguça.

Tres padres foram deitar-se, e o mais lettrado dos quatro, padre João, disse-me se eu queria ir á varanda ver o rio prateado pela lua, e as penumbras dos altos serros circumpostos á graciosa aldêa.

Quando passavamos para a varanda, parei, e pedi ao padre que parasse.

Estava Thomazia cantando uma toada popular, triste como todas as cantilenas populares do Minho e Trazos-Montes. A melancholia não a dava a letra menos que a musica. Dizia assim :

Teus cabellos me prenderam,
E teus olhos me mataram ;
Teus lindos pés me fugiram,
Quando morta me deixaram.

Entre as mãos frias de neve
Um raminho me pozeste;
Levaste as rosas e os cravos,
Deixaste murta e cypreste.

Entrei de surpresa na varanda, e disse á maviõsa cantõra :

— Quem lhe ensinou essa lettra tão triste e bonita?

— Ai! — exclamou ella — não cuidei què estava ahi... Estas cantigas eram as da menina de Chaves.

— Quem era a menina de Chaves?

O padre tomou á sua conta a respõsta, e disse:

— Era a namorada d'um meu condiscipulo no seminario de Braga, que morreu de amores por elle no convento de Sanct'Anna, e elle tambem morreu por ella. Eram ambos de Chaves. Eu fiquei com o papelinho em que a coitada escreveu as coplas, que minha sobrinha canta a chorar.

— E está a chorar! — disse eu vendo-lhe nos olhos espelhado um raio da lua.

— Não que eu — disse Thomazia entre risonha e lagrĩmosa — tenho uma pena da creatura!...

— D'ella somente? — interrompi.

— E d'elle, que lá foi procural-a ao outro mundo.

As lagrimas desta mulher que nome teem, senão são a sublime poesia da ternura, que eu ainda agora encontro pela primeira vez!... — disse eu entre mim, de modo que o estomago me não ouvisse. E as cinzas, que foram coração, estremeceram levemente.

VII

Ao amanhecer do dia seguinte ouvi a voz do sargento-mór, que passeava no pomar contiguo á casa.

Desci ao pomar, e perguntei-lhe se tinha resolvido seriamente dar-me sua filha.

O velho encostou o queixo ás mãos que assentavam sobre uma bengala alta de canna encastoadá em marfim, e disse :

— Eu tenho uma só palavra : sou o sargento-mór de Soutêlo, cavalleiro professo na ordem de Christo desde 1812, e cavalleiro da ordem da Verdade, filha de Christo, desde que me conheço. Dou-lhe minha filha, com a condição de que o sr. Silvestre hade viver commigo, em quanto eu vivo for ; depois, se quizer leva a mulher para sua casa. Não a doto com isto nem com aquillo. Tudo que eu tenho e tem meus irmãos d'ella é. O senhor entra aqui mais como filho, que como genro. Come, bebe, e veste da casa. Os rendimentos da sua applique-os ao desempenho d'ella, que, pelos modos, o senhor lá por esse mundo gastou muito e mal. Pagou o tributo ; todos o pagam cada um por seu feitio. Eu tambem as fiz boas, e vi-as fazer peiores a meus irmãos padres, quando já tinham a cabeça rapada. Agora com aguas passadas não móe o moinho. Faça-se homem, e descanse. Mande ao diabo as extravagancias e os prazeres das cidades. Aqui é que reina a paz e a alegria nas boas consciencias.

Proseguiu o sargento-mór até que a filha assomou à janella da cosinha, dizendo :

— Venham d'ahi ao almoço.

— O senhor vae hoje ou fica? — perguntou, no caminho para casa, o velho.

— Vou dar as providencias necessarias, e volta-rei, passados vinte dias, para ficar.

— Isso é decidido? É palavra de cavalleiro?

— Não mereço que o respeitavel pae de Thomazia me faça essa pergunta.

— Desculpe á minha satisfação estas duvidas. Boas são as venturas de que a gente duvida, quando as tem já na mão.

E abraçou-me com os olhos humidos.

Estavamos á mesa. Thomazia, segundo o seu costume, andava da sala para a cosinha, levando e trazendo pratos e iguarias.

O pae mandou-a sentar ao meu lado.

Padre João, meu visinho da direita, rolou o addomen para dar logar á sobrinha.

Thomazia parecia outra no acanhamento, e não desfitava os olhos do pae.

— Tu que me queres, moça, que olhas tão sisuda para mim? — disse elle. — Ó rapariga, o sangue parece que te quer saltar pela cara! É assim, é assim que eu vi tua mãe ha trinta e dois annos. O casamento d'ella foi tal qual como o teu. Soube-o na vespera do dia, como tu, e eu resolvi-me, de á noite para pela manhã, porque ella era virtuosa, traba-

lhadeira, e pura como as estrellas do céu. Ahi tens o teu noivo, Thomazia. Bebamos á saude do nosso Silvestre!

Sahiram do armario sete canecas de louça da India com que as saudes se fizeram.

— São as mesmas que serviram ha trinta e dois annos em casa de meu sôgro — disse o sargento-mór.

Eu fiz um brinde em termos chãos á minha nova familia.

Durante o almôço, Thomazia nunca me esperou um olhar.

Findo o almôço, perguntei por ella para despedir-me, e soube que estava na igreja.

Esperei-a. Entretanto, padre João entregou-me a certidão de idade da sobrinha, e pediu-me que no mais breve termo lhe remetteste a minha para se lerem os banhos.

Voltou Thomazia accelerada porque a foram chamar. Logo que pôde fallar-me a sós, tirou do peito um embrulho, e deu-m'o, pedindo-me que lançasse ao pescoço o que ia dentro do lenço. Despedi-me, e abracei-a. Thomasia não quiz que outra pessoa me segurasse o estribo, quando eu montava.

— Já cuida d'elle como de coisa sua! disse o velho a rir, e os padres riam todos.

Depois, tornou ella dentro á casa, mandando-me que esprasse um pouquinho, e veio logo como um pequenino alforge.

— É para o caminho, disse ella, atando-o ás fi-vellas da sella.

Dei o ultimo adeus, e Thomazia subiu ao topo de um outeiro d'onde se avistava grande espaço de estrada, e ali estava acenando-me até que me sumi n'uma baixa de serra.

Abri o embrulho : era um *Agnus-Dei*, encastoadado em prata. O lenço, que o envolvia, tinha no centro um coração com muitos aleijões, atravessado por uma flexa que a caprichosa bordadeira deixava ver em todo o seu comprimento, de modo que parecia uma setta grudada ao coração.

D'ali tres leguas, sentei-me á sombra d'uns azinheiros, e abri o alforge : era uma gallinha assada, uma cabaça de vinho, e um pão.

A leitora de coração fino e melindroso pergunta-me se eu gostei d'aquillo, se me não seria mais saboroso encontrar um ramo de flores ?

Não, minha senhora, eu gostei muito mais de encontrar a gallinha, o pão, e a cabaça.

Os prazeres das flores cedo-os bizarramente aos amadores de v. ex.^a, e a v. ex.^a não levo a mal que se ria da filha do sargento-mor de Soutêlo, que punha flores aos sanctos, e cuidava seriamente do estomago das pessoas que lhe eram caras.

VIII

Cheguei a minha casa, e estranhei-a como se não fosse a minha.

Vi uns velhos criados, que se moviam taciturnos e tristes. Pesava-me no peito aquella solidão, mais amargurada pelas lembranças da infancia. O espirito refugiava-se em Soutêlo, e eu pasmava de não sentir renascer o coração ao calor d'aquelles desejos, que similhavam saudades.

Abreviei os meus arranjos, fazendo ler o primeiro proclame do meu casamento no dia immediato que era domingo, dispondo novos arrendamentos dos bens, demitindo-me da regedoria, e comprando na villa proxima algumas prendas de noivado.

N'estes preparativos, andava commigo um contentamento placido e sereno como eu nunca houvera experimentado. Adormecia e acordava alegre, bem que esta alegria do despertar não fosse um alvoroço, uma embriaguez de gôso como eu sentira em outra idade, nos ephemeros prazeres, ou meras esperanças de os alcançar. Agora, a minha satisfação era toda ver-me sequestrado do mundo, estimado de cinco velhos felizes, ligado a uma mulher innocente, moldada pelas doces imagens que eu julgava extinctas nos tempos biblicos. Figurava-se-me a minha vida futura no decurso de trinta annos, que podia ainda viver. Antevia a uniformidade dos meus dias, eguaes, socegados, vividos na intimidade, no trabalho sem fadiga, e no respeito e estima dos meus conterraneos. Lia da minha pequena livraria os poetas bucolicos, e especialmente relia e decorava uma ode de Melendez, que principiava assim:

*Ya vuelvo á ti pacifico retiro:
 Altas collinas, valle silencioso
 Término á mis deseos,
 Faustos me recebid ; dadme el reposo
 Por que en vano suspiro
 Entre el tumulto y tristes devaneos
 De la corte enganosa :
 Con vuestra sombra amiga
 Mi inocencia cubrid, y en paz dichosa
 Dadme esperar el golpe doloroso
 De la parca enemiga...*

.....

Algumas vezes interrogava a minha consciencia, perguntando-lhe se eu amava Thomazia. Não me respondia, por se julgar desauthorizada para a resposta. Ao coração é que tocava o discutirmos semelhantes pontos de pouquissima importancia para o complemento da minha felicidade. Eu tinha lido a Biblia, e não vira lá os patriarchas offerecendo ou pedindo amor ás mulheres com quem se esposavam. Booz não diz a Ruth que a ama. Jacob, com quanto desympathise com os olhos doentios de Lia, não se declara amoroso de Rachel. Abrahão casou com Sara, sem se dispender em maravilhas do coração. Na idade de ouro, a mulher era a femea do homem: casavam para procrearem, segundo suas especies, e procreando envelheciam ditosos.

O amor inventou-o depois o estragamento dos bons costumes gregos e romanos, como coisa necessaria e acirante aos paladares bôtos dos filhos viciosos das cidades.

Ainda agora nas aldêas, afastadas dos focos da corrupção, coisa que eu nunca ouvi dizer é: « A Maria do Ribeiro *ama* o Antonio da Capella. » Lá não se diz *ama*; é — *querem-se*. « Quererem-se » é outra coisa; é amalgamarem-se n'um só ser, em uma só vontade, n'uma identidade d'alma e corpo tal, e tão uma, que nem sequer cogitam se ha desgraça com força de desunil-os áquem da morte. E para lá da sepultura ainda elles teem como segura a vida immortal em união de penas ou glorias.

O amor dispensa-se onde está a profunda estima. Lá, n'esses consorcios bemaventurados, que florescem obscuros nas gargantas das serranias, e nas selvas, que bordam as margens dos rios, não ha tempo nem occasião de discutirem subtilezas do coração. Crê-se ali que o vinculo é eterno, e o sacramento do matrimonio uma religião, ou o dogma mais sacratissimo d'ella. Póde ser que nem isto mesmo penssem: o que elles devéras sabem é que são felizes.

Eu scismava estas e outras coisas, quando me estava preparando para entregar a minha vida ás quietas delicias d'um casamento, que faria rir de piedade os meus amigos.

IX

Fui.

No carvalhal que fôrma o ádito da povoação de Soutêlo, esperavam-me os quatro clerigos, o sargento mór, o abbade, o boticario, e o juiz eleito. Abraçaram-me todos sem ser apresentado aos tres persona-

gens, que ampliavam o circulo das minhas relações. Aquella boa gente das aldêas vem direita a um homem dá-lhe um abraço de amolgar as costellas, e levanta-o ao ar na vehemencia de sua credulidade. Coisa que nunca por lá me disseram foi : « Aqui lhe apresento o sr. Fulano. »

Os fulanos da aldêa julgam-se sempre assás visíveis para dispensarem que outrem diga d'elles : « aqui lh'o mostro. »

Abalamos d'ali para casa.

Thomazia veio receber-me ao patim da escada, e logo me perguntou pelo *Agnus-Dei*. Mostrei-lh'o, tirando-o do peito. A contente moça beijou a reliquia, e disse :

— Vê, meu pae? cá o tem ao peito. Vm.^{co} dizia que o sr. Silvestre não punha isto!... Eu bem sabia que elle era christão!

Estava a mesa posta, e coberta de pratos de trutas e escalos, entre açafates de fructa.

Merendamos, e ficamos em palestra na varanda de cantaria até ao toque das Ave-Marias.

Depois da reza, saíram os convidados : os padres tambem saíram para rezar breviario, o sargento-mór foi tomar um banho no rio, e eu fiquei sósinho com Thomazia.

Coaxavam as rans, e zumbiam os bizoiros. Dos soutos e carvalheiras vinha o pio gemente das corujas e dos môchos. Os morcegos voejavam por entre os pilares da varanda. Nas côrtes, visinhas da casa, ba-

lavam os cordeiros, o refocilavam-se as cabras, produzindo o som cavo do embate das marradas:—divertimento que a humanidade usa com menos estrondo e mais ás claras.

Tomei a mão de Thomazia, e disse-lhe :

— És muito minha amiga ?

— Sou, respondeu ella, dando a outra mão, que eu apertei entre as minhas.

— És feliz em casar commigo ?

— Agora é que tenho quanto desejo.

— E, se eu não voltasse, se eu não casasse commigo, eras desgraçada ?

— Deus me livre ! Morria como a menina de Chaves.

— E, se te dissessem que eu gostava d'outra mulher, querias-me ?

— Se o sr. Silvestre gostasse d'outra, não me queria a mim.

— Mas se eu viesse a gostar depois de casado ?

Thomazia retirou as mãos. Não sei se perdeu a côr, que era insufficiente a claridade das estrellas para este estudo.

— Porque tiras as tuas mãos das minhas ? ! perguntei.

Thomazia deu-as outra vez, sem responder.

Insisti na pergunta.

— Isso não pode ser — disse ella.

— O que não pode ser ?

— Casar commigo, e gostar d'outra depois... Meu

pae quiz sempre muito a minha mãe, e todos os casados, que conheço, são como era meu pae.

— E eu serei como elles, minha amiga. Não penses mais n'estas perguntas.

Abracei-a, dei-lhe um beijo na face, e deixei-a ir dar as ordens para a ceia.

O beijo recebeu-o sem estremecimentos de pudor, como as donzellinhas dos romances.

X

Dois dias depois, ás seis horas da manhã, ouvi um tiroteio que vinha soando das montanhas e valles comvisinhos da aldeia.

Eram os amigos do sargento-mór, chamados e não chamados a festejar o casamento da *morgada*. Assim a denunciavam por ser filha unica.

Encheram-se os extensos cazarões de gente. Chamavam lá cobrados e cazarões ao que nas terras, onde já chegou a illustração das palavras, se chama «salas».

Vinham á mistura com os lavradores, muitas moças de alegres rostos, com abadas de flores desfolhadas.

O juiz eleito vestia cazaca, e o boticario parecia trazer na gola da sua, todo o laboratorio pharmaceutico.

Thomazia trajava de setim azul. Fôra mandado ir de Chaves o vestido. A irmã do juiz eleito, que estivera a banhos na Foz, penteou-a á moda do Porto; mas a minha noiva, vendo-se ao espelho, desmanchou o penteado, e formou da grande trança loira

um diadema, sem mais enfeites que uma rosa de Alexandria. Por cima dos hombros, que o vestido deixava nus, lançou Thomazia um chaile de toukin escarlata, que eu havia mandado a minha mãe, e ella nunca vestira.

Sahimos para a egreja entre alas de activo bombardeamento. Eram centenaes de pessoas d'ambos os sexos.

As velhas erguiam as mãos aos céos, exclamando : — Como tu vaes linda ! Bemdito seja Deus ! Pareces Nossa Senhora !

Confessamo-nos, commungamos, e recebemos as benções.

Desde que sahimos da egreja até á entrada de casa, caminhamos sempre debaixo de nuvens de flores. O estrondo dos bacamartes era atrozador, e os dois sinos da freguezia repicaram desde que sahimos do templo até ao anoitecer desse dia.

Meia hora depois que chegamos, entrei no quarto de minha mulher, e encontrei-a de joelhos diante d'uma imagem de *S. João dos Bem-Casados*.

Ergueu-se ella, benzendo-se, e esperou que eu a beijasse pela segunda vez. Penso que o publico me releva a confissão de que, ao dar-lhe este segundo beijo, encontrei os labios. Era o instincto das sensações agradaveis, mas honestas, que ensinou a minha mulher o segrêdo do maximo prazer de um beijo.

Estava o almoço na meza.

O editor ao respeitavel publico

Os authographos do meu amigo Silvestre da Silva carecem de nexo e ordem, desde a data do seu casamento. Salta logo aos olhos que o illustre autobiographo, chegado ao marco da bem-aventurança, quedou-se a repousar da peregrinação — Deus sabe quão penosa! — que trouxera pelas precipitosas veredas de seu passado.

Vejo aqui muito fragmento de obras bosquejadas, sobre assumptos de hygiene caseira. Os mais aproveitaveis tendem a mostrar que a deusa da fortuna è a predilecta amiga dos que submettem a vida ao regimen suave da materia, e só exercitam seu espirito para corrigir-lhe as demasias. Estes trechos soltos acho-os enfeixados sob o titulo: *A felicidade pelo estomago*.

Ha outros manuscriptos que encarecem o egoismo, mas o racional egoismo de Bentham. É esta uma das suas maximas: « o homem só vive bem com os outros quando vive mais para si. » E n'este ponto de sentenças podia eu mostrar, se tivesse paciencia para copial-as, que Silvestre da Silva, se cultivasse o ge-

nero, poderia ser um La Rochefoucauld fóra de Soutêlo.

Pospondo como coisas da segunda ordem as manifestações intellectuaes de Silvestre, vou tentar, auxiliado pelos apontamentos d'elle, e noticias que alcancei, organizar a successão dos factos posteriores ao casamento.

Silvestre foi eleito presidente da camara de Carrazedo de Monte-Negro, que assim se denomina o concelho onde a ventura lhe bafejara o outono da vida. Estreiou-se nas funcções municipaes mandando construir uma porca nova para o sino da igreja, é compor uma estrada descalçada que lhe passava á porta; depois propoz em sessão que se pedisse ao governo uma estrada do Porto a Chaves, com um ramal por Soutêlo.

Este alvitre creou-lhe creditos, que foram um espeque á sua reputação algum tanto abalada com o facto de consumir os dinheiros do cofre municipal na reconstrucção do caminho de sua exclusiva serventia. Mais meiga lhe soprou a aura popular, quando elle, mediante a solitudine do deputado, que fizera eger, conseguiu que o concelho de Carrazedo absorvesse, na divisão do territorio, outro concelho limitrophe.

Nas proximas eleições, Silvestre da Silva, sem inculcar-se aos povos, nem recommendar sua candidatura, foi eleito deputado, contra vontade das auctoridades.

Thomazia, sabendo que seu marido se apartava d'ella no segundo anno de casada, fez tamanha e tão sincera choradeira que Silvestre desistiu da candidatura, e fez que no escrutinio supplementar saísse deputado o juiz eleito, que tambem não serviu por se ter recusado a prestar o juramento, como legitimista que era de entranhas.

O governo chamou ao seu partido a influencia de Silvestre, e conseguiu fazer eleger no seu circulo um candidato desconhecido aos eleitores. Ganhou com isso o genro do sargento-mór uma commenda para seu sôgro, e outra para elle, e uma abbadia pingue para o padre Athanasio, tio de sua mulher. Em consequencia do que, todos os padres voltaram a sotaina, e proclamaram a legitimidade da senhora D. Maria II, com grande desgosto do juiz eleito, que rompeu relações com a familia dos renegados, ou *arrenegados*, como elle dizia.

D'esta desavença resultou que os jornaes do Porto aggrederam Silvestre da Silva, acoimando-o de desviar os dinheiros do municipio em beneficio das suas propriedades.

Agora é tempo de dizer que Silvestre saira muito empenhado do Porto, e os credores o tinham em conta de insolvente por saberem que a sua pequena casa estava hypothecada a dividas mais antigas. Ora, como quer que os credores o vissem tratado nos periodicos como proprietario, e indagassem, até saber que elle casara rico, e onde, remetteram depreca-

das para elle ser citado com sua mulher. Então se saiu Silvestre com uma escriptura nupcial, em que os bens havidos e por haver de sua mulher ficavam isentos de pagar as dividas do marido, contrahidas até á data do casamento. Os credores mais antigos saíram com as suas acções de execução sobre as hypothecas, e retiraram pasmados de verem copias de escripturas anteriores. O certo é que Silvestre da Silva, se necessario fosse, mostraria que seus avós tinham hypothecado a casa, alguns seculos antes de ella existir.

É mui pouco de louvar-se este proceder ; mas uma razão illustrada concede que o homem mal tratado pelas mulheres, se vingasse nos credores. Um espirito sublime, quando trata de despicar-se, vinga-se em globo, Verdadeiramente inultos são aquelles que nem credores teem, sequer !

O sargento-mór, com quanto fosse carácter dos bons tempos, transigiu com as velhacadas do genro, e admirou-lhe a esperteza. A commenda illuminara-lhe o espirito, a cuja luz elle viu as coisas, os homens, e a época.

Ao terceiro anno de casado, Silvestre formava com o peito e abdomen um arco. A gordura embargava-lhe a acção, e abafava-lhe o espirito nas enxundias.

Vi-o na Foz, e conheci então a sr.^a D. Thomazia, e seu pae, e um menino de dois annos, que era a doidice do avô.

Fallei em assumptos litterarios com o meu antigo

collega na imprensa. O homem ria-se de mim, e dizia :

— Ainda estás n'isso, pobre zote !? Esquece-te, brutaliza-te, faz-te estomago, se queres viver á imagem do Deus, que faz os homens n'este tempo !

O unico livro, que lhe vi á cabeceira da cama, era a *Physiologia do paladar* de Brillat-Savarin, e a *Gastronomia*, poema de Bouchet.

Pedi-me que fosse passar com elle uma temporada a Soutêlo, se queria voltar ao mundo com alma nova. Annuí, e lá me detive dois mezes, voltando com o estomago arruinado pelo sarro do muito toucinho, sobre o qual o meu amigo me promettia reconstruir o aparelho espiritual.

Observei, na Foz, que Silvestre procurava a distracção do jogo : dizia que a fortuna dos seus creadores dependia dos ganhos que elle obtivesse. Os credores do meu amigo perdiam com elle, como pessoas infelicissimas que eram.

Explicava Silvestre a excentricidade d'este modo :

— Quando me eu entregava de olhos fechados ao mundo, julgando-o bom e de nenhum modo interessado em ludibriar-me, o mundo folgou de explorar um tolo que abria o coração e a algibeira a todas as perfidias e zombarias.

Não tive um sincero amigo, que me dêsse dinheiro sem primeiro me furar as algibeiras para o aparar com uma das mãos, em quanto a outra m'o emprestava, já cerceado dos juros. Os meus mais

dedicados amigos serviam-me de indicadores de usurarios, que me davam o decimo do valor da lettra, que eu assignava. Era um jogo de ladrões ; foram emprestimos da infamia ; só podem ser pagos com infames meios. A consciencia de Santo Antonio, e de S. Francisco das Chagas não foram mais puras do que ha de ir a minha á presença do Supremo Juiz. Creio que não devo nada, porque os juros que paguei excedem o capital : ora o que eu não devo, só por absurdo posso pagal-o com o que não fôr meu.

Parece-me que a logica manqueja n'esta argumentação. Seja como fôr, ha muito quem deixe de pagar como Silvestre da Silva ; mas não pagar, firmado em raciocinios, á primeira vista, irrefutaveis, n'isso è que elle foi singular.

Direi o que me pareceu a vida domestica do meu amigo.

D. Thomazia adorava-o, e, sem o querer, polira-se por amor d'elle, a ponto da renunciar ás suas antigas occupações de portas a dentro. Andavam á competencia de quem engordaria mais ; e, nas horas de dormir, excediam a toda a gente, menos um ao outro. Silvestre levara do Porto um cosinheiro, que contribuiu grandemente para derrancar o estomago do sargento-mór e dos padres. A mesa de Silvestre cobrou fama nos arredores, principalmente depois que o boticario, commensal insaciavel, morreu de uma indigestão de almôndegas. Estava sendo

no verão que eu lá passei, muito concorrida a casa de familias remotas, entre as quaes vi gente que o diluvio respeitou, e eu tambem.

Posso jurar que Silvestre nunca deu sombra de ciume a sua mulher. A segurança, em que mutuamente se tinham, é escusado dizel-a. D. Thomazia era folgazã, ria até rebentar, fazia rir com as suas simplicidades: porém, no que diz respeito á invulnerabilidade da sua castidade de esposa, nunca ninguém, excepto a leitora casada, me deu tão alto grão de certeza. Era bella, a não poder ser mais, aquella mulher de trinta e dois annos! A mesma exuberancia de carnes parecia enfeitar-lhe as fórmãs d'uma certa magestade, que fazia o terror de v. ex.^a, menina de Lisboa, cuja cintura, como a quebrar-se, vae ondeando ao capricho da brisa.

Mais de uma vez tentei espartar o entorpecido engenho do meu amigo, recordando as nossas palestras litterarias nos cafés, e citando passagens mais conhecidas dos seus folhetins. Silvestre acordava por instantes, ouvia-me com aspecto melancolico de saudade; mas para logo retomava o ar alarve e motejador de quem se bandéa com os mofadores das letras. Aqui se me depara agora uma poesia, que elle, em hora bem-humorada, tirou d'esta mesma pasta para me ler. Quando a releio, e aquilato a tendencia satyrica de Silvestre, mal posso perdoar ao mundo que o exilou da patria luminosa do espirito para as trevas estupidas da uma vida, cuja fe-

licidade eu desejaria, como vingança, a quem m'a aconselhasse. Aqui tem o leitor os versos:

« Da ôca ostentação as vans negações,
E os tantos seus *ridiculos* tamanhos,
Fazem chorar e rir.

Ó eras primitivas dos rebanhos,
Ó tempos patriarchaes
Deixae que possa esta alma refflorir !

« A filha de Labão enchia a bilha;
Penélope, a rainha, ensaboava
Os carpins conjugaes.

Lucrecia com a roca sirandava,
E muito grandes damas,
Faziam tudo aquillo, e muito mais.

« E era um gosto ver como ellas tinham
As casas petrechadas, trastejadas
Moirejadas, varridas !

Curavam por mãos suas as meadas,
Teciam suas teias
E tinham sempre as arcas bem fornidas.

« Ao domingo, depois de ouvirem missa,
Cuidavam do jantar á portugueza,
Farta sôpa e cozido.

Depois, para ajudar a natureza
Vam dar seu passeio
Desentourindo o bucho entumecido.

« Ao lusco-fusco, as portas se trancavam,
E marido e mulher, n'uma só alma,
E n'uma cama só,

Resonavam em doce e mansa calma ;
Sonhavam sonhos d'ouro,
E amor os estreitava em mago nó.

«Ó tempos patriarchaes!... Com que saudade
 Eu, filho destas eras pataratas,
 Invejo os meus avós!
 Vivieis pendurados dos rabichos,
 Virtudes portuguezas!
 O rabicho cahiu, cahistes vós.

«E agora... ai! que desmancho, que toleimas,
 Que gente, que nação, e que costumes
 Os teus, ó Portugal!
 Se ha civilisação, é só nos lumes,
 Nos lumes-promptos só;
 E, se teimam que ha luz, é infernal!

«Vão ver o que se passa em cada casa,
 Que vive á lei de gothica nobreza,
 E seus festins nos dá!
 Se é jantar, o talher que vem á mesa,
 O usurario o dera
 Em troca do serviço que é do chá.

«Se é baile, vae em troca do serviço
 A inutil baixela do jantar;
 E assim se faz figura;
 E, se é jantar e chá, vão-se alugar
 Ao sordido judeu
 Ambas as coisas, que absorve a uzura.

«As familias do tom mais miserandas
 Aquellas são que tem sege em cocheira
 E seu guarda-portão;
 Que dos riscos de giz do mercieiro
 Deduz-se que a barriga
 É immolada ás glorias do braço.

« São moda agora uns fofos vaporentos
Omelettes soufflés denominados,
E *omelettes sucrées* ;
Emblema são do tempo estes bocados,
De todo o ponto avéssos
Ao estomago sincero portuguez !

« Pondera alguém que as raças se depuram
Ao passo que a tintura vermelhaça
Dos semblantes se some ;
Dizem que a pallidez extrema a raça ;
Mas eu de mim não creio
Que seja perfeição : acho que é fome. »

Em caução da minha critica, declaro que me afasto dos admiradores de Silvestre, se alguns elle tem, como poeta. A genuina poesia não é aquillo, nem o foi nunca. O poeta puro-sangue levanta-se sobre o lôdo da vida real, e senhorea-se dos milhares de mundos que Deus creou para os genios, e os genios tomaram das mãos de Deus para cantal-os. Poeta, que canta a sôpa e o cosido, falsêa a sua vocação de mediocre cosinheiro. Assim é que eu, zeloso sacerdote da arte, intendo a poesia, e nem aos mortos indulto. Antes quizera ter de o criticar sómente por umas bagatellas metricas com que Silvestre da Silva algumas vezes rastreou Nicoláo Tolentino. A mordacidade distancia-se da poesia quanto as *Satyras* de Boileau descriminam das *Contemplações* de Victor Hugo. Aqui se traslada, ainda assim, o genero em que prelevou Silvestre, á competencia

com Faustino Xavier de Novaes, ambos para assim
o dizer, feridos do mesmo dente da musa mordente:

.....
.....

« Eu já fui rapaz do tom,
E, com pesar de o ter sido,
Resolvi fazer-me bom ;
E ao mundo que hei offendido,
Em paga, faço-lhe um dom.

« Dos meus collegas, é certo,
Que os artificios traidores
Hei de mostrar bem de perto.
Quero pôr a descoberto
Seus planos seductores.

« Quando a victima incauta,
(Quero dizer a donzella),
Chilreando em tom de flauta,
Lança á noite da janella
Cartinha escripta por pauta :

« O poetrasto entra em casa,
Devora, soffrêgo, a empada,
E, se não é maré vasa
De inspiração desgrenhada,
Bate do estro a negra aza.

« O que primeiro lhe acode
Não é o ardente dizer,
Que pintal-o melhor póde ;
Primeiro, cumpre saber
Se ha de ser canção ou ode.

« Vae, depois, pondo em fileira
As regrinhas desazadas ;
Arrepella a cabelleira, .
Roe as unhas mal lavadas,
E, por fim, rebenta asneira.

« Bórria a pintura que fez,
E versos novos maquina ;
Recorda d'outros que, ha um mez,
Mandára a certa menina,
Que, com elle, amava trez.

« Nova edição incorrecta
Da cataplasma damninha
Impinge o vesgo poeta
Á analphabeta visinha
Que engole os versos e a peta.

« Engole, digo, pois quando
Ella, com custo, os soletra,
Parece estal-os mascando ;
E admira não ver *setra*
Com dois corações sangrando !

« Repete os versos á amiga
Que diz nunca os vira eguaes ;
Mas, não sabendo o que diga
Em resposta a mimos taes,
Manda-lhe velha cantiga.

« Os diques da inspiração
Rompem-se alfim em torrentes
De fructos de maldição ;
Não são trovas, são candentes
Jôrros de accêso vulcão

« Já começa a dar gemidos
A imprensa pouco honesta
Com os versos nunca lidos,
Que o leitor grave detesta
Porque os fins são já sabidos.

« E não leva a bella a mal
Que o mundo diga que é ella
Quem figura no jornal,
Disfarçada em nivea estrella
Com promessas de immortal.

« Á inveja de certa amiga
Nem isto quer que se esconda ;
E, soberba, se impertiga,
Vendo-se em lettra redonda,
Do pae cruel inimiga.

« Já o vate eximio abarca
Um pensamento profundo,
Vem-lhe à memoria Petrarca,
Que deixou cá n'este mundo
Laura zombando da parca ;

« E est'outra Laura, tão sua,
Quer fazel-a eterna em verso ;
E, quando pensa que actua
Na admiração do universo,
Não o conhecem na rua.

« Trinta cadernos aprompta
De pavorosa escriptura,
Tira prospectos por conta
De equivoca assignatura,
Que por um terço desconta.

« Sae a lume, e em trevas morre,
Filho da asneira e do amor,
Livro que insomnias soccorre;
Mas quem risco amargo corre
É de certo o impressor.

« Entretanto, a virgem meiga
Os versinhos, dôce prenda,
Cada vez mais n'alma arreiga,
A tempo já que na tenda
Se embrulha n'ella manteiga.

« Vive na fé, todavia,
Que do amante a loquaz fama,
Que até aos astros a envia,
Já seu talento proclama
Muito além da freguezia.

« E, convicta d'isto assim,
Tendo-se em conta de eterna,
Julga ser mister ruim,
Coser ceroula paterna
Ou remendar o carpim.

« Infeliz pae! que afflicções
Não tens tu de amargarur
Ao tirar dos gavetões
A piuga sem calcanhar,
E a camisa sem botões!

« Em velhice desditosa,
Doe-me ao ver-te submerso!
Em quanto a filha radiosa
Se fez immortal em verso,
Morres tu em chilra prosa.

.....
 « Mas, ó patusca poesia,
 És a varinha de condão,
 És no deserto agua fria,
 És taboa de salvação,
 És pharol que á patria guia !

« Sem ti, doce companheira,
 Amiga, socia fiel,
 A fabrica da Abelheira
 Não venderia o papel,
 Nem teria premio a asneira,

« Nem seria a mulher rôla,
 Nem celeste o seu sorriso,
 Talvez fosse menos tôla,
 E tivesse mais juiso ;
 Mas isso de que consola ? »

.....

Ahi teem as futilidades com que, a grandes intervallos de tempo, se sahia aquelle espirito, que tão bem-sorteado entrára na republica das lettras ! Vejam como se descompadem a felicidade estúpida do marido de Thomasia e o engenho ! Quão melhor lhe fôra pedir elle á sociedade que lhe rasgasse de novo as cicatrizes, e instillasse n'ellas o veneno que transpira depois em vociferações eloquentes na comedia, no poema, e no romance ! Ao menos, aquelle brilhante astro, afogado no charco do estomago, irradiaria como tantos outros infelizes em volta da região intangivel da felicidade, e o mun-

do, que o crucificara, seria depois o primeiro a apregoar-o grande.

Sahi de Soutêlo no fim do verão.

Silvestre acompanhou-me aos banhos da Povia, e já vinha com todos os symptomas de cachexia, resultante da immobibilidade, e cansasso das molas digestivas. Retirou-se para a provincia, logo que os primeiros banhos, e as primeiras perdas ao jogo lhe molestaram o corpo e o espirito. De lá me escreveu, contando os progressos da doença, e prognosticando o seu proximo fim. N'esta carta promettia o meu amigo legar-me os seus papeis, com plena auctorisação de divulgá-los, se eu visse que podiam ser de proveito para a iniciação da mocidade. Á maneira do moralista Duclos, dizia elle: *J'ai vécu, je voudrais être utile à ceux qui ont á vivre.*

Poucos mezes depois recebi da mão de um almoceve uma chapelleira de coiro repleta de embrulhos, que me enviava a sr.^a D. Thomazia, e uma carta do sargento-mór asseverando-me que seu genro morrera, como um passarinho — a morte do justo; com a differença que não ajustou contas com os credores, para quem a salvação do meu amigo é coisa muito duvidosa...

Na carta do saudoso sogro vinha o seguinte soneto que o moribundo fizera, á imitação dos distinctos genios de ambos os sexos, que sonetaram á hora da morte, taes como a poetisa D. Catharina Balsemão, e Bucage.

O soneto resa assim:

Abri meu coração ás mil chimeras;
Encheram-m'ó de fel, e tédio, e lama,
Tive, em paga do amor, riso que infama...
Ai! pobre coração! quão tolo eras!

Dobrei-me da razão ás leis austeras;
Quiz moldar-me ao viver que o mundo ama:
O escarneo, a detracção me suja a fama,
E a lei me pune as intenções severas.

Cabeça e coração senti sem vida,
No estomago busquei uma alma nova
E enconral-a pensei... Crença perdida!

Mulher aos pés o coração me sova;
Foge ao mundo a razão espavorida;
E por muito comer eu desço á cova!

Bem se vê que o soneto era o da morte. Um grande merecimento tem elle: é ser o ultimo.

FIM

522

PQ 9261

• C3C78

1864

ALF Collections Vault



3 0000 118 150 386